Ideias em Destaque

Nº 53 - jan./jun. 2019

Instituto Histórico-Cultural da Aeronáutica

Edição

INCAER

Editor Responsável

Brig Ar R/1 Roberto Ferreira Pitrez

Projeto Gráfico e Diagramação de Textos

1S SAD Jailson Carlos Fernandes Alvim

2S BET Marcelo Alencar de Macedo

2S SIN Maurício Barbosa Cavalcanti Filho

2S TCO Tiago de Oliveira e Souza

3S SIN Rafael Alves Barreto

3S SIN Carolline Lins

Revisão e Impressões

Gráfica Editora F&F Ltda

Nossa Capa

Republic P-47D Thunderbolt

Ficha Catalográfica elaborada pela
Biblioteca do Instituto Histórico-Cultural da Aeronáutica

Ideias em Destaque / Instituto Histórico-Cultural da Aeronáutica.
v. – Quadrimestral até dez. 2014; a partir, semestral.

ISSN 2175 0904

1. Aeronáutica – Periódico (Brasil). I. Instituto Histórico-Cultural da Aeronáutica. II. INCAER.

CDU 354.73 (05) (81)

Os artigos publicados nesta revista são de responsabilidade exclusiva de seus autores e não representam, necessariamente, o pensamento do editor de Ideias em Destaque *e da Direção do INCAER.*

É permitida a reprodução, total ou parcial, dos artigos aqui publicados, desde que seja citada a fonte.

Apresentação

É com imensa satisfação que entregamos aos nossos prezados leitores a edição de número 53 da revista *"Ideias em Destaque"*, concernente ao 1º semestre de 2019.

Diferentemente das primeiras edições, que objetivava "abordar matérias relacionadas exclusivamente com a Aviação", modernamente, com o objetivo de tornar a nossa revista mais atraente, criativa e de agradável leitura, procuramos contemplar uma ampla gama de temas ligados não só à Aviação, mas também à Geopolítica, Polemologia, Assuntos Estratégicos, Psicologia, Conjuntura Nacional e Internacional, Logística e Mobilização, ademais de contemplar biografias de destacadas personalidades ligadas à historiografia aeronáutica brasileira e mundial.

Não poderíamos deixar de agradecer nossos prestimosos articulistas, que nos brindam, de modo contumaz, com seus excelentes trabalhos, contribuindo, sobremaneira, para que *"Ideias em Destaque"* se consolide, cada vez mais, como uma publicação de excelente qualidade e, consequentemente, de grande aceitação e prestígio no seio de nossa Família Aeronáutica, lembrando que estamos receptivos àqueles que desejarem colaborar com a nossa revista, nos remetendo artigos que sejam de real interesse de nosso público-alvo.

Nessa edição, iniciamos prestigiando mais uma vez nosso Museu Aeroespacial com um artigo deveras interessante sobre a história e a restauração do Republic P-47D Thunderbolt utilizado pelo 1º Grupo de Caça na Segunda Guerra Mundial, abordando pesquisa sobre a metralhadora Browning .50 M2 HB, que equipou o P-47; o emblema do *Senta a Púa!*, símbolo do 1º Grupo de Caça; e, finalmente, o detalhamento acerca das duas aeronaves *P-47* que estão sendo restauradas pelo MUSAL.

Em seguida, apresentamos um artigo de uma época um pouco mais recente, intitulada, pelo Brig do Ar Refm Clovis de Athayde Bohrer, "Meus Anos Dourados" período de 1964 a 1965, quando comandou o 5º Grupo de Aviação (5º GAV), importante Organização Militar que, desde então, vem formando os nossos pilotos.

Voltando à época da guerra, temos um artigo enaltecendo as mulheres, que apresenta histórias de patriotismo, bravura, heroísmo e desprendimento, onde essas heroínas realizavam atividades de Inteligência no Serviço de Operações Especiais da Grã-Bretanha.

Ainda na área de polemologia, o artigo "O aniversário de um grande guerreiro", que prestigia APOLLO MIGUEL REZK, oficial que combateu na Segunda Guerra mundial, que desde cedo tinha o sonho de trilhar a carreira militar, alcançado após muitas dificuldades e que resultou em um combatente que se destacou por sua liderança, coragem e determinação e culminou com o

recebimento da medalha "Distinguished-Service Cross" do Exército Americano, por heroísmo extraordinário em ação, distinção máxima somente concedida a este combatente brasileiro.

Dentro do contexto da Segunda Guerra Mundial, nos é apresentado um dos mais tristes e trágicos episódios da história marítima brasileira, que foi a sequência de ataques aos navios mercantes brasileiros, mostrando as covardes agressões perpetradas pelos submarinos do Eixo, que trouxeram muito sofrimento ou ceifaram a vida de milhares de compatriotas nossos.

Como consequência destes ataques, o Brasil se junta aos países Aliados para combater os países do Eixo e a recém-criada Força Aérea Brasileira (FAB) teve a oportunidade de operar em dois Teatros de Operações, com episódios heroicos e consagrados, com heróis, tradições e exemplos de dedicação à Pátria, muito bem relatados no artigo do Maj Brig Terroso.

Persistindo nos assuntos de guerra, o Desembargador Reis Friede nos brinda com um artigo atual que compara eticamente os conflitos de antigamente com as chamadas guerras de "Quarta Geração", a partir da segunda fase da Guerra da Coreia (11/04/1951), que marcou, em definitivo, a autolimitação do emprego do poder militar, e o próprio objetivo do conflito armado que, em sua dinâmica particular, deixou de visar (como na era pretérita) a obtenção da vitória militar e, consequentemente, o êxito político.

Mudando um pouco de diapasão, nesta edição temos a oportunidade de refletir sobre assuntos extremamente atuais e polêmicos, que o nosso assíduo colaborador Guilherme Pereira aborda de forma intrigante sobre notícias bombásticas do fim dos combustíveis fósseis, do aumento sistemático do CO2 na atmosfera, nos conduzindo a um inexorável aumento da temperatura global (*com a consequente liquefação das calotas polares que farão o nível dos oceanos subir de 30 a 100 metros, tragando nossas metrópoles*), do fim de nossos mananciais de água potável e outros acontecimentos cabalísticos.

Dentro deste aspecto, poderemos refletir também sobre o custo da geração de eletricidade, com o objetivo de encontrar formas mais eficientes e menos onerosas de *descarbonizar* o sistema elétrico, ainda utilizado amplamente em muitos países.

Voltando ao passado remoto, encerramos esta edição com um artigo sobre os principais *pensadores* da *Ciência Política*, que descreve a síntese de suas respectivas percepções sobre o *homem*, o *Estado*, o *governo*, a *lei* e o *direito*, considerando, especialmente, que a visão contemplativa e científica dos filósofos, durante o transcurso da história humana, muito contribuiu para a caracterização da Ciência Política na atualidade.

Ten Brig Ar R/1 Rafael Rodrigues Filho
Diretor do INCAER

Ideias em Destaque

Nº 53
jan./jun. 2019

Sumário

1. Restaurando Aeronaves no Museu Aeroespacial: as descobertas e os desafios dos nossos Republic P-47D Thunderbolt 7
Rachel Motta Cardoso

2. Meus anos dourados.....29
Clóvis de Athayde Bohrer

3. As incríveis mulheres do mundo das sombras.....60
Márcio Bonifácio Moraes

4. O aniversário de um grande guerreiro.....80
Sérgio Pinto Monteiro

5. O ataque aéreo ao Taubaté.....85
Marcus Vinicius de Lima Arantes

6. A ética na guerra.....91
Roy Reis Friede

7. A Força Aérea Brasileira na Segunda Guerra Mundial 99
Wilmar Terroso Freitas

8. Crises ecológicas – realidade e mito.....107
Guilherme Antônio Dias Pereira

9. Os custos da descarbonização 118
Leonam dos Santos Guimarães

10. Os principais pensadores do mundo ocidental.....125
Roy Reis Friede

12. Biblioteca Ten Brig Moreira Lima.....156
Nair de Laia

Restaurando Aeronaves no Museu Aeroespacial: as descobertas e os desafios dos nossos Republic P-47D Thunderbolt

Rachel Motta Cardoso

O presente artigo é fruto de uma dúvida oriunda do padrão de cores utilizadas na confecção do emblema do 1º GAvCa, o *Senta a Púa.* Para respondermos a este questionamento, fizemos pesquisas em diversas fontes primárias e secundárias. O objetivo era a coleta de informações que pudessem contribuir para a compreensão do processo de construção do emblema, bem como as cores utilizadas no período em que o mesmo foi criado. Desta pesquisa, outros temas surgiram e serão apresentados aqui e abordados ao longo de nosso texto.

No decorrer das pesquisas, visando responder a estas primeiras observações, fomos questionados acerca dos padrões de cores das metralhadoras que armavam as aeronaves Republic P-47D Thunderbolt durante a 2ª Guerra Mundial. Assim, este artigo também apresentará conteúdos que possam dirimir qualquer dúvida futura – ou contribuir para o aprofundamento do tema em trabalhos posteriores.

Por fim, como nossas duas aeronaves P-47D estão em processo de restauro, algumas identificações foram encontradas em sua carenagem. Em uma das nossas aeronaves, a unidade pintada como tendo sido o D-5, na verdade seria o A-6. Esta informação nos trouxe ao presente artigo que, a partir da documentação oficial do Museu Aeroespacial, visa esclarecer dúvidas acerca das origens das duas aeronaves e se a pintura presente em nossas unidades remete ao padrão original das mesmas.

Baseados nestes questionamentos e nessas diversas demandas temáticas, os membros da equipe de pesquisa deram início aos seus trabalhos. Os resultados obtidos até o momento serão apresentados em seguida.

1. A Pesquisa

Neste ponto de nosso artigo, trabalharemos com os seguintes temas: a metralhadora Browning .50 M2 HB que equipou o P-47; o emblema do *Senta a Púa!*, símbolo do 1º Grupo de Caça; e, finalmente, o detalhamento acerca das duas aeronaves *Republic P-47D Thunderbolt* que temos em nosso acervo e que passam por processo de restauro.

1.1.A Browning .50 M2 HB

Este tipo de armamento era o que compunha o sistema de ataque/defesa das aeronaves P-47 da Aviação do Exército dos Estados Unidos, a USAAF (*United States Army Air Force*). Com projeto voltado para o encaixe de oito metralhadoras, sendo quatro em cada asa, os P-47 norte-americanos utilizavam a Browning .50 HB M2 desde 1920.

De acordo com os manuais do Exército dos Estados Unidos, especificamente o FM 23-65 que trata da Browning .50[1], o cano diferenciado que verificamos em algumas imagens de nossos aviões é voltado para a utilização de munição de treinamento. O cano em questão é chamado de RABA (*Recoil Amplifier Barrel Assembly*) e é utilizado tanto no modelo M2, quanto no M3.

A dúvida, então, é quanto à cor do armamento. O que pudemos verificar em diversas imagens ao longo de nossa pesquisa é que tanto o cano na cor preta, quanto o da cor cinza é verificado em aeronaves P-47. No entanto, após análise do armamento e seus manuais, consulta aos especialistas de armamento do Museu e pesquisa de imagens de época, identificamos que o cano de cor cinza provavelmente é o RABA. Portanto, visando à originalidade do armamento à época, recomendamos à nossa equipe de restauro que fosse mantido o cano de cor preta, se quisermos dar a noção de um armamento real nas asas do nosso P-47.

---

1 FM 23-65 Browning Machine Gun, Caliber .50, HB, M2. Disponível em http://www.m2gun.com/.

1.1.1. P-47 e as imagens dos armamentos

Figura 1 - Linha de voo em Tarquínia (Fonte: LORCH, Carlos. A Caça Brasileira)

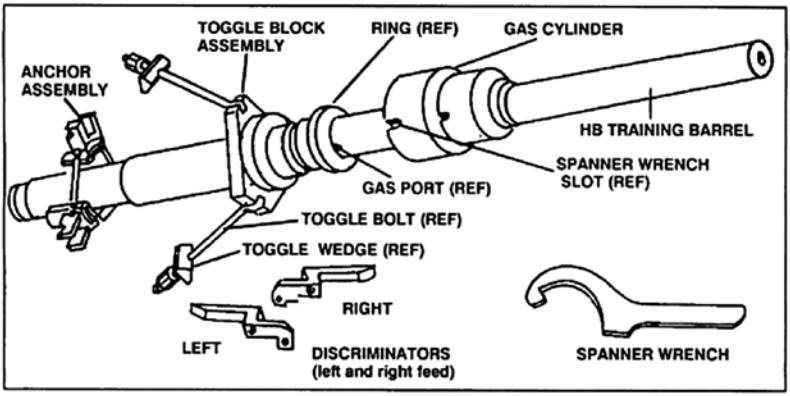
Figura 2 - Registro de abastecimento de aeronave (Fonte: "Avestruzes no Céu da Itália")

Figura 3 - Fonte: "Avestruzes no Céu da Itália"

Figura 4 - Fonte: "Avestruzes no Céu da Itália"

Nas duas imagens acima, identificamos a utilização de cor cinza. A Figura 4, no entanto, nos remete a um serviço de manutenção do armamento, em que podemos verificar a montagem do item RABA, cuja imagem veremos em seguida.

1.1.2. Browning HB M2 .50



O Recoil Amplifier Barrel Assembly (Fonte: US ARMY. "Item B-5", in: "Training Aids and Devices", Apêndice B, FM 23-65)

1.2. O Emblema do "Senta a Púa!"

A partir do acionamento da Seção de Pesquisa, para tentar responder ao questionamento acerca das cores originais do emblema do 1º GAvCa, ou seja, o *Senta a Púa!*, diversas fontes foram consultadas. Uma das primeiras imagens registradas foi o emblema que está pintado na carenagem de um P-47, presente em nossa exposição *FAB na Guerra*. Conforme consta em nossos dados, trata-se de um dos primeiros desenhos originais feitos em nossos aviões do Grupo de Caça.

Emblema do Senta a Púa! disponível na exposição "Fab na Guerra".

Pela imagem anterior, ainda que tenha sofrido alterações na coloração original em função do tempo de exposição e ação do tempo, notamos as diversas tonalidades utilizadas na pintura original do emblema. Atentemos para o vermelho, que não está caracterizado em tom brilhante, mas fosco e ligeiramente mais escuro. A partir deste detalhe, buscamos informações acerca dos padrões de cores utilizados no período e, também, a história do emblema.

1.2.1. História, Significado do Emblema e Padrão de cores

Explicação do emblema (Fonte: Com. Social do 1º GAvCa)

Conforme a heráldica do "Senta a Púa!" descrita pelo Instituto Histórico-Cultural da Aeronáutica (INCAER), podemos descrevê-lo da seguinte forma:

> Campo em blau (azul ultramar), tendo no coração um escudete circular filetado em jalne (amarelo) e sinopla (verde). O campo do escudete apresenta-se em goles (vermelho), onde se visualiza ao centro um aves-

truz estilizado em alaranjado, com o bico e pés em jalne (amarelo). Na cabeça, o avestruz traz um quepe em prata (branco) com aba em sable (preto) e crachá em jalne (amarelo) e blau (azul celeste). Sua penugem é em prata (branco), onde aparecem cinco estrelas em prata (branco) formando a Constelação do Cruzeiro do Sul.

O avestruz encontra-se atirando com um revólver estilizado, em prata (branco) e cinza (cinza), de onde sai uma bala na mesma cor e fumaça em prata (branco). Subposta ao avestruz aparece uma nuvem cúmulus em prata (branco), onde se encontra a inscrição "SENTA A PÚA" em sable (preto). Acima do avestruz, visualiza-se uma explosão em prata (branco) com centro em jalne (amarelo) e laranja e estilhaços em sable (preto).[2]

Esta descrição corresponde aos padrões e cores para o presente. Nosso objetivo aqui é identificar os padrões da época da criação do emblema idealizado pelo Capitão Fortunato.

Nos diversos livros que dizem respeito à história do Grupo de Caça[3] e que foram consultados pelos membros da Seção de Pesquisa Histórica, não conseguimos localizar qualquer referência ao padrão de cores utilizado naquele período. No entanto, ao levantarmos informações acerca da significação heráldica da Força Aérea Brasileira, encontramos o trabalho do Capitão QOEA SVA Osíris Gomes do Nascimento[4], sobre o qual trataremos a seguir.

Em seu artigo publicado em setembro de 2005, o Capitão Osíris trata da origem da Heráldica na Força Aérea Brasileira. De acordo

2 http://www2.fab.mil.br/incaer/index.php/heraldica-siscult/emblemas2.

3 Os livros consultados e que servem como exemplo neste trecho de nosso artigo são os seguintes: BUYER, John W. A História do 1º Grupo de Caça: 1943/1945. Maceió: J.W. Buyers, 2004; LIMA, Rui Moreira. Senta a Púa!. Rio de Janeiro: BIBLIEX, s/d; LORCH, Carlos. A Caça Brasileira. Nascida em combate. Rio de Janeiro: Editora Action, 1993; 1º GAvCa. Avestruzes no Céu da Itália. [S/N], [S/D].

4 http://www.au.af.mil/au/afri/aspj/apjinternational/apj-p/2005/3tri05/nascimento.html.

com o autor, foi justamente o contato com a Aviação do Exército dos Estados Unidos que definiu o marco da origem de nossa heráldica. Em treinamento com os militares da USAAF,

> Os nossos pilotos [do 1º Grupo de Aviação de Caça] foram impregnados, como tantos outros, pela misteriosa magia dos escudos coloridos, descobrindo que através da forma caricaturizada dos escudos podiam descarregar todas as tensões que os comprimiam (...).[5]

Esta observação também consta no portal oficial do INCAER. Em parte de seu sítio eletrônico destinado à heráldica, o nosso Instituto Histórico-Cultural da Aeronáutica confirma tal característica destacada por Osíris. De acordo com a descrição das origens de nossas "bolachas", elas remontam à tradição norte-americana na Segunda Guerra Mundial. Por fim, destaca-se que o desenho do *Senta a Púa!* foi a primeira bolacha criada na Força Aérea Brasileira, em 1944, pelo então Capitão Fortunato.[6]

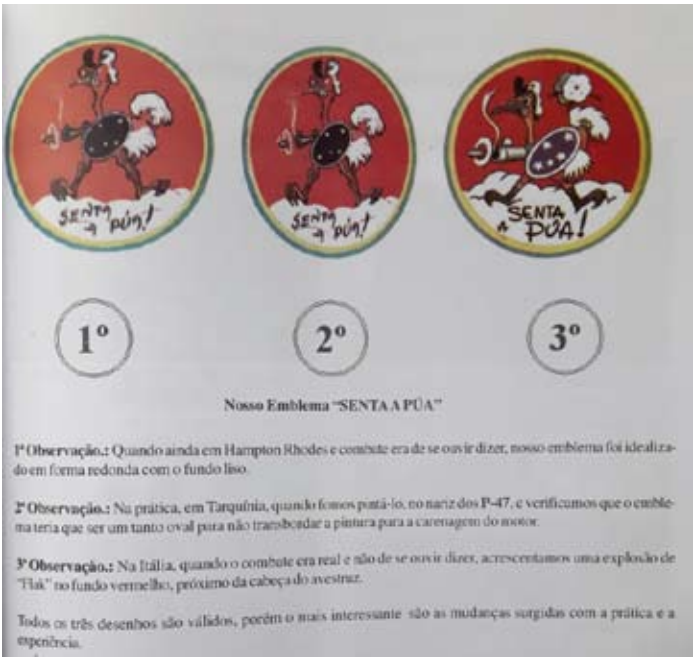
Além disso, como relatado em diversas obras, nossos militares no Teatro de Operações Europeu tiveram que utilizar símbolos americanos em suas fuselagens e, "Na medida em que fomos nos afastando do combate, também os escudos foram tomando novas formas e características".[7] Contudo, de acordo com John Buyers, no caso do emblema do *Senta a Púa!*, o formato foi se modificando ao longo das dificuldades e realidades encontradas no campo, conforme descrição do mesmo na imagem a seguir:

---

5 http://www.au.af.mil/au/afri/aspj/apjinternational/apj-p/2005/3tri05/nascimento.html.

6 http://www2.fab.mil.br/incaer/index.php/legislacao/566-heraldica-no-comaer-legislacao.

7 Idem.



O emblema Senta a Púa! (Fonte: BUYERS, John W. A História do 1º Grupo de Caça: 1943/1945. Maceió: John W. Buyers, 2004).

Desta forma, podemos concluir que, ao avistarmos estes três formatos de emblema se referindo ao 1º GAvCa, ambos estão corretos de acordo com o período em que foram utilizados, ou seja, de 1943 até os dias de hoje e, principalmente, durante os treinamentos e nas diversas missões realizadas no continente europeu.

1.2.1.1 As cores do emblema

Conforme vimos no item anterior, o INCAER, ao tratar da heráldica do 1º GAvCa, define cada cor utilizada nos dias de hoje. Tal referência é encontrada na ICA 903-1, conforme imagem a seguir:

Tabela 1 – Códigos e simbologia dos esmaltes

Cor Heráldica	Código Pantone	Código RGB	Código CMYK	Simbolismo
Goles (vermelho)	Red 032C	R= 237 G= 46 B= 56	C= 0 M= 90 Y= 86 K= 0	Alegria, vida, calor, fogo, energia criadora, benignidade, valimento, coragem, esforço, guerra, ousadia, firmeza, segurança, ânimo e generosidade.
Blau (azul)	Claro 2915C Escuro 2955C	R= 115 G= 181 B= 224 R= 0 G= 61 B= 110	C= 59 M= 7 Y= 0 K= 0 C= 100 M= 45 Y= 0 K=37	Justiça, zelo, retidão no dever, lealdade, caridade, bem-estar espiritual, serenidade, temperança, beleza, boa-fama, fidelidade, nobreza, perseverança, dignidade, constância, glória e amor à pátria.
Sinopla (verde)	Claro 375C Escuro 356C	R= 143 G= 212 B= 0 R= 0 G= 115 B= 54	C= 41 M= 0 Y= 78 K= 0 C= 95 M= 0 Y= 100 K=27	Abundância, amor, liberdade, força, alegria, espírito, cortesia, esperança, virtude, gentileza, posse, graça, precisão, amizade, vivacidade, honra e vitória.
Sable (preto)	Hexa-chrome Black C	R= 33 G= 33 B= 33	C= 1 M= 1 Y= 1 K= 150	Firmeza, prudência, abnegação, modéstia, honestidade, simplicidade, tristeza, discrição, bom senso, juízo, virtude, constância na adversidade e sentimento.
Púrpura	513C	R= 156 G= 26 B= 135	C= 44 M= 83 Y= 0 K= 0	Sabedoria, ciência, razão, respeito, dever, dignidade, honorabilidade, temperança, devoção, grandeza, soberania, qualidade e autoridade.
Alaranjado (laranja)	1505C	R= 242 G= 128 B= 0	C= 0 M= 42 Y= 77 K= 0	Por ser cor da armaria inglesa, não existe uma simbologia específica, geralmente, representa os astros e outros corpos celestes.
Jalne, ouro (amarelo)	102C	R= 245 G= 232 B= 20	C= 0 M= 0 Y= 95 K= 0	Luz, fé, fortaleza, constância, riqueza, força, ardor, poder, autoridade, preeminência, nobreza, sabedoria, vigor, potência, tolerância, firmeza e sofrimento.
Prata (branco)	0	R= 255 G= 255 B= 255	C= 0 M= 0 Y= 0 K= 0	Paz, descanso, silêncio, sã consciência, esperança, inocência, castidade, pureza, santidade, humildade, eloquência, limpeza, verdade, felicidade e franqueza.

Contudo, estes são os padrões para os dias atuais. Nosso questionamento diz respeito àquelas cores utilizadas no período da 2ª Guerra Mundial e que podem ser vistas no emblema original presente na nossa sala de exposições *FAB na Guerra*. Conforme descrito pelo Capitão Osíris, a influência norte americana no período serve como um marco. Além disso, devemos lembrar que muitos de nossos itens utilizados na guerra foram cedidos pelos Estados Unidos.

Após inúmeras pesquisas, não conseguimos localizar as Ordens Técnicas de pintura dos nossos P-47 e, da mesma forma, publicações específicas da Força Aérea Brasileira que definissem os padrões de cores a serem utilizados nos nossos emblemas. De acordo com o nosso Instituto Histórico-Cultural, o INCAER, nosso primeiro registro de regulamentação para a heráldica da Força Aérea Brasileira está na Portaria nº 119/GC3, de 26 de fevereiro de 2010. Contudo, não podemos esquecer que, antes da criação do INCAER, era da Diretoria de Documentação e Histórico (DIRDOC)[8], a responsabilidade do trato dos assuntos relativos à museologia. Portanto, entendemos, que até a criação do DIRDOC, não havia uma unidade responsável diretamente pelas configurações e determinações das diversas bolachas que estavam sendo criadas pelos esquadrões da FAB.

Baseados neste quadro, buscamos, então, os padrões de cores utilizados pela USAAF neste período, entendendo que estávamos operando ao lado do *350th Fighter Group* dos Estados Unidos. No livro *Real Colors of WWII*[9], os autores explicam que os tons de ver-

---

8 A unidade criada em 02 de maio de 1969, através do Decreto Nº 64.45, substituindo a Diretoria de Acervo Histórico, que era subordinada ao Comando Geral de Pessoal, o COMGEP. A Diretoria de Acervo Histórico foi criada através do Decreto Nº60.521, de 31 de março de 1967, como parte do processo de reorganização da administração federal e o estabelecimento de diretrizes para uma reforma administrativa. Mais informações, ver: CARDOSO, Maria Luiza. "De DIRDOC à CENDOC: A trajetória do Centro de Documentação da Aeronáutica", ***Anais do XVIII Simpósio Nacional de História*** *Florianópolis, Santa Catarina, 2015. Disponível em: http://snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1442612649_ARQUIVO_De_DIRDOC_a_CENDOC.pdf.*

9 GÖRALCZYK, Maciej (et al.). ***Real Colors of WWII: Aircraft.*** *S/N: AK Interative, 2019.*

melho da USAAF e da Marinha Americana (*US Navy*) foram mudando com o decorrer do tempo, passando de um tom de vermelho levemente brilhante até o tom mais fosco em fins da década de 1950, seguindo pela década de 1960. Isso nos auxilia a perceber as possíveis variações de tonalidade pelas quais passaram nosso emblema do *Senta a Púa!* ao longo de suas versões.

Ao descrever o símbolo em seu livro *Senta a Púa!,* o Brigadeiro Rui Moreira Lima descreve as cores de forma muito simples, apenas fazendo referência às cores amarelo, azul, branco, cinza, verde e vermelho. Nenhuma variação de tonalidade foi indicada em sua escrita. Desta forma, de acordo com os padrões da época e com a descrição de um dos membros do 1º Grupo de Caça, entendemos que deveria ser seguido o vermelho simples utilizado nos padrões da *USAAF*. Assim, como referência para cores e seus respectivos códigos, temos duas publicações como referência: ***The History of USAAF Aircraft Markings, Insignia, Camouflage, and Colors***[10] e ***Historical Color Referencis Guide for Aircraft and AFV Series***. Tal escolha se deu após buscarmos por publicações oficiais da USAAF e nos depararmos com este trabalho acerca da história dos padrões de pintura e cores nas aeronaves da USAAF e a outra publicação como um compilado detalhado de códigos e cores utilizados pela USAAF e pela USNavy. Esta última publicação conta, também, com as mais diversas referências de cores utilizadas pelas forças aéreas dos Estados Unidos e outros países. Além disso, há referências tanto da Primeira quanto da Segunda Guerra Mundial.

De acordo com Robert Archer, o autor de ***US Army Air Forces: Aircraft Markings and Camouflage, 1941-1947***, tanto a USAAF quanto a US Navy utilizavam os mesmos códigos de cores nos anos 1940, até a formação da *United States Air Force* (USAF) em 1947. Um ponto importante e presente no texto de Archer é sobre a dificuldade de se definir escalas de cores precisamente por palavras – o que temos enfrentado até o momento, principalmente na definição do

---

10 ARCHER, Robert D. ***US Army Air Forces: Aircraft Markings and Camouflage, 1941-1947.*** *Aglen, PA: Achiffer Military/ Aviation History, s/d.*

tom de vermelho do nosso *Senta a Púa!*. Visando resolver o problema, um padrão de referências de cores como o "Dicionário de Cor", de A. Maerz e M. Rea Paul, que foi publicado pela McGraw-Hill em 1930, apresenta justamente este padrão de cores e suas designações, além de outras publicações igualmente presentes no mercado na época e citadas por Archer.[11] No entanto, mesmo com todas estas referências e com publicações oficiais tratando das cores tanto da Força Aérea do Exército, quanto da Marinha dos Estados Unidos (*Army-Navy Aeronautica l- "ANA" - Bulletin N. 102b*, de 30 de abril de 1945, logo, antes do final da contenda; Cellulose Nitrate, Spec. NA-L-29). O que temos nestas publicações é justamente a declaração de que, ainda que com especificações, havia grande variação de cores e estas eram verificadas em um grande número de publicações em livros e revistas sobre aeronaves da USAAF. O documento cita, especificamente, os tons brilhantes de azul presentes nos P-51 que atuavam no *8th Air Force* na Inglaterra.[12]

Por que estas variações de cores estavam presentes nas aeronaves? De acordo com o documento citado por Archer, isto se dava pela indiferença na hora da separação ou da variação de cores utilizadas no processo de pintura das aeronaves. O autor, no entanto, ressalta que, ao realizar pesquisa em material original da USAAF, não conseguiu identificar diferenças em suas cores, mas confirma que esta variação existia no campo de batalha, principalmente no início dos confrontos no Pacífico.

Contudo, para o período que estamos pesquisando, o início dos anos 1940 é fundamental. Neste momento, a USAAF utiliza como padrão de cores o seu *Bulletin N. 41 Color Caro issued*, de Setembro de 1940.

---

11 AARCHER, R. Op. Cit., cf. p. 318.
12 Ibid, cf. p.318-319.

Em seguida, temos a cor e a referência da mesma:

Padrão de cores da USAAF, conforme Boletim n. 41
(Fonte: ARCHER, R., p. 321).

Ao compararmos o quadro acima com o livro de referência *List of WWII and Modern Aircraft Camouflage color based on official documentation*, verificamos que a referência da cor encontra-se na página 2, citando ANA 509 e com o código 70.957 ou 31136 conforme o código FS.[13]

Portanto, de acordo com o que foi exposto acima e com o que apresentamos nas definições anteriores do emblema do *Senta a Púa!*, entendemos que o tom de vermelho a ser seguido deverá ser o FS 595a, 31136 ou EMA 8010-1, 215. Estes padrões e códigos de cores estão disponíveis a seguir:

13 List of WWII and Modern Aircraft Camouflage color based on official documentation, e-book, p. 5.

Padrão de Cores (*Força Aérea Brasileira*)[14]

As cores abaixo seguem as normas de pintura da Aeronáutica, conforme o EMA 8010, com referencial no Federal Standard 595a - 1974.

	EMA 8010-1		FS 595a	
Cor	**Brilhante**	**Fosca**	**Brilhante**	**Fosca**
Alumínio Mirage	100	200	---	---
Alumínio	101	201	17178	---
Amarelo Insígnia	102	202	13538	33538
Azul Mar	103	203	---	35352
Azul Insígnia	104	204	15050	35051
Branco Insígnia	105	205	17875	37875
Marfim	106	206	17778	37778
Azul	107	207	---	---
Cinza	108	208	16440	36440
Laranja	109	209	12215	---
Creme	110	210	---	36586
Marrom	111	211	10080	---
Preto	112	212	17038	37038
Verde Insígnia	113	213	14062	---
Verde Claro	114	214	---	34583
Vermelho	115	215	11136	31136
Dourado	116	216	17043	27043

14 Este quadro encontra-se disponível em https://www.spmodelismo.com.br/howto/am/fab1.php.

	EMA 8010-1		FS 595a	
Cor	**Brilhante**	**Fosca**	**Brilhante**	**Fosca**
Azul Estratosférico	117	217	15045	35045
Coral	118	218	---	---
Vermelho Vivo	119	219	11105	---
Azul Escuro	---	250	---	35042
Castanho	---	251	---	---
Cinza Pérola	---	252	---	36622
Cinza Claro	---	253	---	36293
Cinza Escuro	---	254	---	36118
Marrom	---	255	---	30140
Preto	---	256	---	37038
Terra	---	257	---	30219
Verde Folha	---	258	---	34102
Verde Azulado	---	259	---	34159
Verde Oliva	---	260	---	34086
Verde Seco	---	261	---	34201
Verde Acastanhado	---	262	---	34151
Amarelo (Refletivo)	180	---	13637	---
Laranja (Refletivo)	181	---	12473	---
Verde (Refletivo)	182	---	14109	---
Vermelho (Refletivo)	183	---	11302	---

2. As Aeronaves *Republic P-47D Thunderbolt* do Museu Aeroespacial

No Museu Aeroespacial, o MUSAL, temos duas aeronaves Republic P-47D Thunderbolt em exposição. São as unidades representadas como *B-4* e *D-5*. No entanto, ao iniciar o nosso trabalho de restauro destas aeronaves e consultar a documentação pertinente em nosso acervo, verificamos que a forma em que estão representadas não corresponde à originalidade de cada peça. Sendo assim, faremos um pequeno histórico de cada uma destas aeronaves a fim de elucidar as dúvidas acerca de suas características e especificidades.

2.1. O P-47 representado como B-4

A aeronave que hoje temos representada como B-4 e que foi do 1º Tenente Aviador Luiz Lopes Dornelles, foi restaurada desta forma em função de um pedido do Brigadeiro Nero Moura, comandante do Grupo de Caça na Itália, em 1990. Ao escrever ao diretor do MUSAL à época, o Ten Cel Jordão, o Brigadeiro Nero Moura explica o motivo de tal iniciativa:

> Queremos lembrar que o Dornelles foi piloto do Grupo desde o Panamá, acompanhou-nos em todos os momentos difíceis por que passamos, chegou a Comandante de Esquadrilha e nessa função foi abatido.
>
> Foi o último de nossos mortos, o que maior número de missões tinha quando derrubado e para nós é uma honra ver seu nome expresso no avião que há de lembrar os feitos do 1º Grupo de Caça nos céus do Velho Continente.[15]

A restauração deste P-47 teve início em maio de 1986 e foi finalizada em setembro de 1995. Conforme matéria da revista *Asas do Brasil*, do Museu Aeroespacial, "o objetivo [do restauro] era ver em voo um P-47 Thunderbolt". Assim, o projeto passou a ser chamado

15 "O P-47 no Museu Aeroespacial", in: Asas do Brasil, Revista do Museu Aeroespacial, ano 1, nº1, maio/1998, p.7.

de “Heroica UNO”, conforme determinação do Ten Cel Jordão. Este processo de restauro completo, que durou quase uma década, foi concluído com êxito, mas não pôde cumprir o seu objetivo, já que houve uma determinação do Ministério da Aeronáutica proibindo o voo de aeronaves do acervo do Museu Aeroespacial.[16]

A aeronave original, conforme consulta à sua pasta, indica que era de S/N 42-26450, recebido pelo 1º GAvCa em 28/10/1944 e recebido o código FAB 4104.[17]

Por fim, há uma curiosidade acerca do emblema do *Senta a Púa!* presente na carenagem desta aeronave. O civil Fernandez, desenhista e funcionário do Museu há várias décadas, informou que aquele desenho é original e com os traços do Capitão Fortunato. De acordo com nosso desenhista, Fortunato desenhou com giz o emblema na carenagem do avião e o Fernandez o coloriu. Com isso, sugerimos que, ao reformar/restaurar esta aeronave, o emblema original com os traços do criador da histórica bolacha *Senta a Púa!* fosse mantido.

2.2. O P-47 REPRESENTADO COMO D-5

A aeronave representada como *D-5* é, na verdade, a *A-6* que teve o Aspirante Aviador da Reserva Convocado Raymundo da Costa Canário como seu principal piloto. Seu número de série é 44-19663, matrícula FAB 4120, serviu em Santa Cruz até 1953, sendo recolhido, posteriormente, para o PAMA-SP e enviado para a Escola de Especialistas de Aeronáutica em 1959 para ser utilizada como monumento. Este P-47 chegou ao Museu Aeroespacial em 18 de outubro de 1987.[18]

---

16 Sobre a reforma do B-4, temos o livro P-47 B4: o avião do Dornelles, de João Eduardo Magalhães Motta e o artigo da revista Asas do Brasil, de publicação do Museu Aeroespacial. Quanto à proibição do voo do P-47, trata-se da Portaria Nº881/GM3, do Ministério da Aeronáutica, de 20 de setembro de 1995, publicada no NOTAER Nº 45, de 3 de outubro de 1995.

17 Pasta 064.115-65, Republic Thunderbolt 226450, Seção de Documentação Museológica, Museu Aeroespacial.

18 Pasta 064.115-64, Republic Thunderbolt 4419663 FAB 4120, Seção de Documentação Museológica, Museu Aeroespacial; Livro de Registro do Museu Aeroespacial, p.15.

Ao analisarmos a documentação oficial do MUSAL, não identificamos qualquer explicação que nos leve a compreender o motivo que levou à desconfiguração do A-6 e restauro com pintura do D-5 do Brigadeiro Meira, já que nem mesmo o maior número de missões teria sido do Brigadeiro. Isto porque, conforme a publicação *Senta a Púa!,* do Brigadeiro Rui Moreira Lima, o oficial com maior número de missões foi o 2º Ten Av Res Convocado Alberto Martins Torres, com 99 missões, contra 93 do então 2º Ten Av José Rabelo Meira Vasconcelos.[19]

O A-6 em questão esteve no teatro de operações da Itália e foi utilizado, como descrito anteriormente, pelo Asp Av Canário. O aviador convocado realizou 51 missões e sofreu um acidente com o A-6 que o fez ficar conhecido. Após um ataque rasante na cidade de Casarsa, o Asp Av colidiu com a chaminé de uma fábrica. O choque fez com que ele perdesse parcialmente a sua asa direita, mas isso não o impediu de retornar à Base e efetuar o seu pouso.

Registro do incidente com aeronave A-6 do Asp Av Canário.

Em função do que narramos até aqui e o que foi localizado acerca do histórico da aeronave, consideramos que a restauração visando à recuperação do padrão original desta aeronave era a melhor medida no momento.

---

19 LIMA, Rui Moreira. Senta a Púa!. Rio de Janeiro: BIBLIEX, s/d, cf. p. 446.

3. Considerações Finais

Nossas considerações finais tratam das orientações que foram dadas à nossa equipe de restauradores, baseadas nos estudos feitos acerca dos padrões e da história de cada uma de nossas aeronaves Republic P-47D Thunderbolt.

- ***A Browning .50 M2 HB***

Conforme demonstrado ao longo deste trabalho, encontramos padrões de apresentação deste armamento: em seu formato operacional, ou seja, aquele voltado para ações de ataque/defesa na aeronave ou no solo; e o formato para treinamento de munição e ajustes do armamento, ou seja, aquele com o RABA.

Assim, visando melhor representação das possibilidades deste armamento e a sua utilização em nossa aeronave P-47, teremos as duas formas presentes nos nossos B-4 e D-5. Na asa direita, teremos as versões com o RABA e, na asa esquerda, o armamento em seu formato original, com o cano na cor preta.

- ***O Emblema do "Senta a Púa!"***

Baseados no questionamento acerca, principalmente, do tom de vermelho utilizado no emblema do *Senta a Púa!*, definimos que o padrão a ser seguido será aquele do tom das cores utilizado pela USAAF, conforme as publicações nos indicaram. O motivo está baseado na influência das caricaturas dos esquadrões americanos para a criação das nossas bolachas e emblemas. Além disso, vale lembrar que o *Federal Standard 595*, ou FS 595, foi criado em 1956. A ideia para criação desse padrão tem sua origem justamente na 2ª Guerra Mundial, quando havia a dificuldade de se obter as especificações de cores para equipamentos militares em diferentes partes do mundo.[20]

Assim, os tons a serem seguidos para o desenho do *Senta a Púa!* seguirão os códigos do Boletim N.41, buscando sua referência

20 Federal Standard 595. Disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/Federal_Standard_595 .

no quadro disponível neste artigo e que consta os códigos de cores do FS 595, bem como do EMA 8010-1. Finalmente, para o tom de vermelho utilizado, fica definido o FS 595a, 31136 ou EMA 8010-1, 215, ou seja, o **vermelho fosco**, conforme padrão da Aviação do Exército dos EUA.

- ***Aeronaves P-47 B-4 e D-5***

Conforme demonstrado ao longo deste trabalho, a configuração do B-4 foi feita em função da solicitação do Brigadeiro Nero Moura para homenagear o Ten Av Dornelles. Portanto, sua caracterização não será alterada durante o processo de restauro.

O P-47 D-5 não apresentou informações acerca do motivo para que a modificação fosse feita, alterando a sua originalidade, já que deu entrada no acervo do MUSAL como A-6.

Sendo assim, diante do que foi exposto acima, aconselhamos que o B-4 assim permaneça e que o D-5 seja restaurado conforme suas origens, ou seja, como o A-6 pertencente ao Asp Av Res Conv Raymundo da Costa **Canário** e que realizou 51 missões.[21] O mecânico desta aeronave era o 3º Sgt **Arnaldo Guerra** de Araújo.[22]

21 LIMA, R. Op Cit., p.447.
22 BUYERS, R. Op Cit., cf. p.113.

Bibliografia

Fontes primárias:

Pasta 064.115-64, ***Republic Thunderbolt 4419663 FAB 4120***, Seção de Documentação Museológica, Museu Aeroespacial.

Pasta 064.115-65, ***Republic Thunderbolt 226450***, Seção de Documentação Museológica, Museu Aeroespacial.

Referências:

SÉRIE heróis esquecidos: asp av Raymundo da Costa Canário (1º Grupo de Aviação de caça). Disponível em: http://www.portalfeb.com.br/serie-herois-esquecidos-asp-av-raymundo-da-costa-canario/. Acesso em: 26 fev. 2019.

LIST of WWII and modern aircraft camouflage color based on official documentation. E-book.

BRASIL. Ministério da Aeronáutica. Centro de Relações Públicas. 1º GAvCa. **Avestruzes no céu da Itália**. [S.l.]: [S.n.], [S.d.].

ARCHER, Robert D. **US Army air forces**: aircraft markings and camouflage**,** 1941-1947. Aglen, PA: Achiffer Military; Aviation History, [S.d.].

BUYER, S John W. **A história do 1º grupo de caça**: 1943/1945. Maceió: J.W. Buyers, 2004.

CARDOSO, Maria Luiza. De DIRDOC à CENDOC: a trajetória do Centro de Documentação da Aeronáutica. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 18., 2015, Florianópolis, Santa Catarina. **Anais eletrônicos**... Florianópolis, Santa Catarina. Disponível em: Disponível em: http://snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1442612649_ARQUIVO_De_DIRDC_a_CENDOC.pdf. Acesso em: 26 fev. 2019.

BRASIL. Instituto Histórico-Cultural da Aeronáutica. **ICA 903-1**: símbolos heráldicos do Comando da Aeronáutica. 2013.

LIMA, Rui Moreira. **Senta a Púa!**. Rio de Janeiro: BIBLIEX, s/d.

LORCH, Carlos. **A caça brasileira**: **nascida em combate.** Rio de Janeiro: Editora Action, 1993.

MOTTA, João Eduardo Magalhães. **P-47 BALA 4 (B4)**: o avião do Dornelles. Rio de Janeiro: Instituto Histórico-Cultural da Aeronáutica, 1997.

NASCIMENTO, Osíris Gomes do. Símbolos heráldicos da Força Aérea Brasileira: origem e significação da heráldica. Disponível em: http://www.au.af.mil/au/afri/aspj/apjinternational/apjp/2005/3tri05/nascimento.html. Acesso em: 26 fev. 2019.

Rachel Motta Cardoso é 1T QOCon HIS, chefe da Seção de Pesquisa do Museu Aeroespacial e doutora em História pelo programa de pós-graduação em História das Ciências e da Saúde (PPGHCS) da Casa de Oswaldo Cruz (COC) da Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ).

Meus anos dourados
Período 1964 – 1965

Clóvis de Athayde Bohrer

Dia 24 de janeiro de 1964,
10:00 horas.

Naquela ocasião, no pátio de estacionamento fronteiro à Sala de Tráfego da Base Aérea de Natal, tinha início mais um acontecimento que faz parte da rotina das Forças Armadas: a transmissão do comando de uma Organização.

Ali, na presença do seu efetivo, assumi o comando de 5º Grupo de Aviação (5º GAV), unidade que tinha por missão ministrar o estágio de instrução aos Aspirantes a Oficial Aviador e recebia, anualmente, 75% dos diplomados pela então Escola de Aeronáutica.

Passagem de Comando: Ten Cel Av Raul para o Ten Cel Av Athayde

Apesar da emoção do meu primeiro comando, longe estava de imaginar tudo o que, a partir de então, o futuro me reservaria em termos de realização profissional. Apenas um pensamento estava presente: fazer daquela Unidade a Unidade dos nossos sonhos, da qual todos os que a ela pertencessem, no futuro, pudessem se orgulhar.

Jamais imaginei que nela fossem nascer, enraizar-se e durante tanto tempo e de uma forma tão marcante, perdurar o espírito de corpo, o profissionalismo e a amizade entre os que a integravam.

Muito menos poderia supor que ali tinha início, para o nosso querido 5º GAV, uma época que seria recordada com tanto orgulho e saudade pelos que a viveram, e que, de uma forma expontânea, seria por eles denominada **ANOS DOURADOS**.

Passagem de Comando: Apresentação ao Cel Av Firmino, Comandante da Base

É minha intenção, registrar, de forma sucinta, os pontos, em minha opinião, mais marcantes dos meus dois anos de comando. Assim, a par da inevitável descrição de fatos que muitos já conhecem, pretendo mencionar aqueles que, de alguma forma, influíram nas decisões finais e que são do conhecimento de poucos.

Tudo começou na primeira quinzena de dezembro de 1963, quando, servindo como instrutor na Escola de Comando e Estado-Maior da Aeronáutica fui convocado a comparecer à casa do Ministro da Aeronáutica - Ten Brig Anysio Botelho, localizada na Ilha do Governador, onde o mesmo despachava na parte da manhã.

Lá, pelo próprio Ministro, fui notificado de que seria nomeado Comandante do 5º. Grupo de Aviação, sediado em Natal.

Na ocasião, pelo ministro, que estava em companhia do então Cel Av José Rebelo Meira de Vasconcelos, fui colocado a par dos planos do Ministério da Aeronáutica para aquela Unidade: ela seria reestruturada a partir do ano seguinte e receberia novos aviões para o treinamento dos Aspirantes a Oficial Aviador.

Desta forma, um dos Esquadrões, o 1º/5º, seria equipado com as aeronaves B-26, enquanto o outro, 2º/5º, receberia 12 aeronaves Beechraft, modelo H-18, triciclos, que receberiam o prefixo TC-45T, já encomendadas à fábrica e que deveriam ser entregues a partir do mês de abril; até lá, a instrução dos Aspirantes deveria ser conduzida em aeronaves North American, T-6, que seriam transferidas de várias Unidades.

Finalmente, o Ministro da Aeronáutica acrescentou que, dada a missão do 5º GAV o projeto era prioritário para o Ministério e, face à proximidade do início do ano de instrução, deveria ser implantado com a possível urgência. Para isto, eu teria liberdade de escolher e sugerir a transferência dos futuros auxiliares mais diretos, bem como, se fosse o caso, propor medidas para que as aeronaves adquiridas pudessem bem cumprir sua missão.

Após transmitir as Diretrizes Básicas que deveriam ser observadas, e antes de encerrar a reunião, o Ministro informou-me de que, a partir daquela data, instruções mais pormenorizadas me seriam transmitidas pelo Cel Av Meira de Vasconcelos, que fora designado responsável pela implantação do projeto, tendo acrescentado que os comandantes da ECEMAR e da 2ª Zona Aérea seriam notificados da minha designação, a fim de que, tão logo fosse possível, tivessem início as ações indispensáveis ao cumprimento da missão.

A seguir, cópia do radiograma enviado ao comandante da 2ª Zona Aérea.

"JJ ZONAER 2 SBRF

923/GRP9/2312 Info Ten Cel Athayde será designado Cmt 5º GP Av Miniaer autoriza referido oficial estabelecer contatos iniciais essa Zona e Basaer Natal virtude premência de tempo pt

PESAER SBRJ" (Bol 252 de 27.12.64 da 2a Zona Aérea).

Mesmo antes de ser concretizada minha nomeação, por orientação do Cel Av Meira, dei início a duas atividades: visitei Natal para inteirar-me das condições do 5º GAV e escolhi e indiquei os nomes dos meus futuros auxiliares diretos, e, também, os dos Oficiais que deveriam integrar a Comissão de Fiscalização e Recebimento das Aeronaves - COMFIREM, em Wichita, EEUU. A indicação destes últimos foi feita de acordo com o critério estabelecido.

Ao elaborar a lista para a escolha dos oficiais que ocupariam os principais cargos no Grupo, estabeleci, como premissa, que eles deviam possuir qualidades de liderança, ser profissionais competentes e estar comprometidos com os princípios da disciplina, entusiasmo, espírito de corpo e companheirismo.

Em resumo, deveriam ser elementos que, por via da liderança, respeitassem e se fizessem respeitar, militares, profissionais e seres humanos. Isto, porque, entendia que só com elementos com essas qualidades assessorando o Comandante, poderia o Grupo levar a bom termo a missão que lhe cabia no seio da Força Aérea: completar a formação dos Aspirantes a Oficial Aviador, para que pudessem ser profissionais competentes, militares disciplinados e cidadãos dignos.

Dentro deste critério, baseado em conhecimento próprio e com a colaboração de companheiros, elaborei uma lista, que foi apresentada ao Cel Av Meira, da qual sairiam meus auxiliares diretos.

Após várias consultas, a fim de inteirar-me da situação de cada um dos indicados, convidei, pessoalmente, os seguintes oficiais para as funções - chave do 5º GAV:

- para Oficial de Operações, o Maj Av Gilson Castagnino da Motta, na ocasião instrutor da Escola de Comando e Estado – Maior de Aeronáutica.

- para Comandante do 1º Esquadrão, o Maj Av Cherubin Rosa Filho, instrutor da Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais da Aeronáutica;

- para Comandante do 2º Esquadrão, o Cap Av, que seria promovido a Major, Paulo Irajá Machado e Silva, do efetivo do 6º Grupo de Aviação, sediado em Recife, ex-instrutor da Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais da Aeronáutica.

Para a COMFIREM, foram indicados o Maj Av Paulo Irajá, e o Cap Av Edmar Flaeschem, que já pertencia ao efetivo do 5º GAV; a eles juntou-se o Ten Eng Anísio, designado pelo Gabinete do Ministro.

Concluída a escolha e indicados os oficiais, as providências sugeridas foram aceitas e executadas: os oficiais foram transferidos, a COMFIREM foi criada e seus integrantes, após nomeados, seguiram para Wichita, onde os TC-45T estavam em fabricação. As aeronaves adquiridas seriam equipadas de forma a atender às exigências da sua missão - instrução dos Aspirantes a Oficial Aviador. Seus equipamentos representavam o que de mais moderno havia para navegação e aproximação por instrumentos, tais com ILS, RMI, todos em duplicata, além dos tradicionais.

Visita à Fábrica Beech em Wichita : Da esquerda para a direita: Mr Sttags (Beechcraft), Ten Cel Av Mário de Oliveira (CAB), Ten Cel Av Athayde, Maj Av Paulo Irajá e Ten Eng Anísio

Como a navegação era dos principais itens constantes do programa de instrução dos Aspirantes e visando a um melhor aproveitamento das viagens, foi instalado, na cabine de passageiros, um painel com o instrumental relativo à navegação-rádio. Desta forma, simultaneamente à instrução de pilotagem, era executada a de navegação.

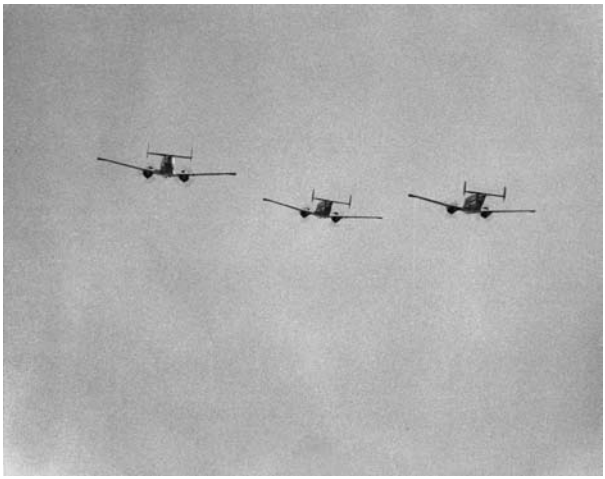
Atentos à realidade da Força Aérea Brasileira, na época, quando o conhecimento profundo da navegação estimada era indispensável, foi sugerida, pelo Comando do Grupo, a instalação, na cabine de passageiros, de um derivômetro . A sugestão foi aceita e os TC-45 já saíram da fábrica com este equipamento.

Visita à Fábrica Beech em Wichita

Enquanto as novas aeronaves não chegavam, a instrução dos Aspirantes foi desenvolvida em aeronaves North American, T-6, e nela foi dada ênfase ao voo por instrumentos, ao voo em formação e às missões de navegação.

A partir do mês de abril, a fábrica iniciou a entrega das aeronaves, que em esquadrilhas de três aparelhos, foram transportadas

para o Brasil. Com a chegada do novo equipamento, os T-6 foram retirados da instrução e devolvidos às Unidades de origem.



TC-45T: Chegada das Esquadrilhas ao Brasil

Visando ao aproveitamento da experiência dos integrantes da COMFIREM, adquirida nas atividades de recebimento dos novos aviões, foi atribuída, à Comissão, a elaboração de programas de instrução para adaptação ao equipamento, levando em consideração a experiência de voo dos instrutores e dos aspirantes.

Os documentos foram elaborados e constituíram-se em elementos de grande valia para a Chefia de Operações do Grupo, na elaboração do Programa de Instrução do 2º Esquadrão. Considerando o provável destino dos Aspirantes, nele foi dada particular atenção ao voo por instrumentos - diurno e noturno, à navegação rádio e estimada e aos voos de formatura.

Mas, em momento algum, foi esquecido que o 5º GAV não era apenas unidade de instrução para Aspirantes. Missão diferente, mas da mesma importância para a Força Aérea, era tornar, o 1º / 5º GAV, um Esquadrão plenamente operacional, com a exploração máxima das características da aeronave que o equipava, o B-26, e a qualificação adequada dos seus pilotos.

Sendo assim, sob o ponto de vista operacional, podemos resumir as Diretrizes do Comando do Grupo como sendo:

1- **2º Esquadrão** - proporcionar, aos Aspirantes a Oficial Aviador, instrução adequada, de forma a habilitá-los a operar as aeronaves que equipavam as Unidades em que seriam classificados após o Estágio de Instrução, qualificando-os na aeronave TC-45T e colocando-os em condições de bem operar os equipamentos nela instalados, alguns dos quais ainda desconhecidos para a grande maioria dos pilotos da Força Aérea, particularmente os mais antigos. A par disto, considerando a realidade da FAB na época, prepará-los adequadamente para a operação das aeronaves que equipavam grande parte das Unidades da FAB.

TC-45T: Instrução em voo em formatura

2- **1º Esquadrão** - proporcionar, a todos os pilotos do seu efetivo, a instrução indispensável a torná-los operacionais na aeronave B-26; isto porque, face à prioridade que era dada à instrução dos Aspirantes, em que era utilizado o mesmo tipo de aeronave, vários oficiais que serviam no Esquadrão, entre os quais cinco tenentes - integrantes de seu efetivo há mais de três anos, não haviam tido a oportunidade de chegar àquela situação.

B-26: Aeronaves prontas para a decolagem

Para isso, foi determinado que, naquele ano, a qualificação operacional daqueles elementos teria prioridade em relação à atividade de qualquer outro piloto, inclusive o Comandante e o Oficial de Operações do Grupo, que voariam apenas no 2º Esquadrão, na instrução de Aspirantes. Desta forma, em princípio, eles só seriam incluídos na instrução, em aeronaves B-26, em 1965. Quanto aos pilotos operacionais, além de voos como instrutor, voariam o indispensável para manter sua operacionalidade.

As Diretrizes foram cumpridas à risca e, no fim do ano, todos os pilotos que voavam aeronaves B-26, eram nelas operacionais. O Comandante do Grupo e o Oficial de Operações, vieram a sê-lo em 1965.

Tripulações de B-26

Uma das preocupações em relação aos novos aviões, era a sua utilização fora da instrução. E ela tinha razão de ser, principalmente, quando era analisado o que ocorreu no período em que a aeronave de instrução era o Paris C-41. Naquela época, por várias vezes, em obediência a ordens superiores, as aeronaves foram utilizadas em voos administrativos, com sensível prejuízo para a instrução.

A fim de evitar que a situação vivida anteriormente se repetisse - o que certamente ocorreria, caso medidas adequadas não fossem tomadas, tão logo teve início a implantação do projeto TC45T, foi obtida, por intermédio do Cel Av Meira de Vasconcelos, a expedição de um Aviso Ministerial, proibindo a utilização das referidas aeronaves em voos administrativos, e o transporte, em qualquer situação, de passageiros civis.

E essa proibição foi cumprida com tal rigor que, em determinada ocasião, quando o Comandante da 2º Zona Aérea, em companhia do Comandante do IV Exército, foi envolvido em uma emergência, e, sem outra alternativa, teve que usar um TC-45T. Ele, ao determinar a realização da missão - da qual participei com o Oficial de Operações, Maj Rosa Filho - comunicou imediatamente o fato ao Ministro da Aeronáutica, expondo as razões que o levaram a fazê-lo. E esta, foi, durante meus dois anos de comando, a única missão realizada fora do programa de instrução.

A seguir, cópia do Aviso Ministerial.

Ao Exmo Sr. Chefe do Estado Maior da Aeronáutica.

I- O Ministério da Aeronáutica, de acordo com o programa de renovação do material Aéreo da Força Aérea Brasileira, adquiriu 12 aviões TC-45 T,de treinamento.

II- Estes aviões, que deverão chegar ao Brasil no decorrer do corrente mês, destinam-se à instrução dos oficiais e aspirantes a oficial aviadores, estagiários do 5º Gp Av.

III- Tendo em vista a inconveniência para o programa de trabalho estabelecido para a Força Aérea Brasileira em geral, e para o 5º Gp Av em particular, não é aconselhável, sob forma alguma, o deslocamento dessas aeronaves para outra atividade que não a de instrução, pois o seu uso em missões diversas, além

do prejuízo imediato que traria para o desenvolvimento normal do programa estabelecido para o 5º Gp Av, implicaria em um desgaste do material que viria a se refletir no seu rendimento num futuro próximo.

IV- Atendendo a essas circunstâncias, e particularmente ao fato de ser de toda a conveniência que esses aviões resolvam definitivamente o problema da instrução dos aspirantes a oficial aviadores e tenentes-aviadores designados para estágio na Unidade de instrução de aviões bimotores, o que somente será conseguido com o emprego dos TC-45 T exclusivamente nessa atividade, determino :

1- É expressamente proibido o transporte de elementos civis nos aviões TC-45 T, pertencentes ao 5º Gp Av;

2- A utilização desses aviões será exclusivamente em atividades de instrução previstas nos respectivos programas, ou em missões diretamente a ela ligadas.

V- Esta minha determinação deverá ter imediata difusão entre os órgãos interessados.

Ministro da Aeronáutica.

Este ato foi decisivo para o cumprimento da missão da Unidade. Se ao propormos a medida já julgávamos que seria difícil, para o Comandante do Grupo, evitar que as aeronaves tivessem sua utilização desvirtuada, nunca poderíamos imaginar a importância que teria para a Unidade, de um modo geral e para o seu Comandante, de forma particular, o respaldo que lhe foi dado por aquele Ato Ministerial.

Outra grande preocupação que esteve presente em nossos planejamentos, foi de ordem material. Na realidade, se ela não fosse levada em consideração, o fato, certamente, não chegaria a afetar o nosso comando, pois, as respectivas consequências, só seriam sentidas anos mais tarde; dizia respeito à utilização das aeronaves TC-45T.

Se voássemos com todas elas ao mesmo tempo, chegaria um determinado momento em que as horas dos respectivos motores estariam esgotadas.

A inexistência desses acessórios, em número suficiente para fazer face, em curto e médio prazos, às necessidades daí decorrentes, e o longo tempo que seria necessário para a revisão dos motores com horas vencidas, provocariam, inevitavelmente, a paralisação de toda frota, com gravíssimas consequências para a Força Aérea. Isto sem levar em consideração as inspeções gerais - IRAN, que deveriam ser realizadas.

Decidimos, então, implantar na Unidade, a conhecida "diagonal", para permitir a indispensável defasagem nas revisões dos motores. Assim, desde o início da sua operação, dividimos as aeronaves em 3 grupos, com quatro aparelhos cada um, tendo sido, a respectiva utilização, programada de tal forma que, no futuro, as revisões dos motores das aeronaves de um grupo não viessem a coincidir com as dos outros. Medida simples, por demais conhecida dos elementos envolvidos em um sistema de logística, mas que nem sempre fora observada no passado.

O resultado dessa providência tive a alegria de constatar quase sete anos depois, em 1970, quando, ao regressar a Natal para assumir o cargo de Subcomandante do Centro de Formação de Pilotos Militares, encontrei os doze TC-45T em plenas condições de voo. Naquele ano, com a ativação do CFPM, foi o 2º / 5º GAV desativado e suas aeronaves distribuídas pelas Unidades da FAB.

O 1º / 5º GAV, ficou ainda alguns meses em Natal, tendo sido, posteriormente, transferido para Recife, para onde se deslocou, sob o comando do então Maj Av Fraga. Coube-me, como representante do comandante do CFPM, Brig Ismael da Motta Paes, comparecer ao jantar de despedida oferecido aos seus oficiais e realizado nas instalações do antigo Clube Rampa.

Confesso que, na ocasião, ao saudar os seus integrantes, senti um aperto no coração. O 5º GAV, dentro em breve, estaria deixando o convívio da antiga Base Aérea de Natal, onde tantas sementes plantara e onde tão preciosos frutos colhera. Com ele, iria, não só um pedaço da Base Aérea de Natal, agora CFPM, como também de cada um nós que ali estavam e continuariam - alguns, como eu, que saíram e voltaram, e, outros que lá se encontravam desde o início dos ANOS DOURADOS.

Esta emoção, em todos nós se repetiu no dia seguinte, quando, após a leitura da Ordem do Dia, cujo privilégio me coube, as aeronaves se deslocaram para a cabeceira da pista e, sob a liderança segura do Maj Av Fraga, decolaram para sua nova casa. Senti que ali estava indo o último elo que me ligou a uma época que jamais esqueci e que jamais esquecerei.

Outra grande preocupação que esteve presente, principalmente no meu primeiro ano de comando, e da qual participavam todos os que tinham responsabilidade de chefia - notadamente meus auxiliares diretos, era o relacionamento dos Aspirantes com a sociedade, particularmente com os jovens.

Os que viveram em Natal, naquela época, conhecem perfeitamente a desconfiança e às vezes, mesmo, a animosidade que havia entre os jovens natalenses e os Aspirantes do 5º GAV.

Situação compreensível e até explicável. Isto, porque, enquanto os primeiros tinham em Natal suas raízes - suas famílias e namoradas, os Aspirantes, em sua maioria, chegavam a cidade sem qualquer compromisso com ela e com a sociedade, para ali passarem um ano, quando, então, pelo menos no julgamento de muitos, deixariam-na definitivamente.

Fatos ocorridos em anos anteriores, que tiveram por cenário clubes, boates ou outros pontos na cidade, criaram um clima de disputa e mesmo de rivalidade, que, em benefício de todos, era indispensável que desaparecesse. Era um problema que tinha que ser enfrentado, a fim de que a situação pudesse ser revertida. Aos Aspirantes cabia fazer sua parte, e, aos seus Chefes, desenvolver todos os esforços no sentido de que isso ocorresse.

Meus auxiliares diretos tinham sido escolhidos, não só pelas suas qualidades profissionais e militares, como, também, pelas características que devem estar presentes em um ser humano, como compreensão, espírito conciliador e abertura ao diálogo. Os oficiais que encontrei, ao chegar ao Grupo, revelaram-se, igualmente, preciosos auxiliares, pelo seu procedimento, lealdade e vontade de acertar.

Tinha certeza de que uma ação por parte deles, sob a liderança dos seus chefes, na qual predominassem o aconselhamento e o apelo ao sentimento, teria sucesso.

E realmente isso ocorreu. O comportamento civil dos Aspirantes passou a ser exemplar, o que contribuiu de forma decisiva para desarmar o espirito dos jovens da cidade. Fazendo a sua parte, eles se empenhavam em evitar as situações que pudessem dar margem a desavenças.

A mudança foi tal que no fim do ano de 1964, por ocasião de um acontecimento público, o fato mereceu um comentário do então Secretário de Segurança do Estado, Coronel Ulisses. Na ocasião, em presença do Cel Av Salema, Comandante da Base, ele perguntou pelos Aspirantes, acrescentando que "a turma de 1964 foi a turma de Estagiários de melhor procedimento civil, que já passou em Natal e que, por isto, constituíra-se um legítimo representante da Força Aérea Brasileira".

Em minha opinião, este foi um fato que influiu, de forma marcante para o estabelecimento e a consolidação dos ANOS DOURADOS, no que se refere ao relacionamento com a sociedade civil.

No dia 17 de abril de 1964 chegaram a Natal os primeiros TC-45T que equipariam o 2º / 5º GAV. A esquadrilha, comandada pelo Maj Av Cherubim Rosa Filho, era composta de 3 (três) aeronaves.

Chegada dos TC-45T: Da direita para a esquerda Maj Av Gilson, Ten Cel Av Athayde, Cel Av Lebre e Maj Av Rosa Filho

A partir de então, em voos sucessivos até o mês de maio, foram chegando as 2ª, 3ª e 4ª esquadrilhas, comandadas pelos Majores Aviadores Geraldo Lessa da Cunha Canto, Gilson Castagnino da Motta e Paulo Irajá Machado e Silva, respectivamente. Os traslados ocorreram sem qualquer incidente tendo servido, inclusive, para completar a adaptação dos pilotos ao novo equipamento.

Chegada dos TC-45T: Da direita para a esquerda
Ten Cel Av Athayde e Ten Av Oliveira

Tão logo foi concluído o Curso de Padronização de Instrutores, teve início a instrução dos Aspirantes nas novas aeronaves. Na ocasião, já estava aprovado o respectivo Programa de Instrução, que, elaborado pela Chefia de Operações do Grupo, teve por base, não apenas a sugestão recebida da COMFIREM, como também as observações feitas durante o Curso de Padronização de Instrutores.

Quando retornou dos EEUU, comandando a 3ª esquadrilha, o Maj Av Gilson Castagnino da Motta, por Ato Ministerial, foi designado encarregado do Inquérito Policial Militar que deveria apurar o envolvimento dos integrantes da Base Aérea de Natal nos acontecimentos políticos recentemente ocorridos no País. Em seu lugar, assumiu as funções de Oficial de Operações do Grupo, o Maj Av Cherubin Rosa Filho; para o comando de 1º / 5º GAV, seria, mais tarde, nomeado o Maj Av Ailton Siano Baeta, oficial que, como os escolhidos inicialmente, satisfazia, plenamente, os critérios estabelecidos para ocupar as funções.

O suprimento adquirido com as aeronaves, foi transportado por aviões do Correio Aéreo Nacional. Para fazer face às necessidades iniciais da instrução, foram selecionados alguns itens, que vieram para o Brasil nos próprios TC-45T.

Conforme mencionado anteriormente, o traslado dos TC-45T para o Brasil envolveu, praticamente, todo o efetivo de pilotos do 5º GAV e vários oficiais da Base Aérea de Natal. Tão logo a situação, daí decorrente, permitiu, teve início a instrução em aeronaves B-26, cuja meta era tornar operacionais, até o final do ano de instrução, todos os pilotos do 1º / 5º GAV que já serviam em Natal, meta que, graças à abnegação, esforço, entusiasmo e espírito de corpo dos integrantes do efetivo da Unidade, foi plenamente atingida.

Dessa forma, depois de um ano de atividades - em que a preocupação maior foi o cumprimento da missão estabelecida pelas autoridades superiores, chegamos ao mês de dezembro, todos nós, integrantes da Unidade, da qual a cada dia mais nos orgulhávamos, convictos de que a missão que nos fora atribuída estava sendo cumprida: as metas estabelecidas para aquele ano haviam sido plenamente alcançadas. Assim:

- a Unidade fora reestruturada, com a transformação do 1º / 5º GAV em Unidade Operacional, utilizando aeronaves B-26 e o 2º / 5º GAV em Unidade de Instrução, operando com as TC-45T;

- o Comando do 5º GAV, por intermédio do Oficial de Operações, dos S1, S2 e S4, emitia diretrizes, estabelecia programas, acompanhava seu cumprimento e analisava os resultados obtidos, introduzindo as modificações julgadas necessárias, agindo, efetivamente, como um Comando.

- os Comandantes e demais integrantes dos Esquadrões dedicavam-se com entusiasmo, abnegação e amor ao cumprimento da sua missão, submetendo ao Comando do Grupo, sempre que achavam aconselhável ou necessário, sugestões e observações julgadas oportunas essas ações, construtivas e extremamente valiosas, sob o ponto de vista profissional, desenvolviam-se em um clima que, sob todos os aspectos, não poderia ser melhor;

- a instrução inicial dos Aspirantes, ministrada nos aviões T-6, foi desenvolvida conforme planejado, tendo a ela sido dedicada particular atenção, visando não apenas ao treinamento respectivo, como também, à manutenção do entusiasmo e sã expectativa dos Aspirantes pela chegada das novas aeronaves.

- a transição consequente da troca de equipamento na instrução dos Aspirantes ocorreu de forma tranquila e de acordo com o previsto.

- a meta estabelecida para o 1º / 5º GAV fora cumprida: todos os oficiais pertencentes ao seu efetivo que não eram operacionais - alguns com três anos de Unidade, no fim do ano estavam qualificados na categoria; o Esquadrão era realmente uma Unidade Operacional.

Finalmente, no início do mês de dezembro, em cerimônia que contou com a presença do Ministro da Aeronáutica, Maj Brig Ar Nélson Freire Lavenère- Wanderley, realizou-se o encerramento do Estágio de Instrução dos Aspirantes.

Encerramento do Estágio de Instrução dos Aspirantes de 1964: Chegada do Ministro da Aeronáutica Maj Brig Ar Nélson Freire Lavenère-Wanderley

Naquela ocasião, a satisfação que invade o coração dos que têm consciência de que cumpriram seu dever, tornou-se completa,

quando, ao encerrar a cerimônia, referindo-se ao agradecimento feito pelo Comandante do 5º GAV pela sua presença, disse o Ministro, textualmente:

> *"Se alguém, neste momento, tem que fazer algum agradecimento este alguém é o Ministro da Aeronáutica, pela oportunidade que teve de constatar o entusiasmo de todos os integrantes do 5º GAV, o que, por dizer respeito à Unidade de Instrução de Aspirantes, representa, sem dúvida, uma contribuição da maior relevância para a Força Aérea".*

Encerramento do Estágio de Instrução dos Aspirantes de 1964: Entrega dos Certificados

Ao término do Estágio de Instrução, em um procedimento que seria repetido nos anos seguintes, foi realizada uma reunião, da qual participaram o Comandante do Grupo e seus auxiliares diretos - o Oficial de Operações, os S1, S2 e S4, os Comandantes dos Esquadrões e alguns oficiais instrutores, com o fim de selecionar os Estagiários que poderiam ser indicados para integrar o efetivo do 1º / 5º GAV.

Após demorada e criteriosa seleção, foi elaborada uma lista que, continha um número de nomes bem superior ao número das vagas que fora estabelecido pelas autoridades da Força Aérea, para o 5º GAV, em 1965. Este fato, demonstrou, inequivocamente, o elevado padrão dos estagiários recém-promovidos, sob os aspectos profissional, militar e de cidadão.

Infelizmente, somente dez poderiam ficar. Desta forma, houve a necessidade de retirar da lista o nome de vários pré-selecionados, fato que frustrou vários jovens, pois era grande o número dos que desejavam permanecer no 5º GAV.

O cuidado que, desde então, passou a estar presente no processo de seleção dos futuros integrantes do efetivo do Grupo, foi, indiscutivelmente, fator decisivo para que a Unidade viesse a ser aquela da qual todos nós, seus ex-integrantes, até hoje nos orgulhamos; ele foi, sem dúvida, uma das sementes que se transformaram nos ANOS DOURADOS.

Terminadas as férias, tiveram início os preparativos para as atividades que seriam desenvolvidas no novo ano de instrução. Ao contrário do que ocorrera no período anterior, tudo foi executado com a desejada antecedência. Assim, com base na experiência obtida em 1964, foram introduzidas pequenas modificações no programa de instrução do 2º Esquadrão.

Chegada dos Aspirantes para o Estágio de 1965

No que se referia ao 1º / 5º GAV, as Diretrizes expedidas pelo Comando do Grupo estabeleciam que caberia, ao Esquadrão, o desenvolvimento, em paralelo, de dois programas de instrução: um para os novos pilotos e outro para os pilotos operacionais. Os novos pilotos, em uma primeira fase, deveriam ser qualificados pilotos de

B-26; em uma 2ª fase, que seria executada em conjunto com os pilotos já operacionais, eles seriam qualificados como tal. O programa de instrução para pilotos operacionais estabelecia a manutenção da sua operacionalidade, inicialmente de forma isolada e, posteriormente, com os novos pilotos.

O objetivo a ser atingido no decorrer do ano de 1965 poderia ser resumido na obtenção das seguintes metas:

- preparar, adequadamente, os Aspirantes a Oficial Aviador, por meio de uma instrução que os aperfeiçoasse, militar, profissional e moralmente, para o desempenho das funções que lhes seriam atribuídas nas novas Unidades, proporcionando-lhes os ensinamentos que, de alguma forma, pudessem auxiliá-los a enfrentar e vencer as dificuldades que certamente se apresentariam no futuro, particularmente no início da carreira;

- concluir e consolidar o trabalho iniciado no ano anterior que visava tornar o 5º GAV uma Unidade plenamente operacional;

- equipar as aeronaves B-26 de forma a ser possível explorar toda sua capacidade de combate, com a execução dos diversos tipos de missão para os quais estava homologado;

- continuar as gestões junto ao Estado-Maior da Aeronáutica no sentido de ser obtida autorização para o funcionamento da Estação Tática do Grupo ;

- no que se referia às aeronaves TC-45T, manter e obedecer rigidamente as normas relativas à sua utilização, bem como dedicar particular atenção à situação do respectivo Suprimento Técnico.

O ano de 1965 marcou importantes conquistas para o 5º GAV.

Assim, no mês de junho, a Base Aérea de Natal foi notificada pelo Estado-Maior da Aeronáutica, de que o 5º GAV havia sido agraciado com o **Prêmio Segurança de Voo**, honraria que era concedida anualmente, pela USAF, à Unidade Aérea que mais houvesse se destacado entre as Organizações das Forças Aéreas Sul Americanas.

Este fato, como não poderia deixar de ser, encheu de orgulho os integrantes do 5º GAV que viram nele o reconhecimento a um trabalho que era desenvolvido, visando apenas ao cumprimento da missão.

Atendendo a solicitação do Estado-Maior, foi indicado o dia 14 de julho para entrega do prêmio. Naquela data, em solenidade realizada na Base Aérea de Natal, e em presença de todo efetivo da Base e do Grupo, o Comandante do 5º GAV recebeu do Gen Wynne o significativo troféu.

Prêmio Segurança de Voo da USAF: Gen Wynne entrega a placa alusiva ao Ten Cel Av Athayde

Na ocasião, foram dirigidas ao 5º GAV, as seguintes referências elogiosas:

- Pelo Ministro da Aeronáutica, Ten Brig do Ar Eduardo Gomes, em mensagem enviada ao Comandante da Base:

> *"Ao ensejo da entrega do troféu de segurança de voo da USAF ao 5º GAV, é com orgulho e satisfação que lhe envio as minhas mais calorosas congratulações pela perícia com que seus comandados se houveram. Felicito-o pelo elevado índice alcançado no cômputo geral dos pontos, esperando que o brilhante feito dessa Unidade Aérea sirva de exemplo para todos aqueles que desejarem engrandecer e honrar ainda mais a gloriosa Força Aérea Brasileira".*

- Pelo Gen Wynne, USAF Commander ao entregar o troféu:

> *"Não é fácil ganhar esta condecoração. Apenas uma equipe bem formada e habilidosa, trabalhando em conjunto, poderá con-*

quistar a plaqueta. O 5º GAV provou que é a tal equipe. Os senhores obtiveram o mais baixo índice de acidentes na sua história. Finalmente atingiram a meta de todas as organizações aeronáuticas.

Prêmio Segurança de Voo da USAF: Colocação do Troféu sobre o pedestal – Ten Cel Av Athayde, Cel Av Salema, Gen Wynne

- Pelo Cel Av Paulo Salema Garção Ribeiro, Comandante da Base Aérea de Natal, em certo trecho da sua Ordem do Dia, na data da entrega do troféu:

"Sem dúvida, feliz coincidência de oportunidades, recebe-se no "Dia da Liberdade" um prêmio, que em si traduz o sentimento e noção de responsabilidade de quem o recebe ou que fizeram jús.

Responsabilidade que se projeta pelo respeito às normas e padrões de eficiência aplicadas na formação dos bons pilotos.

Responsabilidade que se compreende, pela disciplina e conduta que valorizam o bom cidadão e militar.

Responsabilidade que se demonstra por números:

- 5.921 horas e 35 minutos de voo realizadas, no período de 9 de março a 28 de novembro de 1964, em instrução de 52 Aspirantes e 5 Oficiais Aviadores, sem nenhum acidente de voo.

Responsabilidade que se valoriza pelas características da missão e riscos decorrentes; pela pouca experiência dos instruendos;

pelo elevado nível de segurança demonstrado e pelo volume de programa de voo realizado.

Por tudo isto, pela admiração, pelo orgulho que sentimos em tê-los conosco, levamos ao Tenente Coronel Aviador CLÓVIS DE ATHAYDE BOHRER, Comandante do 5º Grupo, aos Comandantes de Esquadrão, oficiais e instrutores, suboficiais, sargentos e praças o elogio de que se tornam merecedores como exemplo, dedicação, honestidade de propósitos e noção do dever.

Ao General WYNNE, U S A F Commander, de cujas mãos receberá o Comandante do 5º Grupo o "Troféu de Segurança de Voo", os nossos respeitos, gratidão e a certeza de que saberemos honrar o justo e merecido prêmio dos irmãos em armas.

Meus Comandados

Por tudo o que já se fez, pelo muito que se há de fazer, pelo que o Brasil já é e pelo que há de ser, pelas tradições de nossa Unidade, pelo respeito aos nossos chefes, pela grandeza desta terra potiguar e seu povo, mantenhamos e não nos esqueçamos nunca da fé que devemos ter nos destinos de nossa Pátria e da liberdade que começa com a consciência da dignidade humana".

- PAULO SALEMA GARÇÃO RIBEIRO - Cel Av
Comandante da Base Aérea de Natal

Para registrar a significativa conquista, no local da cerimônia foi erguido um pedestal, no qual foi afixada uma placa, confeccionada em bronze, com os seguintes dizeres:

"Neste local, no dia 14 de julho de 1965, foi entregue ao 5º Grupo de Aviação o prêmio Segurança de Voo, oferecido pela Força Aérea Norte-americana".

Prêmio Segurança de Voo da USAF: Ten Cel Av Athayde agradecendo

Outro fato marcante, sob o aspecto profissional, foi a operação noturna realizada no dia 15 de novembro, em comemoração ao aniversário da ativação do comando do 5º GAV. Na ocasião, 2 elementos de aeronaves B-26, lideradas pelo Comandante e pelo Oficial de Operações do Grupo, fizeram uma demonstração de ataque com foguetes e metralhadoras, utilizando um alvo montado próximo aos hangares do 5º GAV.

Foi a primeira vez que uma operação deste tipo e nestas condições, foi realizada no Brasil, e os resultados foram excelentes.

Um mês mais tarde, por ocasião do encerramento da Operação Poty e atendendo a solicitação do Ministro da Aeronáutica, Ten Brig do Ar Eduardo Gomes, foi realizada demonstração semelhante: ataque noturno, com lançamento de foguetes e tiros de metralhadora a alvo montado no solo que teve o mesmo êxito da anterior.

Operação Poty: Encerramento em Natal

Também em 1965, o 1º / 5º GAV, com cinco aeronaves B-26, participou da operação CATRAPO, realizada em Santa Cruz, quando, sob o comando do Maj Av Rosa Filho, operou em conjunto com aeronaves do mesmo tipo da USAF.

B-26: Ataque ao solo

Se o ano de 1965 foi um ano de significativas realizações profissionais, foi, também, um ano que nos trouxe tristezas com o falecimento, em acidentes, de 3 companheiros, Cap Av Peixoto de Melo, Ten Av Schmidt e Ten Av Pinto de Melo; à sua memória, nesta oportunidade, a nossa homenagem e o nosso sentimento de profunda saudade. Longe, no entanto, de nos abater, estes fatos mais uniram a família 5º GAV, levando-nos a procurar, cada vez mais, o aperfeiçoamento profissional.

E assim chegamos, eu e os integrantes do 5º GAV, que tive a honra e o privilégio de comandar, ao fim de mais uma jornada profissional.

Em dois anos, aquele grupo de oficiais, alguns que chegaram comigo e outros que lá encontrei, tinham construído, com os respectivos subordinados, mediante um trabalho sério e perseverante, em que estiveram presentes, acima de tudo, o profissionalismo, o espírito de corpo, o amor à Organização e o desejo de acertar, a Unidade dos nossos sonhos, da qual sempre se orgulhariam.

No dia a dia da nossa luta, todos, realmente todos se superaram, tendo presente, sempre, o lema que nos orientou, e que, para minha satisfação e meu orgulho, foi pintado na parede do auditório do 2º / 5º GAV, e lá estava quando, em 1970, voltei a Natal como

Subcomandante do CFPM, lema em que continuo a acreditar firmemente: que **"o importante não é dar muito mas sim dar o melhor de si"**.

E todos, durante os meus dois anos de comando, deram o melhor de si. Este procedimento dos meus leais subordinados fez com que viesse a se tornar realidade o único pensamento presente em minha mente naquele 24 de janeiro de 1964: fazer daquela Unidade a Unidade dos nossos sonhos, da qual, todos que a ela pertencessem, ou tivessem pertencido, pudessem se orgulhar.

Convidado para servir no Comando de Transporte Aéreo fui exonerado do cargo de Comandante do 5º Grupo de Aviação, em 19 de janeiro de 1966.

Antes tive a última alegria, quando me foi concedido o último privilégio como Comandante: indicar o meu substituto.

E o fiz indo buscar no extremo sul do país - no outro Rio Grande, onde desempenhava o cargo de Comandante do 1º / 14º Grupo de Aviação, o meu companheiro de turma e amigo, Ten Cel Av Silas Rodrigues, a quem, no dia 21 de janeiro de 1966, na presença de todo o efetivo da Base Aérea de Natal e do 5º GAV, em cerimônia que foi, presidida pelo Comandante da 2ª Zona Aérea, Maj Brig Ar Manoel José Vinhaes, passei, no ar e em terra, o comando do 5º GAV.

Passagem de Comando
Apresentação ao Comandante da 2ª Zona Aérea Ten Cel Av Athayde
passa o para o Ten Cel Av Silas

E, com ele e com os antigos auxiliares que deixei em Natal, a Unidade dos nossos sonhos continuou sua trajetória, com o sucesso esperado e por todos nós desejado.

E os **ANOS DOURADOS** se consolidaram e criaram as raízes de uma árvore que nunca mais morreria.

Ao deixar registrado meu depoimento em relação àquele período áureo da minha vida profissional, desejo externar a minha convicção, que é alicerçada em 40 anos de vida militar, que o trabalho em equipe, o profissionalismo, o espírito de corpo, a união entre seus integrantes e o amor com que executamos nosso trabalho, são, sem dúvida, os fatores decisivos para o sucesso de qualquer Organização.

Todos esses fatores estiveram presentes no nosso 5º GAV.

Daí o orgulho que todos nós que tivemos a felicidade e o privilégio de integrar o seu efetivo, trazemos até hoje no coração.

Rio de Janeiro, 23 de outubro de 2000

Brig Ar Ref Clóvis de Athayde Bohrer

Flâmula do 5º GAV

Anexo ao depoimento dos "Meus anos dourados – 1964-1965"

Em uma homenagem aos integrantes da Turma de Estagiários de 1964, alguns dos quais atingiram o generalato e permanecem, ainda, no serviço ativo, e por achar que as palavras que lhes dirigi por ocasião do encerramento do respectivo Estágio de Instrução continuam plenamente válidas, transcrevo abaixo o pronunciamento que fiz na ocasião.

Exmo. Sr. Maj Brig NÉLSON FREIRE LAVENÈRE-WANDERLEY, Ministro da Aeronáutica.

Exmo. Sr. Ten Brig HENRIQUE FLEIUUS, Chefe do Estado-Maior da Aeronáutica.

Exmo. Sr. Maj Brig HOMERO SOUTO DE OLIVEIRA, Comandante da 2a Zona Aérea.

Exmo. Sr. Maj Brig OSVALDO BALOUSSIER , Diretor Geral do Material da Aeronáutica

Exmo. Sr. Almirante TERTIUS PIRES REBELLO, Prefeito da cidade de Natal.

Exmo. Sr. Cel EDNARDO D'AVILA MELLO, Comandante da ID/7 e Guarnição Militar de Natal.

Exmo. Sr. Cap de Mar e Guerra CIRILO Comandante da Base Naval de Natal

Exmas. Autoridades Civis e Militares aqui presentes

Senhores Oficiais, do Exército, Marinha e Aeronáutica.

Minhas Senhoras e Meus Senhores

Estagiários de 1964

Encerra hoje, o 5º Grupo de Aviação, o seu ano de instrução de 1964.

Nesta oportunidade, sejam nossas primeiras palavras, de agradecimento, Sr. Ministro, pela honra que nos é dada em ter V. Exa. na presidência desta solenidade. Este fato a par da satisfação

que nos traz, é para todos nós, um incentivo. E este incentivo é tanto maior por sabermos que V.Exa. para estar hoje aqui, teve que harmonizar os inúmeros problemas decorrentes de suas altas funções, com a presença aqui em Natal.

Por tudo isto, em nome do Comando e de todo o efetivo do 5º Grupo de Aviação, o nosso reconhecimento.

Aos Exmos Srs Oficiais Generais da Força Aérea Brasileira e às ilustres autoridades civis e militares aqui presentes, o nosso agradecimento pela honra que nos é proporcionada por tê-los nesta cerimônia.

Meus Companheiros, Estagiários de 1964

Atingis, hoje, mais um degrau da escada que começastes a galgar há 7 anos.

Aquelas esperanças que então vos incentivavam, esperanças que não eram só vossas, que não somente a vós pertenciam, pois nasciam nos corações de todos que vos amavam, vão aos poucos concretizando-se.

É a terceira grande etapa que em menos de um ano venceis.

Em 14 de Dezembro de 1963, recebíeis no Campo dos Afonsos, no Ninho das Águias Brasileiras, as vossas espadas, símbolo do oficialato. Ereis, então, Aspirantes a Oficial Aviador, graduação a que havíeis atingido após 6 anos de constantes estudos, durante os quais, por diversas vezes, fostes submetidos a rigorosa seleção. Era, então, o início de uma etapa diferente em vossas vidas, na qual, a par das obrigações de estudantes, teríeis as de aspirantes ao oficialato, com todos os direitos, mas também com todos os deveres que tal situação lhes proporcionava.

E pelo vosso esforço, e pelo vosso sadio procedimento, também essa fase foi vencida. Assim, em 23 de outubro do corrente ano, fostes promovido a 2ª Tenente. Das nossas mãos, e das mãos do Sr. Comandante da base, recebestes as insígnias a que havíeis feito jús. Era a segunda grande conquista em dez meses.

E hoje, quase um ano após aquela manhã em que vos despedistes dos Afonsos, quase um ano após terdes jurado defender nossa

Pátria mesmo "com o sacrifício da própria vida", aqui estais para receber o atestado do vosso esforço e do vosso empenho, em bem aprender aquilo que vossos instrutores vos ensinaram, para que estivésseis melhor preparados para cumprir o juramento que então foi feito.

Durante nove meses procurastes assimilar não somente os ensinamentos técnico-profissionais que vos foram ministrados. Vosso esforço foi dirigido, também, no sentido de aprimorar vossos conhecimentos militares, o que ficou demonstrado nas diversas ocasiões em que para isso houve oportunidade.

Vossa Missão aqui era aprender; dentro em breve, no entanto, outra ela será. Naturalmente, outras, também, serão vossas responsabilidades.

Ireis despir-vos da situação de Estagiários para assumirdes, em toda sua plenitude, as responsabilidades de Oficial.

Um longo caminho já percorrestes. Face, no entanto, ao que vos espera, ele quase nada representa.

Muito mais longo e muito mais árduo será o que agora enfrentareis. Muitos espinhos a vossa frente aparecerão. Espinhos que, muitas vezes, farão com que fiqueis tentados a não prosseguir na caminhada, e regressar ao ponto de origem. Nessas ocasiões, lembrai-vos de que – "a vida é combate que somente os fracos abate . . .".

Lembrai-vos de que vossos pais também lutaram para vencer na vida, e que, alguns deles, por paradoxal que isto pareça, somente com a morte o conseguiram, pois deram sua vida em troca da liberdade que hoje gozais.

Jamais permitais que os germens da discórdia ou da indisciplina possam contaminar-vos - jurastes um dia "respeitar os superiores hierárquicos, tratar com afeição os irmãos de armas e, com bondade, os subordinados".

Cultivai os sentimentos da lealdade, do respeito e da sinceridade; lealdade, respeito e sinceridade para com os vossos superiores, para com os vossos colegas, para com os vossos subordinados.

Jamais esqueçais, de que devemos respeitar antes de sermos respeitados, que devemos ser disciplinados para que possamos exigir disciplina.

Jamais esqueçais de que pelo vosso bom ou mau exemplo podereis contribuir para a felicidade ou para a infelicidade da nossa Corporação, para a felicidade ou para infelicidade da nossa Pátria.

Vosso procedimento, aqui, foi motivo de satisfação para o vosso Comandante. E esta satisfação tornou-se orgulho, quando, em companhia do Comandante da Base, ouvimos, há três dias, da mais alta autoridade estadual do setor da Segurança Pública, Cel Ulisses, que - "a turma de 1964, foi a turma de Estagiários de melhor procedimento civil que já passou em Natal, e que, por isto, constituíra-se um legítimo representante da Força Aérea Brasileira".

Que pelo vosso procedimento possam, também, vossos futuros Comandantes ter esta mesma satisfação e este mesmo orgulho, são os nossos sinceros votos.

Temos a alegria de ver entre vós todos aqueles que convosco iniciaram o Estágio há nove meses.

Deus permitiu que nenhuma vida nos fosse roubada. Que esta alegria esteja sempre presente em toda vossa existência.

Que sejais felizes no futuro, muito felizes, são os nossos votos.

Clóvis de Athayde Boher é Brigadeiro do Ar Reformado, escritor sobre temas aeronáuticos e Conselheiro do INCAER.

As incríveis mulheres do mundo das sombras

Márcio Bonifácio Moraes

"São as nossas decisões e as nossas habilidades que demonstram quem somos na realidade"

Joanne Rowling
Escritora britânica

As mulheres em ação

Muitos haverão de pensar que no trabalho realizado pela atividade de Inteligência, não existe espaço para as mulheres. Entretanto, no presente artigo, serão apresentadas algumas histórias de patriotismo, bravura, heroísmo e desprendimento, onde essas heroínas do "mundo das sombras" foram justamente as mulheres. Elas fizeram parte do serviço de Inteligência na Segunda Guerra Mundial e, até hoje, ainda desempenham um importante papel na atividade.

Vamos falar, inicialmente, das mulheres que integraram, de forma voluntária, o Serviço de Operações Especiais – *Special Operations Executive -SOE.* Criado na Grã-Bretanha em 22 de julho de 1940, por determinação do primeiro-ministro Winston Churchill. O SOE[1] era subordinado ao então Ministério da Economia de Guerra – *Minister of Economic Warfare.*

Aos integrantes do SOE, eram atribuídas as missões de realizar espionagem, sabotagem e outras ações de guerra irregular, na retaguarda das linhas inimigas. Serviam, também, como elemento de apoio aos movimentos de resistência na Europa ocupada pelos alemães. Era popularmente conhecido como o *"Exército Secreto de Churchill".*

No efetivo do SOE, vamos encontrar algumas mulheres que eram donas de casa, professoras, escritoras, jornalistas e até estudantes. Deixaram seus afazeres para trabalhar em proveito da pátria e do esforço de guerra. Umas atuaram na linha de frente, outras em tarefas subsidiárias, mas também importantes.

Realizaram verdadeiros atos de bravura e, algumas, pagaram com a própria vida e nunca mais retornaram aos seus lares e famílias. As agentes do SOE eram chamadas, carinhosamente, de "pianistas", numa alusão ao uso dos aparelhos de telégrafo Morse que treinavam, exaustivamente, para manter contato com a base de operações. Para chegar ao território inimigo, eram lançadas de paraquedas, desembarcadas de pequenos aviões, de botes de borracha ou até de submarinos. O rádio que elas levavam era o principal e único elo de ligação com os seus controladores em solo britânico.

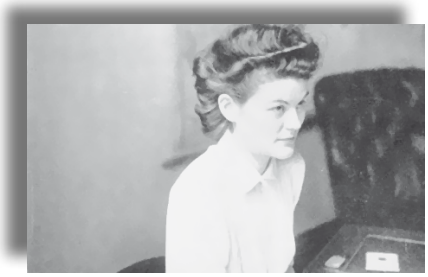
Em ação combinada com os integrantes dos movimentos de resistência, especialmente o francês, elas participaram de operações de alto risco como: a destruição de estações de comunicações, pontes, represas, depósitos de munição, fábricas, linhas férreas, loco-

1 O SOE foi criado com a fusão de três organizações: O departamento EH (Electra House) – Propaganda, subordinado ao Ministério das Relações Exteriores (Foreign Office); A Seção D do MI 6 (Secret Intelligence Service) – encarregada de demolição e sabotagem e o MI (R) – Guerrilha, subordinada ao Ministério da Guerra (War Office).

motivas, redes de alta tensão, enfim, tudo que pudesse dificultar a atividade do inimigo.

Dentre as características observadas nas mulheres recrutadas pelo SOE, os seus oficiais instrutores destacaram que nos treinamentos realizados elas se mostravam minuciosas, habilidosas, detalhistas, persistentes e corajosas, mesmo em situações de extremo perigo ou de estresse.

A secretária de Winston Churchill
Joan Bright Astley ou Penelope Joan McKerrow Bright



Joan Bright nasceu em Monte Caseros na Argentina, em 27 de setembro de 1910, filha de pai inglês e mãe escocesa. Na Argentina ela realizou o ensino básico, entretanto a família decidiu residir na Espanha, onde teve uma breve estada. Finalmente, retornaram definitivamente para a Inglaterra.

Ao finalizar os seus estudos, foi trabalhar no Ministério das Relações Exteriores, tendo sido designada para servir na embaixada britânica no México e lotada no setor de códigos e cifras.

Em 1939, com o início da Segunda Guerra Mundial, passou a trabalhar como secretária pessoal do coronel "Jo" Holland chefe do MI (R) - *Military Intelligence Research* - que era um departamento

do Ministério da Guerra -*War Office* - setor responsável por ações de guerrilha e sabotagem na retaguarda das linhas inimigas. Mais tarde o MI (R) foi absorvido pelo SOE.

Joan Bright acabou sendo indicada para trabalhar no Centro de Inteligência, localizado no Gabinete de Guerra, como auxiliar do General Sir Hastings Ismay e secretária do premier Winston Churchill. Tinha como responsabilidade a custódia de todos os documentos e relatórios altamente secretos que eram encaminhados ao premier.

Ao final da guerra Joan acompanhou Churchill em várias conferências, dentre as quais as de Teerã, Yalta e Potsdam.

Como curiosidade, ela teve um relacionamento amoroso com o comandante Iam Fleming que também trabalhava no serviço secreto. Talvez tenha sido em Joan que ele se inspirou para criar a secretária *Moneypenny*, personagem dos filmes de James Bond.

Joan Bright faleceu em 2008, aos noventa e oito anos.

As "Pianistas" do SOE

Vamos conhecer agora algumas das dezenas dessas fabulosas mulheres que atuaram nas operações do SOE, em território ocupado por alemães na França.

Condessa Maria Krystyna Janina Skarbek ou Christine Granville – codinome: Pauline

Krystyna foi uma agente polonesa que atuou no Serviço Secreto de Inteligência (SIS) e no SOE durante a Segunda Guerra Mundial. Assim, é considerada como uma das primeiras mulheres que atuaram em guerra irregular no território polonês e na França ocupada.

Maria Skarbek nasceu em 1908 em Varsóvia na Polônia, filha do Conde Jerzy Skarbek. Assim, pertencia a uma família rica e abastada.

Em 21 de abril de 1930, Krystyna casou-se com um jovem empresário, de nome Gustaw Gettlich. Entretanto o casamento terminou, amigavelmente, após algumas semanas.

Tempos depois, Krystyna acabou por conhecer outro polonês de nome George Gizycki, poeta, explorador e correspondente estrangeiro. Em 2 de novembro de 1938, eles concretizaram essa união, casando-se na Igreja Evangélica de Varsóvia.

Quando da eclosão da Segunda Guerra Mundial, o casal encontrava-se em Adis Abeba- Etiópia, onde George Gizycki era cônsul geral da Polônia. Entretanto, o início da guerra obrigou a que eles abandonassem a Etiópia, viajando para a Inglaterra. Lá ela adotou o nome de Christine Granville.

Por intermédio de um amigo, o jornalista Frederick Voigt, Krystyna foi recrutada para lutar contra os nazistas passando a integrar o Serviço de Inteligência. Em dezembro de 1939, ela foi designada para sua primeira missão, indo servir em Budapeste, com a estória de cobertura de jornalista. Krystyna, por inúmeras vezes, cruzou a fronteira entre a Hungria e a Polônia, conseguindo salvar a vida de oficiais poloneses que estavam internados em campos de detenção. Nessas operações, passou por várias situações de extremo risco.

Krystyna acabou por ser requisitada para servir no recém-criado SOE. Sua recrutadora, Vera Atkins, teria a classificado como uma mulher de muita fibra e de coragem. Após um treinamento de paraquedismo, sabotagem, comunicações e guerra irregular ela foi preparada para operar em uma equipe do SOE na França, uma vez que era fluente no idioma. Recebeu o codinome de "Pauline".

A designação dela foi considerada oportuna, uma vez que o SOE tinha poucos agentes treinados para cobrir as crescentes demandas que estavam sendo feitas, no período que antecedeu a invasão da França pelos aliados. Novos agentes já estavam em treinamento, mas esse trabalho ainda levaria algum tempo.

Krystyna já possuía um histórico bem-sucedido na Europa ocupada e precisava apenas de "atualização" e de alguma orientação sobre o que iria realizar na França. Em 6 de julho de 1944, ela foi lançada de paraquedas no sudeste da França, passando a fazer par-

te da rede da resistência francesa de codinome "Hockey". Lá, ela participou de várias ações conjuntas com guerrilheiros italianos e franceses contra os alemães, na região dos Alpes de Vercors, no sul da França.

Em 13 de agosto de 1944, no vilarejo de Digne-les-Bains, dois dias antes do desembarque dos aliados no sul da França, ela conseguiu salvar da prisão três membros da resistência que haviam sido presos em um bloqueio de estrada, que era realizado pela Gestapo.

Em seu retorno para a Inglaterra foi transferida para o Corpo Auxiliar Feminino da Real Força Aérea - *Women's Auxiliary Air Force (WAAF)*, onde serviu até o fim da guerra, chegando ao posto de capitão. Ela foi condecorada com a Cruz do Rei Jorge – *George Cross*[2], com a Ordem do Império Britânico e com a *Croix de Guerre* 1939-1945[3], da França. Um oficial superior de Krystyna teria mencionado: "*Ela cumpriu suas tarefas de maneira que nenhuma outra pessoa, homem ou mulher, teria feito"*.

Embora toda a contribuição prestada ao esforço de guerra e ao governo britânico, ela acabou passando por dificuldades, pois recebeu apenas uma pequena ajuda financeira. Assim, foi obrigada a procurar um emprego. Apesar de todo o seu talento, foi trabalhar como garçonete em um navio de cruzeiro. Foi morta, por esfaqueamento, em um hotel em Londres, no dia 15 de junho de 1952, devido a um caso de amor não correspondido.

Vera May Atkins, nascida Vera Maria Rosenberg.

Vera nasceu em Bucareste, na Romênia, em 16 de junho de 1908. Mudou-se para a Inglaterra com a família em 1933, mas voltou ao continente para

2 É uma das mais altas condecorações concedidas pelo Império Britânico por atos de heroísmo ou por coragem em circunstâncias de extremo perigo. É concedida para militares e civis. Normalmente essa condecoração é entregue pelo próprio monarca em cerimônia no Palácio de Buckingham.

3 A Cruz de Guerra da França 1939-1945- Croix de Guerre foi criada para homenagear aqueles que lutaram na Segunda Guerra Mundial contra as forças do Eixo.

estudar idiomas modernos na Universidade da Sorbonne. Atkins só retornou à Inglaterra em maio de 1940, no momento em que a França, invadida pelo Exército alemão, capitulou.

Recrutada pelo SOE, ingressou na Seção F (França) em fevereiro de 1942, e tornou-se assessora de Maurice Buckmaster, Chefe dessa Seção.

O seu trabalho incluía entrevistar recrutas, organizar treinamentos, planejar operações e realizar a recepção de agentes em território francês ocupado. Uma de suas principais tarefas, criar estórias de cobertura convincentes para os agentes enviados.

Durante o conflito, Vera preparou para ação 370 agentes secretos, dentre eles 39 mulheres. Depois da guerra, Vera passou mais de um ano interrogando militares alemães e guardas de campos de concentração, sobre o paradeiro de 118 agentes do SOE que não voltaram.

Ela se aposentou, mas continuou na Inglaterra. Nunca escreveu suas memórias, mas concedeu numerosas entrevistas a escritores famosos, que imortalizaram em suas obras os nomes desses heróis desaparecidos do SOE. Recebeu a medalha da Ordem do Império Britânico e a *Croix de Guerre* e a Legião de Honra da França. Vera Atkins faleceu em 24 de junho de 2000, com 92 anos.

Violette Reine Elizabeth Bushell Szabo, mais conhecida como Violette Szabo – codinomes: Louise e Corinne.

Violette nasceu em Paris, em 26 de junho de 1921, e era filha de mãe francesa e de pai inglês. Casou-se com o capitão da Legião Estrangeira Etienne Szabo, que morreu em campanha no Norte da África. Dessa relação, nasceu uma filha de nome Tânia.

Desgostosa e triste com a morte do marido pelos alemães, Violette decidiu se voluntariar para atuar no SOE. Após algumas negati-

vas, pois já tinha uma filha pequena, foi aceita para atuar na linha de frente. Após um rigoroso e duro treinamento e usando o codinome Louise, foi infiltrada, por duas vezes, na França ocupada.

Na segunda vez, ela foi capturada e enviada para um campo de concentração em Revensbruck na Alemanha, onde acabou por ser executada. Nessa ocasião, ela tinha somente 23 anos. Szabo foi condecorada, postumamente, com a Cruz do Rei Jorge e a *Croix de Guerre 1939-1945* do governo da França. Quem recebeu essas comendas foi a filha dela, Tânia. Por muito tempo, historiadores continuarão contando a vida de Violette Szabo a todos os jovens, como exemplo de patriotismo e sacrifício que não foi em vão.

Jaqueline Nearne – codinome: Josette

Jaqueline nasceu em 27 de maio de 1916, filha de pai inglês e mãe espanhola. Ela nasceu na Inglaterra, mas, quando ainda era jovem, a família transferiu-se para a França.

Jaqueline trabalhou na cidade de Nice em uma empresa de vendas e quando a Alemanha ocupou a França, a família fugiu para a Inglaterra.

Ela candidatou-se voluntariamente para o SOE, tendo sido logo aproveitada em razão de sua fluência no idioma francês. Foi enviada para a França ocupada em 1943, com a missão de coordenar a rede de resistência francesa. Participou de várias ações de sabotagem em linhas férreas e de uma usina de energia elétrica. Conseguiu sobreviver dezoito meses por trás das linhas inimigas, trabalhando com a resistência francesa e retornar ilesa à Inglaterra. Foi condecorada com a Ordem do Império Britânico. Faleceu em agosto de 1982.

Noor Inayat Khan – codinomes: Madaleine e Jeanne-Marie Renier

Noor nasceu em 01 de janeiro de 1914, em Moscou, e era filha de pai hindu e de mãe norte-americana. Foi criada na França e se dedicava em escrever livros infantis. Seu codinome Madaleine foi tirado da última estória que escreveu antes da ocupação alemã.

Quando a guerra começou, Noor tinha apenas 25 anos e fugiu para a Inglaterra onde se juntou ao SOE.

Passou a ser treinada nas técnicas de telegrafia e sabotagem. Lançada em território francês, ela realizou inúmeras ações junto com a resistência servindo como operadora de rádio, trabalho que ela era exímia. Noor foi detida pelos alemães em outubro de 1943, havendo ficado presa e mediante interrogatório, recusou-se a cooperar. Foi levada para o campo de concentração de Dachau, onde foi executada com um tiro na cabeça.

Recebeu, postumamente, a mais alta condecoração britânica, a Cruz do Rei Jorge e a Cruz de Guerra da França, pelos seus atos de bravura e heroísmo.

Andrée Borrel – codinomes: Monique e Denise

Nascida na França, em 18 de novembro de 1919, foi educada em um bairro pobre do vilarejo de Bécon-les-Bruyères, nos arredores de Paris.

Deixou os estudos aos 14 anos, e começou a trabalhar em vendas. Gostava da vida ao ar livre e tinha como *hobby* escalar montanhas e correr por terrenos acidentados.

Fugiu da França, onde se juntou aos integrantes da França Livre, movimento liderado por Charles de Gaulle, na Inglaterra. O SOE viu nela uma boa mulher para infiltrar-se na França sem levantar suspeitas. Foi finalmente recrutada com sucesso. Seus instrutores a caracterizavam como: "uma pessoa dura, independente e absolutamente segura". Foi a primeira mulher a ser lançada de paraquedas sobre a França ocupada. A missão dela era de atuar como "pianista" da segunda maior rede de resistência em atividade na região de Paris – a "Rede Próspera". Essa rede fazia parte de uma das dezenas de redes de comunicações de rádio e de mensageiros, organizadas pelo SOE, em território francês ocupado.

Ela tornou-se mais do que uma simples mensageira. Passou a organizar e a fazer parte da resistência, treinando os membros da rede no uso de armas, explosivos e sabotagem. Borrel foi presa e encaminhada para a prisão de Fernes, onde permaneceu por cerca de um ano. Foi transferida para um campo de concentração na Alemanha, onde foi executada com mais outras mulheres, com injeções letais e, posteriormente, cremadas. Foi condecorada postumamente com a Cruz de Guerra e a Medalha da Resistência da França.

Vera Lilian Rolfe – codinome: Nadine

Vera nasceu em Paris, em 16 de abril de 1914, filha de pai e mãe ingleses. Por volta de 1930, a família Rolfe transferiu-se da Inglaterra para o Rio de Janeiro, onde seu pai trabalhou até a aposentadoria.

A Segunda Guerra Mundial encontrou Vera trabalhando na embaixada da Inglaterra no Rio de Janeiro. Assim ela começou sua carreira na Inteligência, controlando o fluxo de navios que atracavam no porto do Rio e que transportavam passageiros alemães e material para a Alemanha. Havendo demonstrado habilidade nesse trabalho, as autoridades britânicas perguntaram-lhe se não desejava ir para Londres e juntar-se

às forças que combatiam o Eixo. Ela concordou com a proposta. Chegando a Londres apresentou-se ao SOE e, em novembro de 1943, iniciou o treinamento de radiotelegrafista.

Em abril de 1944, foi levada para o território francês em um pequeno avião, juntando-se a resistência francesa e atuando como radio-operadora.

Por meio de suas mensagens para Londres, permitiu que a resistência francesa recebesse, de forma segura, grandes carregamentos de armas e munição.

Em julho do mesmo ano, ela foi detida e enviada para a prisão de Frenes. Após passar por um severo interrogatório, foi deportada para o campo de concentração de Revensbruck na Alemanha. Em janeiro de 1945, ela foi morta com um tiro na nuca. Foi condecorada postumamente com a Ordem do Império Britânico e a Cruz de Guerra da França.

Nancy Wake – codinomes: Helène (SOE), Andrée (Resistência) e Rato Branco (Gestapo).

Nancy Grace Augusta Wake nasceu em 30 de agosto de 1912, na Nova Zelândia. Mais tarde foi estudar em Sidney na Austrália. Posteriormente, viveu em Nova Iorque, na Inglaterra e, finalmente, em Paris onde exerceu a profissão de jornalista.

Nancy foi, talvez, a mulher que mais recebeu condecorações na Segunda Guerra Mundial e, provavelmente, a mais procurada pelos alemães.

Quando a guerra começou na Europa, Nancy era jovem e casou-se com um rico francês, Henri Edmond Fiocca, desfrutando de uma vida de luxo e conforto na cidade de Marselha.

Quando os alemães invadiram a França, Nancy entrou para o movimento de Resistência e transformou-se em especialista em sabotagem e guerra irregular.

Já em fins de 1942, o nome dela já figurava na lista de pessoas procuradas pela polícia secreta nazista – Gestapo, com o preço de recompensa de cinco milhões de Francos. Nancy chegou a ser detida pelos franceses do regime de Vichy, mas conseguiu fugir para a Espanha e, posteriormente, para a Inglaterra.

Ela foi recrutada pelo SOE, tendo sido treinada em sobrevivência, comunicações, explosivos e armamentos.

Em fevereiro de 1944, ela foi lançada de paraquedas em território francês, com a missão de dar apoio aos grupos de resistência já em preparação para o desembarque aliado na Normandia. Em um trabalho de recrutamento, ela conseguiu reunir cerca de 7.000 guerrilheiros e, conduzindo-os pessoalmente, causando severos danos aos alemães. Nancy continuou liderando os seus homens na invasão da sede da Gestapo, em Montluçon. Nessa operação ela própria eliminou várias sentinelas. Após a guerra ela teria mencionado: *"Eu matei muitos alemães e só tenho a frustração de não haver conseguido matar mais!"*

Ao final do conflito ela continuou trabalhando no SOE e no Departamento de Inteligência do Ministério da Aeronáutica.

Recebeu as seguintes condecorações: Medalha do Rei Jorge da Inglaterra, por bravura e coragem sob fogo inimigo; a Legião de Honra; a Cruz de Guerra da França e a medalha da Liberdade - *United States Medal of Freedom* dos EUA. Porém, ela nada recebeu do governo australiano, em termos de honrarias. Quando veio a recomendação para que fosse agraciada com uma medalha, a proposição foi rejeitada por ela. Magoada com a atitude dos australianos, Nancy decidiu que jamais aceitaria uma medalha da Austrália. Isso ocorreu por ser ela neozelandesa.

Nancy havia demonstrado um último desejo: *"quero ser cremada e que minhas cinzas sejam espalhadas pelas montanhas onde lutei, junto com a Resistência. Isso será o bastante para mim!"*

Nancy faleceu na noite do dia 7 de agosto de 2011, aos 98 anos, no Hospital Kingston em Londres. O seu último desejo foi cumprido em 11 de março de 2013 quando as suas cinzas foram espalhadas perto da vila de Verneix, que fica próxima a Montluçon, na França.

Relembrando a trajetória dessas corajosas mulheres, ressaltamos que na Inglaterra e na Escócia, as escolas do SOE receberam mais de 500 inscrições para seus cursos, dos quais 400 foram para a Seção F (França) e 50 eram mulheres. Ao término do conflito, dos quase 400 que conseguiram terminar o curso e, efetivamente entrarem em ação, 375 sobreviveram. Doze das 50 operadoras de rádio, "as pianistas", foram mortas e três sobreviveram às sessões de tortura dos nazistas no campo de concentração para mulheres de Revensbruck.

As criptólogas da Estação X

Cerca de 8.000 mulheres chegaram a trabalhar na Escola de Códigos e Cifras do Governo Britânico - *Government Code and Cypher School (GC&CS)* situada em Bletcheley Park e também conhecida como a Estação X.

Elas fizeram parte do esforço de guerra britânico, sendo empregadas nos trabalhos de criptoanálise e em outras tarefas subsidiárias tais como: operação das máquinas criptográficas, tradução e análise de documentos e do tráfego de mensagens.

Inicialmente, elas pertenciam as forças armadas e eram cedidas por meio de indicação dos seus superiores. Com o progresso do projeto, elas passaram, também, a ser recrutadas diretamente nas universidades uma vez que eram necessárias pessoas com conhecimentos de matemática, de lógica, de física e de engenharia.

Assim, vamos contar agora a história de algumas mulheres que se destacaram nos trabalhos da Estação X.

Mavis Lilian Batey

Nascida em 05 de maio de 1921, em Dulwich, distrito de Londres, era filha de mãe costureira e de pai que trabalhava nos correios.

Estudava em uma universidade em Londres quando eclodiu a Segunda Guerra Mundial. Trabalhou, inicialmente, no setor que fazia a leitura de jornais, tentando detectar eventuais mensagens sigilosas postadas por alemães. Em seguida, passou a atuar diretamente na parte referente a decriptografia.

Ela foi uma das assistentes mais próximas do criptoanalista Dilly Knox e participou dos esforços para "quebrar" o código utilizado pela marinha italiana. Isso contribuiu para a vitória dos britânicos na Batalha do Cabo de Matapan na Grécia[4] em 1941.

Mavis tinha uma característica interessante que era a de conseguir identificar os operadores de rádio inimigos, por intermédio do toque personalizado no teclado do aparelho transmissor de Morse.

Em dezembro de 1941, ela conseguiu decifrar uma mensagem entre as estações de rádio de Belgrado e Berlim, fato que permitiu avanços na "quebra" do código alemão ENIGMA.

Em Bletchley Park ela conheceu outro criptoanalista de nome Keith Batey, com quem se casou.

Ao término da guerra, ela passou a trabalhar no serviço diplomático. Faleceu em 12 de novembro de 2013, com 92 anos.

---

4 A Batalha do Cabo Matapan foi um combate travado entre a esquadra britânica e a italiana no período de 27 a 29 de março de 1941. Sob o comando do almirante Andrew Cunningham, os ingleses conseguiram afundar e avariar vários navios italianos.

Janet Carolin (Caroline) Hughes – mais conhecida como Jane Fawcett.

Nasceu em 04 de março de 1921, em Kensington- Londres. Ela foi recrutada para trabalhar em Bletchley Park, quando tinha apenas dezoito anos. Foi designada para o setor de busca, análise e interpretação dos códigos alemães.

Trabalhando sob extrema pressão, ela teve parte ativa na decriptografia das mensagens que levaram a localização e posterior afundamento do couraçado alemão Bismark, no Mar do Norte, fato ocorrido em 27 de maio de 1941. Jane faleceu em 21 de maio de 2016 em Oxford, com 95 anos.

Jean Millar Valentine

Nascida em Perth na Escócia em 1924, trabalhou em Bletchley Park como operadora da máquina de decriptografia denominada de “bomba” e como auxiliar do professor e criptoanalista Alan Turing.

Em 2006, ela participou de trabalhos de reconstrução da máquina de decriptografia que havia operado durante a guerra e participou da transformação de Bletchley Park em um museu, trabalho só finalizado em 2014.

Margaret Rock

Nasceu em 07 de julho de 1903, em Hammersmith, Londres. Era graduada em matemática e foi uma das mulheres que ajudou a "quebrar" a chave da máquina criptográfica ENIGMA.

Ela serviu, inicialmente, na Marinha Britânica em Portsmouth. Foi recrutada para servir em Bletchley Park no início da Segunda Guerra Mundial. Trabalhando com outros professores e criptólogos, era especializada em decodificar códigos soviéticos e alemães. Teve uma atuação marcante na decodificação de mensagens alemãs referentes ao desembarque aliado na Normandia. Margaret faleceu em 26 de agosto de 1983, em um hospital em Worcester.

A oficial que descobriu a área de lançamento das bombas V-1

Constance Smith

Constance Babington-Smith nasceu em Londres, em 15 de outubro de 1912, filha de uma família aristocrata britânica. Após concluir os seus estudos, trabalhou como escritora e jornalista.

Na Segunda Guerra Mundial, ela se alistou no Corpo Feminino da Real Força Aérea britânica - *Women's Royal Air Force (WRAF).* Foi designada para servir no Centro de Inteligência da RAF em Medmenham, na Unidade de Interpretação de Imagens, setor destinado a análise aerofotográfica de imagens obtidas no teatro de operações da Europa e do Mediterrâneo.

Esse centro tinha uma grande importância, uma vez que realizava a análise de fotografias aéreas, buscando alvos estratégicos e permitindo conhecer o que ocorria no terreno inimigo. Em maio de

1943, Constance realizava a análise de fotografias aéreas que haviam sido feitas no dia anterior em um voo sobre a região de Peenemünde na Alemanha. Utilizando um estereoscópio[5] ela pôde visualizar uma sombra negra, semelhante a uma rampa e em cima dela uma pequena figura em forma de T, que sugeria ser um pequeno avião.

Fotografia aérea que foi analisada por Constance

Em razão dessa descoberta, foram realizadas centenas de novas fotos do local e ficou confirmado que se tratava de uma instalação militar alemã. Na verdade, Constance havia descoberto a área onde estavam sendo testadas e fabricadas as bombas V-1. Elas, mais tarde, iriam ser lançadas contra o território britânico. Assim os aliados passaram a realizar bombardeios sobre a região, destruindo essas áreas de lançamento. Isso atrasou o projeto alemão de construção das bombas V-1 e V-2, em pelo menos seis meses, salvando a vida de milhares de britânicos.

Após a guerra, Constance foi condecorada com a Legião do Mérito dos EUA e com a Ordem do Império britânico. Trabalhou na revista Life e retornou a sua profissão de escritora e biógrafa. Faleceu no ano 2000, aos 87 anos.

5 O estereoscópio é um instrumento destinado ao exame de fotografias ou imagens vistas de pontos diferentes resultando numa impressão mental de uma visão tridimensional.

Uma mulher no encalço do terrorista Osama Bin Laden

O dia 02 de maio de 2011 marcou o fim de uma verdadeira caçada de dez anos ao terrorista mais procurado do mundo Osama Bin Laden, chefe da rede Al Qaeda, planejador e mandante de diversos ataques terroristas que horrorizaram o mundo.

Foi uma vitória da Atividade de Inteligência, que conseguiu chegar ao paradeiro onde ele se escondia: a cidade de *Abbottabad* no Paquistão.

Para conseguir manter-se incógnito, Bin Laden não fazia uso de telefones celulares ou de qualquer outro meio eletrônico, nunca saía de casa para evitar ser fotografado ou reconhecido por drones.

A única ligação que possuía, com a organização que liderava, era por meio de mensageiros. Assim, os analistas da CIA decidiram acompanhar os contatos que iam até a suspeita casa de Abbottabad. Ainda existem muitos dados obscuros sobre o trabalho da Inteligência e, talvez, ainda demorem muitos anos para que os detalhes dessa bem-sucedida operação fiquem esclarecidos. Entretanto, uma coisa já é conhecida, foi uma mulher, analista de Inteligência da CIA e especializada em organizações terroristas, uma das principais responsáveis por esse minucioso e persistente trabalho que levou a localização de Bin Laden.

Existem muitas especulações nos meios de comunicação sobre quem é essa analista. Entretanto, a identidade dessa profissional dificilmente será revelada, até para que ela tenha a sua integridade física preservada. Ademais, a legislação dos EUA[6] é bastante severa no que tange a proteção dos funcionários que trabalham em Inteligência, sendo expressamente proibida a divulgação de qualquer dado referente a esses profissionais.

6 Intelligence Identities Protection Act – 1981. Esta lei considera um crime federal e proíbe a identificação de profissionais da área de Inteligência, agentes, informante e outras fontes.

A primeira mulher no comando da contrainteligência britânica – MI 5

Stella Rimington

Stella Rimington esteve no comando da Diretora Geral do serviço de Contrainteligência britânico, mais conhecido como MI 5, no período de 1992 a 1996.

Ela foi a primeira mulher a ocupar esse importante cargo desde a sua criação em 1909, pelo General Sir Vernon Kell. Ela também foi a primeira diretora a ser conhecida publicamente. Anteriormente, a identidade do ocupante da direção do MI 5 era mantida em absoluto sigilo.

Nascida em Londres, em 13 de maio de 1935, Stella cursou a Universidade em Edimburgo na Escócia e posteriormente, estudou administração de arquivos na Universidade de Liverpool. Em 1963, casou-se com John Rimington e conseguiu um emprego no escritório da Biblioteca da Índia em Londres.

Em 1965, foi oferecido ao seu marido uma posição no exterior, como Primeiro Secretário no Alto Comissariado Britânico em Nova Deli na Índia. Lá, dois anos mais tarde, Stella foi recrutada para trabalhar para o MI 5.

Ao retornar a Inglaterra em 1969, ela foi efetivada no Serviço, quando passou a trabalhar efetivamente no MI 5, nas áreas de contraespionagem, contra subversão e contraterrorismo. Em 1990 Stella foi promovida ao cargo de vice-diretora. Nesse período viajou para Moscou e foi a responsável pela aproximação entre o antigo KGB e a Inteligência Britânica. Ao regressar, foi promovida a diretora geral do MI 5, função que ocupou até 1996.

Concluindo o presente artigo, podemos afirmar que o trabalho das mulheres na atividade de Inteligência foi e continuará sendo muito significativo e importante, como acabamos de demonstrar nesse breve resumo histórico. Talvez elas merecessem mais páginas, em razão da importância e heroísmo demonstrados na Segunda Guerra Mundial e nos conflitos subsequentes. Hoje, em todo o mundo, as mulheres continuam tendo um lugar de destaque nos serviços de Inteligência.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAUJO, Raimundo Teixeira. **A guerra secreta dos serviços de inteligência**. São Luis, MA: [S.n.], 2003. V.2.

BOWDEN, Mark. **A caçada**: como os serviços de inteligência encontraram Osama Bin Laden. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013.

DEACON, Richard. **A history of the british secret service**. New York: Taplinger Publishing Company, 1969.

ERSKINE, Ralf; SMITH, Michel. **The bletchley park code-breakers**. London: Biteback Publisshing Ltd, 2011.

MILTON, Giles. **Churchill's Ministry of Ungentlemanly Warfare**. London: John Murray publishers, 2016.

BOURNE-PATTERSON, Robert. **SOE in France 1941-1945**: an official account of the special operations executive´s french circuits. London: Frontline Books, 2016.

THOMAS, Gordon; LEWIS, Greg. **Shadow Warriors.** Amberley books, 2016.

Márcio Bonifácio Moraes é membro emérito do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil (IGHMB), conferencista emérito da Escola Superior de Guerra (ESG), conferencista convidado do INCAER e da Universidade Lusíada – Lisboa/Portugal. Especialista em assuntos referentes à atividade de inteligência, dedica-se ao estudo da conjuntura do Leste Europeu e dos Bálcãs.

O aniversário de um grande guerreiro

Sérgio Pinto Monteiro

O dia 9 de fevereiro de 1918 marca o nascimento de um dos maiores heróis da Força Expedicionária Brasileira que, em 1944/1945, combateu o nazi-fascismo em terras da Europa, na II Guerra Mundial. Nessa data, há 101 anos, nascia no Rio de Janeiro, APOLLO MIGUEL REZK, filho de imigrantes, pai libanês e mãe síria. Fez seus estudos fundamentais no Colégio Pedro II. Em 1935 tentou, sem êxito, ingressar na Escola Militar do Realengo. Seus pés planos e uma reprovação em Física impediram a realização do sonho de trilhar a carreira das armas. A idade de prestação do serviço militar obrigatório conduziu o jovem Apollo ao CPOR do Rio de Janeiro. Aprovado nos exames médico, físico e intelectual, após os três anos do curso do CPOR/RJ foi declarado Aspirante a Oficial da Reserva e classificado em 10º lugar entre os setenta concludentes do Curso de Infantaria, turma de 1939. No ano seguinte, após formar-se em Contabilidade na Escola Superior de Comércio do Rio de Janeiro, foi convocado para realizar o Estágio de Instrução no Regimento Sampaio, promovido a segundo-tenente e desligado do serviço ativo do Exército. Em 1942 retornou ao Exército, iniciando o Estágio de Serviço, novamente no Regimento Sampaio. Estudioso, concluiu em 1943 o bacharelado em Ciências Econômicas na Faculdade de Administração e Finanças da Escola de Comércio do Rio de Janeiro. Ainda nesse ano, foi promovido ao posto de primeiro-tenente e convocado para a Força Expedicionária Brasileira, já em fase de formação e adestramento.

Em 22 de setembro de 1944, o tenente Apollo embarcou para a Itália no navio de transporte de tropas americano "U.S. General W. A. Mann", que partiu do armazém nº 11 do porto do Rio de Janeiro conduzindo o 2º escalão da FEB e ancorando em Nápoles no dia 06 de outubro. O jovem oficial, no comando de um dos pelotões da 6ª Companhia do II Batalhão do Regimento Sampaio, desde logo se destacou por sua liderança, coragem e determinação. Na noite de 23 e madrugada de 24 de fevereiro de 1945, atuando em apoio à 10ª Divisão de Montanha americana no ataque a La Serra, o pelotão do

tenente Apollo, após ultrapassar um extenso campo minado, atacou as posições fortificadas alemãs. Apesar do intenso fogo inimigo, o pelotão cercou o objetivo, investiu contra a posição e pôs em fuga os tedescos, fazendo cinco prisioneiros. Ferido em combate, o tenente Apollo, cercado e contra-atacado, manteve a posição durante toda a madrugada e manhã do dia 24. Por esta missão, foi condecorado pelo governo dos Estados Unidos, em 19 de maio de 1945, com a "Distinguished-Service Cross", único brasileiro agraciado com essa importante medalha de bravura americana: "...por heroísmo extraordinário..." a despeito de campos de minas desconhecidos, terreno excessivamente difícil e forte oposição, o primeiro-tenente Rezk conduziu, galhardamente, os seus homens através de uma cortina de fogo de metralhadoras, morteiros e artilharia, para assaltar e arrebatar o objetivo do inimigo. Embora gravemente ferido quando dirigia o ataque, o primeiro-tenente Rezk nunca hesitou, pelo contrário, continuou firmemente o avanço, repeliu três fortes contra-ataques, infligindo pesadas perdas aos alemães pela sua habilidade na condução do tiro. Depois, embora em posição vulnerável ao fogo das casamatas do inimigo circundantes e a despeito das bombas que caiam e da gravidade dos seus ferimentos, o primeiro-tenente Rezk defendeu, resolutamente, La Serra contra todas as tentativas fanáticas dos alemães para retomar a posição. "Pelo seu heroísmo, comando inspirado e persistente coragem, o primeiro-tenente Rezk praticou feitos que refletem as mais altas tradições do serviço militar." (Tradução de trechos do documento original em inglês feita pela Seção Especial do Comando da FEB).

O comandante da FEB, General João Baptista Mascarenhas de Moraes, em Citação de Combate de 09 de abril de 1945, assim se manifestou quanto às ações do tenente Apollo na conquista de La Serra: "... a personalidade forte, o espírito de sacrifício, a combatividade, a tenacidade, o destemor do tenente Apollo constituem belos exemplos, dignos da tropa brasileira." Anteriormente, graças ao seu desempenho no ataque a Monte Castelo em 12 de dezembro de 1944, o tenente Apollo já havia sido agraciado pelos Estados Unidos com a medalha "Silver Star". Terminada a Campanha da Itália, o tenente Apollo recebeu quatro condecorações brasileiras: Cruz de Combate de 1ª Classe, Medalha de Sangue, Medalha de Campanha e Medalha de Guerra.

Quando da promoção do tenente Apollo ao posto de capitão, em 03 de setembro de 1951, assim se expressou o Ministro da Guerra no despacho em que deferiu a proposta: "Deferido. A promoção se justifica, sobretudo, em virtude da conduta excepcional desse Oficial no Teatro de Operações da Itália, onde, entre diversas condecorações recebidas por bravura, lhe foi conferida a medalha "*Distinguished-Service Cross*" do Exército Americano, por heroísmo extraordinário em ação, distinção máxima somente concedida a este combatente brasileiro (...)"

O destino, que no passado não permitira, ao jovem Apollo, a realização do sonho de ingressar na carreira militar, através Escola do Realengo, ainda haveria de, novamente, pregar-lhe outra uma peça. A tão sonhada carreira, que finalmente lhe chegara não pela via da Escola Militar, mas através do CPOR e da própria guerra, como também e,principalmente, por sua bravura e eficácia no cumprimento do dever, seria interrompida precocemente. Seus pés planos não resistiram ao esforço do combate e ao congelamento nas trincheiras da Itália. O capitão Apollo, em 12 de dezembro de 1957, aos 39 anos, depois de vinte anos no exército, foi julgado inapto para o serviço ativo e reformado no posto de major.

Conheci o nosso herói já no ocaso de sua vida. Era um bravo. Foram muitos sábados e domingos de intermináveis conversas. Jamais o major Apollo admitiu o seu heroísmo. Pessoa simples, culta e educada era, sobretudo, um *gentleman*. Absorvi, voraz e intensamente, cada relato de suas ações na guerra. O exército era realmente a sua paixão. E a Pátria, o seu bem maior. Ficamos amigos, o que me enche de orgulho e gratidão. A nação, na tristeza daquele 21 de janeiro de 1999, perdeu um filho exemplar. E o exército viu partir um de seus grandes guerreiros. A filha, Nádia, comunicou-me o falecimento do pai pela manhã, bem cedo. Desloquei-me rapidamente para a sede do Conselho Nacional de Oficiais da Reserva, no quartel do CPOR/RJ, de onde fiz os contatos relativos ao passamento do major Apollo. Enviei um necrológio aos jornais, avisei ao CECOMSEX, aos comandantes do Regimento Sampaio e do Batalhão de Guardas - onde ele servira no após guerra - bem como à embaixada dos Estados Unidos, já que era ele detentor de duas condecorações americanas. Informei, também, à comunicação social da Presidência da República e aos governos estadual e municipal do Rio de Janei-

ro. O sepultamento foi no cemitério do Caju. Presentes, familiares, ex-combatentes da FEB e amigos do nosso herói, bem como cerca de uma centena de oficiais R/2. Um pelotão do Regimento Sampaio executou as honras fúnebres. O governo americano enviou, de Brasília, um oficial superior, fardado, para representá-lo. Os governos federal, estadual e municipal não enviaram representantes, nem formularam condolências à família enlutada. Jamais esquecerei o constrangimento que senti ao ouvir o oficial americano dizer aos filhos do major Apollo: "Eu não entendo vocês brasileiros. Na minha terra, alguém com as importantes condecorações de guerra do major Apollo, teria recebido, ao longo de sua vida, as homenagens, o respeito e a gratidão do seu povo." Na tristeza daquele momento, assumi, intimamente, o compromisso - como missão - de divulgar a história do major Apollo. Nesses vinte anos desde o seu falecimento, tenho viajado pelo nosso país ministrando palestras - nos meios militar e civil - relatando os seus atos de bravura e heroísmo. O meu livro "O Resgate do Tenente Apollo", escrito em parceria com o tenente Orlando Frizanco, está com a 1ª edição esgotada. O Conselho Nacional de Oficiais da Reserva criou a Medalha Major Apollo Miguel Rezk, para homenagear personalidades que se destaquem no apoio aos oficiais da reserva. Um dos desejos não realizados do herói era ser promovido a tenente-coronel, a exemplo de alguns de seus companheiros que obtiveram a promoção por via judicial. Quem sabe o Exército Brasileiro, ou mesmo o Congresso Nacional, lhes concedam, ainda que tardiamente, essa honraria, como derradeira homenagem póstuma, já que em vida não logrou recebê-la sob a forma de promoção por bravura, o que teria sido, inquestionavelmente, um ato de inteira justiça.

O Conselho Nacional de Oficiais da Reserva, em portaria de 7 de fevereiro deste ano, instituiu o dia 9 de fevereiro, aniversário do nascimento do tenente Apollo, como a data magna do Sistema CNOR.

Os feitos do tenente Apollo ultrapassaram os limites de sua existência física. Na verdade, já não mais lhe pertenciam quando, há vinte anos, naquela madrugada de 21 de janeiro de 1999, foi vencido pelo inexorável. São episódios gloriosos da história militar de um

país que teima em não cultuar seus heróis. A Força Expedicionária Brasileira - e seus bravos - não pode ser esquecida. Ela simboliza a pujança e o valor de um povo. A nação lhes deve eterno respeito e imorredoura gratidão.

Sérgio Pinto Monteiro é professor, Oficial R/2 do Exército Brasileiro, presidente do Conselho Nacional de Oficiais da Reserva e titular da Cadeira Especial Major Apollo Miguel Rezk, da Academia de História Militar Terrestre do Brasil.

O ataque aéreo ao Taubaté

Marcus Vinicius de Lima Arantes

Um dos mais tristes e trágicos episódios da história marítima brasileira foi a sequência de ataques aos navios mercantes brasileiros durante a Segunda Guerra Mundial. As covardes agressões perpetradas pelos submarinos do Eixo ceifaram a vida de cerca de 1.000 compatriotas nossos, tripulantes e passageiros, nos 34 navios atacados. Na minha época de jovem oficial de Marinha Mercante, recém-saído em 1963 da Escola de Marinha Mercante do Rio de Janeiro (atual EFOMM), cheguei a conviver com alguns tripulantes mais antigos em navios do Lloyd Brasileiro que viveram o terror dos ataques. Contavam-me histórias de terror e muito sofrimento e muitos deles não conseguiam conter as lágrimas. O impacto dos torpedos no costado e as operações de abandono com o navio já naufragando iniciavam a série de agruras que iriam submeter os náufragos a um terrível sofrimento. Muitos se atiravam ao mar e eram devorados por tubarões. Os que se salvaram iriam amargar o frio e a fúria do mar nas baleeiras que ficavam à deriva durante dias até que fossem resgatados ou conseguissem chegar a algum ponto da costa. Foram heróis aqueles velhos companheiros do passado, que deixaram seu sangue no mar para manter os navios operacionais durante o conflito mundial.

Com a guerra iniciada em setembro de 1939, éramos um país neutro, embora estivéssemos sob um regime ditatorial que nutria uma certa admiração pelos regimes totalitários do Eixo. Era a ditadura do Estado Novo e o Brasil estava estruturado em moldes semelhantes àqueles regimes: todo o poder nas mãos do chefe de estado, uma polícia repressora e um órgão estatal de censura com vigilância severa em todos os segmentos da imprensa. Então, quais foram as causas que condenaram nossos navios mercantes aos torpedeamentos?

1ª – Com os Estados Unidos na guerra, a partir do ataque a Pearl Harbor em dezembro de 1941, cresce o sentimento de pan-americanismo alavancado principalmente pela Política de Boa Vizinhança encetada pelos americanos. Em janeiro de 1942 acontece a Conferência de Chanceleres no Rio de Janeiro com o claro objetivo

de fazer os países latino-americanos romperem relações com o Eixo. Não havia mais clima para neutralidade na América Latina. Assim, o Brasil rompe relações diplomáticas e comerciais com os países do Eixo (Alemanha, Itália e Japão) em 28 de janeiro de 1942.

2ª – A intensificação do tráfego marítimo de matérias-primas nacionais para os Estados Unidos, principal adversário do Eixo, tornou o Brasil um país hostil na visão do nazi-fascismo.

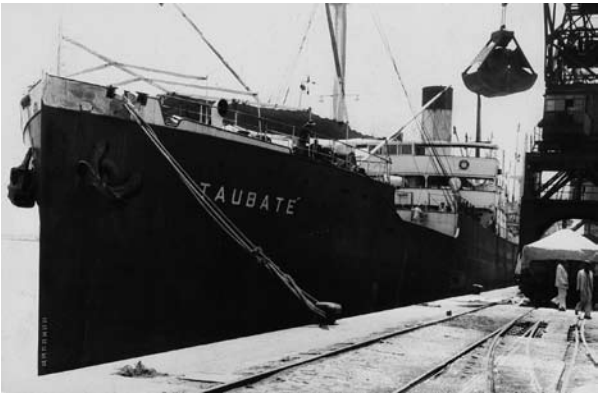
3ª – Ainda como país neutro o Brasil já autorizara a instalação de bases aéreas e navais americanas no norte e nordeste do país.

A série de ataques aos navios brasileiros pelos corsários do Eixo iniciou-se no dia 15 de fevereiro de 1942, quando o Buarque do Lloyd Brasileiro foi torpedeado pelo submarino alemão U-432, na costa leste americana, com apenas uma vítima fatal. O próximo alvo seria o Olinda, no dia 18 de fevereiro, atacado pelo mesmo submarino na mesma região do ataque ao Buarque, sem vítimas fatais.

A próxima vítima foi o Cabedello que desapareceu no Mar das Antilhas com 54 tripulantes, provavelmente torpedeado pelo submarino italiano Leonardo da Vinci. A seguir vieram o Arabutan (01 morto), Cayru (53 mortos), Parnahyba (07 mortos), Comandante Lyra (02 mortos), Gonçalves Dias (06 mortos), Alegrete (sem vítimas), Pedrinhas (sem vítimas), Tamandaré (04 mortos), Barbacena (06 mortos), Piave (01 morto), Baependy (270 mortos), Araraquara (131 mortos), Annibal Benevolo (150 mortos), Itagiba (36 mortos), Arará (20 mortos), Jacira (sem vítimas), Osório (05 mortos), Lages (03 mortos), Antonico (16 mortos), Porto Alegre (01 morto), Apalóide (05 mortos), Brasilóide (sem vítimas), Affonso Pena (125 mortos), Tutóya (07 mortos), Pelotaslóide (05 mortos), Shangri-la (10 mortos), Bagé (28 mortos), Itapagé (22 mortos), Campos (12 mortos) e um navio da Marinha do Brasil, o Vital de Oliveira com 99 mortos.

Outro navio do Lloyd Brasileiro foi um capítulo à parte pelas circunstâncias que cercaram o ataque sofrido. Trata-se do Taubaté, um cargueiro de 5.055 ton. Pelo que vimos até aqui, houve uma sequência de navios torpedeados por submarinos alemães durante os anos de 1942 e 1943. Todos esses ataques ocorreram na costa leste americana, no Mar do Caribé e na costa do Brasil. Com o Taubaté

foi completamente diferente. Ele sofreu um ataque aéreo por um avião da Luftwaffe no ano de 1941, ou seja, muito antes do período que ocorreram as agressões por submarinos aos mercantes brasileiros. Assim, foi o Taubaté o primeiro navio brasileiro a ser atacado pelos alemães e em um local também diferente dos locais dos torpedeamentos, no Mar Vermelho.



O cargueiro Taubaté do Lloyd Brasileiro, atacado por um avião da Luftwaffe no Mar Vermelho, próximo a Alexandria no Egito.

O Taubaté já era um navio velho na época. Construído em 1905 pelo estaleiro alemão Bremer Vulkan AG, de Bremen, foi batizado como Franken. Pertenceu inicialmente a empresa de navegação Norddeutscher Lloyd que o empregava nas rotas entre a Alemanha e a Austrália, além da América do Sul. Com a eclosão da Primeira Guerra Mundial, o Franken foi um dos vários navios alemães confiscados pelo governo brasileiro em 1917, quando se encontravam em portos nacionais. Foi então incorporado à frota do Lloyd Brasileiro e rebatizado como Taubaté.

Em novembro de 1940, sob o comando do Capitão de Longo Curso Mario Fonseca Tinoco, o Taubaté partiu de Santos com um carregamento de 3.000 toneladas de café rumo ao Mar Mediterrâneo. Como medida de precaução, já que se tratava de uma área beligerante, foram pintadas duas grandes bandeiras brasileiras nos costados do navio, para identificar a nação a qual ele pertencia e atestar sua neutralidade no conflito. Optou-se também por uma rota mais segura, contornando o sul da África. A viagem transcorreu sem pro-

blemas até o porto de Áden, no Iêmen do Sul. Neste porto o Taubaté foi escoltado por destróieres britânicos através do Mar Vermelho até o Canal de Suez, visto que na área estavam acontecendo violentos combates entre britânicos e italianos pela conquista da região, que compreendia a Etiópia e outras áreas da África Oriental. O navio então atravessou o Canal de Suez e chegou ileso a Port Said no Egito, seu porto de destino já no Mar Mediterrâneo. Após a descarga, o Taubaté recebe ordens do Lloyd para carregar em portos cipriotas e retornar ao Egito, para descarga no porto de Alexandria.

Nesta região a Luftwaffe atuava intensamente atacando mercantes aliados. Operavam na área os JU 88 A-4, os bombardeiros HE 111 H-3, os bombardeiros de mergulho Ju 87 R-1 Stukas, os caças bombardeiros BF 110 D-3 e outros mais. O Taubaté havia saído de Chipre e estava navegando na costa egípcia já próximo a Alexandria, no dia 22 de março de 1941, quando foi atacado por um avião alemão, não podendo se precisar se foi um Ju 88 A-4 ou um HE 111 H-3. Tripulantes informaram que por volta do meio dia surgiu um avião bimotor voando lento, baixo e ostentando a inconfundível suástica nazista na cauda, além de cruzes gamadas nas laterais e nas asas. A aeronave deu voltas em torno do Taubaté. A tripulação confiava que a bandeira brasileira pintada em ambos os bordos dava-lhes segurança, pois o Brasil ainda mantinha relações diplomáticas com a Alemanha Nazista. Entretanto, não foi o que ocorreu. Após algumas voltas em torno do navio o avião alemão veio em alta velocidade bombardeando o mercante brasileiro. A seguir rajadas de metralhadoras também o atingiram.

Na gravura um JU 88 A-4 da Luftwaffe atacando um navio mercante. Um desses aviões seria o provável agressor do Taubaté.

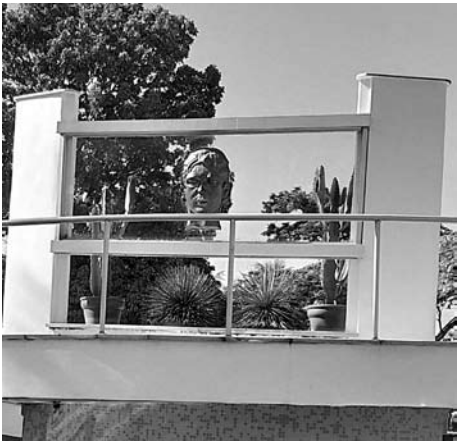
O CLC Tinoco tentou enviar sinais para o avião, mas a resposta eram mais disparos. O avião nazista lançou ainda mais uma bomba sobre o navio que caiu muito perto, estremecendo tudo a bordo, varando o casco da embarcação com estilhaços, ferindo tripulantes e danificando o leme, que ficou inoperante. Os telegrafistas Américo Rodrigues da Silva, Josias Correia de Castro e Raimundo Evangelista Monteiro enviaram mensagens telegráficas sobre o ataque, mas seu posto de trabalho recebeu vários disparos de metralhadora e um deles foi ferido. Em consequência dos ataques vários tripulantes ficaram feridos e o conferente José Francisco Fraga foi atravessado por vários tiros e morreu na hora.

Mesmo com a identificação por bandeiras brasileiras pintadas em ambos os bordos, o Taubaté foi atacado pela aviação alemã

Apesar dos sérios danos sofridos, o Taubaté consegue chegar a Alexandria. O Itamaraty emite uma nota de protesto para a Alemanha Nazista, cuja chancelaria respondeu cerca de oito dias depois informando que iria apurar o caso e punir quem tivesse cometido erros. Mas ficou só nisso. O navio permaneceu por 47 dias no Egito, onde foram feitos reparos e os tripulantes feridos foram medicados. Chega então o dia da partida para o Brasil. O navio recebera um carregamento de algodão egípcio, couros, lã, goma arábica e outras cargas menores. Seguiu em direção sul, bordejando a costa leste

africana, refazendo em sentido contrário seu caminho anterior. Até chegar ao Brasil, houve escalas em Port Sudan, Áden e Lourenço Marques, capital do então território da África Oriental Portuguesa (atual Maputo, capital de Moçambique). Ao regressar ao Brasil a tripulação respirou aliviada, mas ainda tendo, na lembrança, o terror vivido durante o ataque sofrido.

No retorno ao Brasil, o velho Taubaté retomou suas atividades de navegação comercial em meio a Segunda Guerra Mundial. Após sofrer o ataque aéreo no Mar Vermelho, o Taubaté ainda cumpriu várias missões exposto ao perigo de ataques, desta vez por parte dos submarinos inimigos. Participou de vários comboios entre o Brasil e a ilha de Trinidad, de Nova York para Guantánamo, Cuba, e de lá para a zona do Canal do Panamá sem entretanto ter sofrido nenhum ataque de submarinos. Depois da guerra, o Taubaté continuou em operação que cessou por completo em um sábado, 3 de julho de 1954, quando o velho navio, com mais de 50 anos de mar encalhou na ponta do molhe do porto de Recife e ali encerrou a sua trajetória.



No Centro de Instrução Almirante Graça Aranha (CIAGA) há um monumento aos navios torpedeados na Segunda Guerra, com destaque para o Taubaté e a efígie de José Francisco Fraga.

Marcus Vinicius de Lima Arantes é Oficial da Marinha Mercante do Brasil, administrador de empresas, engenheiro mecânico, instrutor do Centro de Instrução Almirante Graça Aranha da Marinha do Brasil (CIAGA) e autor do livro Torpedo, o terror no Atlântico.

A ética na guerra

Roy Reis Friede

A confrontação humana tem sido a regra na história e no próprio desenvolvimento da civilização.

Apesar de alguns exemplos marcantes, em efetivo contraponto, ao longo do transcurso temporal da existência do gênero humano, - como, por exemplo, o emblemático caso de MAHATMA GANDHI, líder indiano, que ajudou a obter a independência de seu país pelo caminho da não violência -, a agressão bélica destaca-se (assim como continua se destacando) como o instrumento por excelência, para alteração do *status quo*, em suas mais variadas dimensões.

Não obstante algumas controvérsias a respeito do tema, a violência é normalmente entendida como um elemento inerente à natureza humana e, portanto, um dado cultural fundamental que origina a própria concepção da guerra como uma das atividades mais intensas, permanentes e sofisticadas, desempenhadas pelo *homo sapiens*.

Ainda que seja cediço reconhecer que, com o passar do tempo, princípios civilizatórios fundados em preceitos *éticos* e *morais* (e, igualmente, de natureza *legal*, em uma concepção universal), tenham, de variadas formas, restringido a letalidade dos conflitos contemporâneos, é fato que as limitações impostas à atividade militar desenvolveram-se muito mais por questões associadas a interesses recíprocos (*ex vi* a não utilização de armas químicas e biológicas na Segunda Guerra Mundial (1939-45), tacitamente acordada por todas as potências envolvidas), do que propriamente por motivações fundadas em princípios legais, éticos e morais.

De qualquer forma, vale registrar que na qualidade de um inconteste produto cultural, a guerra é, também, naturalmente encarada de diferentes modos pelas mais diversas sociedades, forjando, por consequência, verdadeiras *assimetrias imateriais*, quanto ao emprego do poder militar.

> "Apesar do exemplo histórico de MAHATMA GANDHI, líder indiano que ajudou a obter a independência de seu país pelo caminho da não-violência, a *luta armada* tem sido a opção final de praticamente todos os

grupos ou Estados que desejam mudanças do *status quo*. Em teoria, *a agressão bélica restringe-se por acordos prévios,* firmados com base no conceito de *civilização.* Porém, as forças em conflito tem cada vez mais recorrido à *violência irrestrita.*

A violência pode ser concebida como um *elemento da natureza humana* ou como um *dado cultural*, dependendo do enfoque utilizado. Seja qual for a postura relativa à natureza da violência, a *guerra é sempre vista como uma das atividades humanas de características mais sofisticadas.* Sua eclosão e seu desenvolvimento são ou deveriam ser delimitados por regras fundadas na *moralidade* e na *política das sociedades* em que o conflito se desenrola.

É inegável que *essas limitações se definem por determinados interesses* e não por *puros princípios.* Mas são *legitimadas pela inovação de fundamentos morais e éticos,* independentemente da dimensão geográfica e temporal de sua aplicabilidade. *As limitações impostas à atividade militar* podem, assim, restringir-se a *determinado conflito* entre duas partes – em que se coíbe, por exemplo, o uso de certas armas –, *ou assumir caráter de validade universal.* É o caso de acordos internacionais proibindo a utilização de agentes tóxicos ou a poluição de fontes de abastecimento de água. Em uma outra situação, justificativas *morais* dão conteúdo e força às regras estabelecidas, fornecendo os parâmetros pelos quais se julgam os atos que devem passar à História como heroísmo ou atrocidade.

Embora as convenções de *Haia e Genebra* parecessem conter a conduta na guerra no século XX, em limites rígidos, a *questão ética tornou-se extremamente complicada a partir de 1945.*" (*Guerra na Paz*; Orbis Publishing Co., 1984 / Rio Gráfica Ed., 1984. Texto: FLÁVIO MOREIRA MARTINS; Consultor: ROBERTO PEREIRA; Tradução SÍLVIO ROLIM, CÁSSIA ROCHA e CARMEN MORTARA; p. 374)

Não por outra razão, portanto, a relutância, até 1939, de incluir efetivos de forças irregulares na categoria de combatentes, outorgando-lhes os direitos inerentes aos mais variados acordos internacionais que buscaram, ao longo das gerações, restringir o alcance dos desastrosos efeitos dos conflitos sobre a população civil.

A concepção de *guerra total* (em que a população civil se engaja no esforço de guerra, produzindo, por exemplo, armamentos) alterou, todavia, - mormente durante o transcurso da Segunda Guerra Mundial -, o paradigma conceitual relativo à (até então) nítida distinção entre *combatentes* (diretos ou indiretos) e *não-combatentes*, permitindo legitimar os ataques militares contra a população civil desarmada, como foram os casos dos bombardeios indiscriminados (convencionalmente chamados de "bombardeios por área"), por parte dos anglo-americanos, sobre as cidades alemãs e japonesas, durante o aludido conflito mundial, bem como, em parte, vinte anos mais tarde, os intensos ataques aéreos norte-americanos contra integrantes da população civil que transportavam armas e equipamentos através da trilha HoChiMin ou, no mesmo sentido, a completa destruição de aldeias vietnamitas cujos membros estocavam alimentos para a guerrilha *vietcong*, durante o conflito na Indochina (1964-75) e, ainda, os próprios ataques, por parte das forças de JEAN-BAPTISTE NGÔ DÌNH DIÊM, primeiro Presidente do Vietnã do Sul (fortemente condenado pela administração KENNEDY, em 1962-63), contra parcela da população budista que permitia que suas instalações religiosas fossem utilizadas como santuários (ou bases de apoio) para a guerrilha vietnamita (em uma recente releitura histórica, realizada por JOHN PRADOS, em seu artigo *JFK and The Diem Coup*).

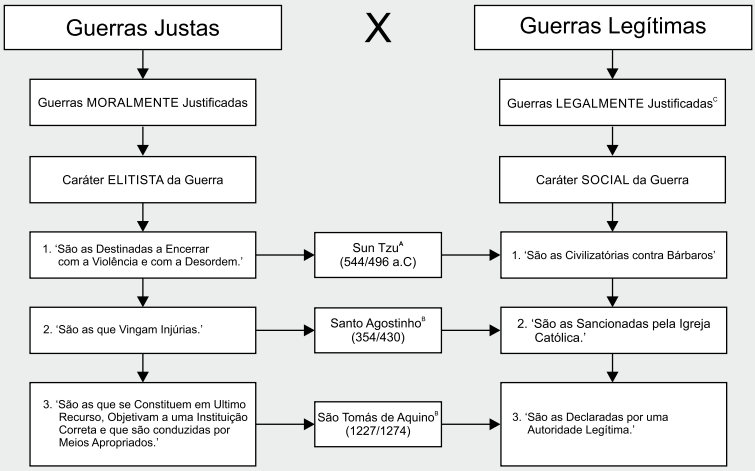
> "Na linha de frente dos armamentos modernos encontram-se as armas nucleares, que impõem *dilemas cruciais. Antes de 1939, o massacre de toda uma população civil era dado como ato terrivelmente imoral.* E questiona-se, ainda hoje, se o volume de bombas lançado sobre cidades alemães e japonesas na Segunda Guerra Mundial *seria justificável à luz de rígidos conceitos militares.* O fato é que uma das regras básicas de guerra – *a segurança das populações civis* – desapareceu, e com repercussões em todos os níveis." (*Guerra na Paz*; Orbis Publishing Co., 1984 / Rio Gráfica Ed., 1984. Texto: FLÁVIO MOREIRA MARTINS; Consultor: ROBERTO PEREIRA; Tradução SÍLVIO ROLIM, CÁSSIA ROCHA e CARMEN MORTARA; p. 374)

Destarte, não há como deixar de reconhecer que o advento das chamadas Guerras de Quarta Geração, a partir da segunda fase da

Guerra da Coreia (11/04/1951), marcou, em definitivo, a autolimitação do emprego do poder militar, e o próprio objetivo do conflito armado que, em sua dinâmica particular, deixou de visar (como na era pretérita) a obtenção da vitória militar e, consequentemente, o êxito político.

Nessa toada, a inauguração dos fenômenos da *bipolaridade confrontativa indireta* (assimetria reversa reflexa) e da *assimetria reversa* (direta) marcou a gênesis da guerra, com a finalidade restritiva de manutenção do *status quo* e, particularmente, ensejando o início das nítidas diferenças entre as chamadas guerras justas (do passado) e as guerras legítimas (do presente).

Diagrama 1: Guerras Justas e Legítimas[D]



Notas:

A. HENRIQUE QUINTA NOVA: A Guerra Justa ou a Justiça da Guerra no Pensamento Português, Nação e Defesa nº 79, Lisboa, 1996, p. 170.

B. PEDRO DE PEZARAT CORREIA; Manual de Geopolítica e Geoestratégia, vol. I, Ed. Almedina, Coimbra, 2010, p.63.

C. Guerras Justificáveis: O Conceito amplo de Guerras Legítimas também inclui a noção geral de Guerras Justificáveis a, igualmente, se contrapor à ideia de Guerras Justas. Neste sentido, RONY BRAUMAN (*Guerres Humanitaires ? Mensonges et Intox*; Les Editions Textuel, Paris, 2018) afirma que, de modo geral, as denominadas Guerras Humanitárias (que, sob a concepção estadunidense, correspondeu a missões de *democratização,* ao passo que sob a ótica francesa aludiu a missões *civilizadoras)* são guerras que, à luz do Direito Internacional Humanitário, se justificam, particularmente, para legitimar guerras planejadas e iniciadas por outras razões, como o caso das intervenções na Somália (1992; que, inclusive, inaugurou o conceito), Kosovo (1999), Afeganistão (2002), Líbia (2011), dentre outras.

A falência do modelo, entretanto, segundo o autor, encontra-se exatamente na tentativa de, transcendendo as razões humanitárias, transformar as culturas locais, gerando uma *reatividade* (especialmente à ocupação militar) que semeia rejeição e até mesmo o ódio.

D. O Controverso Sentido da Guerra: E oportuno registrar que, para determinados estudiosos (não obstante a natural polêmica que envolve o tema), a guerra, inclusive (e de uma certa maneira e, igualmente, sob uma determinada ótica), confere sentido à própria morte, posto que permite este inevitável evento humano tenha um eventual (e projetado) propósito *ético, moral* e, sobretudo, *ideológico,* preservando, em certa medida, a *dignidade humana* (exatamente por esta razão a existência milenar dos conceitos de *guerras justas e legítimas*), de forma (completamente) diversa, portanto, das *enfermidades e doenças*, que apenas confere (profundo) sofrimento, - sem qualquer propósito e, portanto, desprovido de qualquer sentido lógico-racional -, no momento (derradeiro) do fim da vida existencial, retirando, na maioria das vezes, a própria *hombridade* e qualquer sentido de *glorificação e honradez* do ser humano.

As justificativas políticas para o ingresso em conflitos armados deixou, nesta seara, de se pautar pela ideia de "justiça" (como foi predominante até o final da Segunda Guerra Mundial), para se fundamentar em uma concepção mais complexa de "legitimidade", incluindo as noções fundamentais (e principiológicas) de um pretenso Direito Internacional. O grande problema, todavia, é que no contexto do chamado conflito de civilizações, parte da humanidade continua a guerrear segundo princípios de "exaltação moral" (associadas a concepções particulares de "justiça"), criando novas arestas de assimetrias quanto à ausência ou não de restrições do emprego da capacidade militar.

> "Antes de 1939, as maiores potências haviam recusado *a inclusão de forças irregulares ou guerrilheiras nas convenções de Haia e Genebra.* Quase todos os governos e suas forças de segurança *consideram os guerrilheiros terroristas ou criminosos comuns,* argumentando que não respondem a nenhuma autoridade reconhecida, não se identificam por uniformes, não portam armas abertamente e fazem uso de métodos não convencionais de luta, como emboscadas e assassínios.
>
> Da mesma forma como não estão submetidas a governos, leis nacionais ou internacionais, *as forças guerrilheiras não reconhecem o constrangimento de normas convencionais a suas ações, pautando-se por considerações éticas próprias.*
>
> Antes de 1945, as forças colonialistas europeias haviam combatido as guerrilhas nacionalistas de países que se encontravam sob seu domínio. Esses movimentos eram geralmente malsucedidos na luta contra as potências europeias. Só se transformaram em verdadeiro desafio após a Segunda Guerra, quando a luta nacionalista começou a ceder terreno à *guerrilha revolucionária,* com forte *sustentação ideológica,* maior grau de organização e (sobretudo) apoio externo.
>
> Tanto os governos colonialistas quanto as guerrilhas se empenhavam em conquistar o apoio não só das populações locais como também da comunidade europeia. Nessa batalha específica, as *considerações éticas* a

respeito da luta armada e de suas consequências sobre os civis adquiriram grande importância, por seus efeitos sobre a propaganda e sobre o desenvolvimento das relações públicas.

MAO TSE-TUNG aconselhava os guerrilheiros a manter boas relações com a população local, respeitando suas propriedades e plantações. De fato, não só os comunistas chineses como os guerrilheiros de várias outras nacionalidades tiveram boas condições de obter apoio popular. Em alguns casos, porém, o *uso do terror como arma de guerrilha* constituiu obstáculo para a concretização desse apoio, pois nem mesmo um fim altamente mobilizador – como a libertação nacional, por exemplo – tem força suficiente para justificar todo e qualquer meio.

Na luta de guerrilha a população civil é inevitavelmente envolvida, sofrendo consequências, inclusive porque as forças de segurança não têm meios seguros de distinguir quem é guerrilheiro e quem não é.

Em represália a ataques guerrilheiros, ou por suspeita de envolvimento com os revolucionários, aldeias são queimadas e civis mortos sem sequer terem tido contato ou dado qualquer sustentação aos combatentes. Na prática, por via das dúvidas, toda a população é suspeita aos olhos dos soldados e dos policiais.

Esse aspecto levanta sérias questões sobre a *conduta ética em contrarrevolução.* Essas questões foram abertamente discutidas durante a batalha de Argel, em 1957. Os homens da 10ª Divisão Colonial de Paraquedistas do general JACQUES MASSU acreditavam que a Frente de Libertação Nacional (FLN), por seus assassínios indiscriminados, tinham perdido todo e qualquer direito legal, inclusive o de requerer proteção sob legislação internacional.

Quebrar o poder da FLN e descobrir as células de sua organização, em Argel, significava obter informações detalhadas sobre a população muçulmana. Muitas dessas informações podiam ser fornecidas por departamentos do governo, fichas policiais e informantes, mas grande parte delas provinha do interrogatório de suspeitos.

Na batalha de Argel, as prisões *atingiram 40% da população masculina da Casbah.* A tortura institucionalizou-se como técnica de interrogatório.

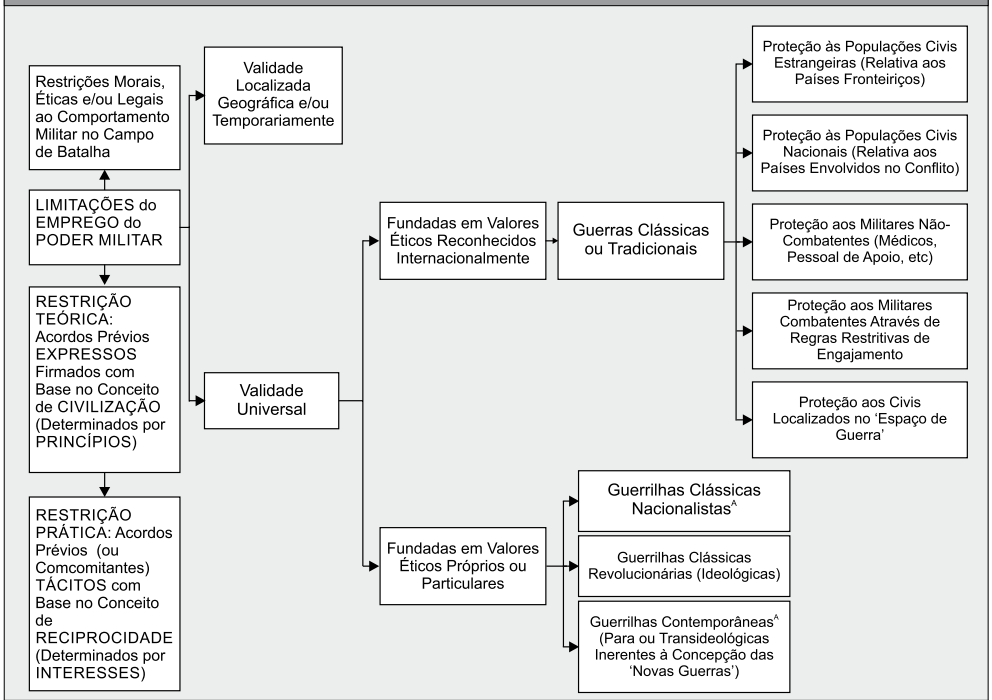
Os paraquedistas franceses chegaram a ser comparados aos nazistas, mas o general MASSU, afirmou mais tarde que o fim justificara os meios. Para ele importava apenas a vitória francesa, ponto final no terror da FLN e na matança e mutilação indiscriminadas tanto de europeus quanto de mulçumanos.

O uso da tortura em Argel provocou justificada tempestade de críticas. A FLN utilizou o caso como arma de propaganda junto às Nações Unidas e entre os países não-alinhados. Oficiais franceses tornaram público seu repúdio à tortura. Os críticos da tortura faziam ver que, se os contrarrevolucionários reivindicavam estar *defendendo determinados valores,* como os direitos do indivíduo, a liberdade de imprensa e a democracia, deveriam atuar conforme normas éticas compatíveis com esses valores. Suas denúncias incluíram até mesmo os efeitos embrutecedores e neurotizantes que a prática da tortura teve sobre soldados e policiais envolvidos.

Como em outras guerras em que se luta por imperativos da liberdade política ou da identidade nacional, as partes envolvidas falavam línguas diferentes e conduziam a luta à sua maneira.

Não existe uma ética que sirva a ambas as partes, o que não significa que inexista ética. Os limites de uma guerra em que forças convencionais lutam por troféus tangíveis são relativamente mais claros porque ambas as partes os reconhecem e aceitam." (*Guerra na Paz*; Orbis Publishing Co., 1984 / Rio Gráfica Ed., 1984. Texto: FLÁVIO MOREIRA MARTINS; Consultor: ROBERTO PEREIRA; Tradução SÍLVIO ROLIM, CÁSSIA ROCHA e CARMEN MORTARA; p. 376)

Diagrama 2: Assimetrias Imateriais (Assimetria Reversa Direta) do Poder Militar (A Ética na Guerra)



Notas: A. Antes de 1939, as maiores potências recusavam a inclusão de forças irregulares ou guerrilheiros nas principais Convenções, como as de Haia (1899 e 1907) e de Genebra (1864, 1906 e 1929), por considerarem tais forças como terroristas ou criminosos comuns.

Principais Referências Bibliográficas

MARTINS, Flávio Moreira. **Guerra na paz**. London: Orbis Publishing co., 1984.

PRADOS, John. **JFK and the Diem Coup**. Disponível em: encurtador.com.br/juz56. Acesso em: 1 out. 2018.

Roy Reis Friede é doutor em Direito Público pela UFRJ, Desembargador Federal e presidente do Tribunal Regional Federal da 2ª região.

A Força Aérea Brasileira na Segunda Guerra Mundial

Duas histórias e duas vitórias

Wilmar Terroso Freitas

As duas grandes guerras mundiais, irradiando-se a partir da Europa, envolvendo outros países e alcançando outros continentes, estabeleceram, em seu tempo, paradigmas e conceitos específicos seja no campo da estratégia, como na aplicação tática de sistemas de armas.

Entre 1914 e 1917, na Primeira Guerra Mundial (I GM), o emprego de trincheiras prevaleceu como a solução para o controle de áreas terrestres contra o avanço do inimigo e o gás foi empregado, pela primeira vez, como arma de guerra. O emprego do avião, com suas características de velocidade e alcance, fazia a sua estreia como plataforma de armas e como meio de reconhecimento aéreo. Os pequenos monomotores foram o teste para o conceito de domínio do ar como condição para vencer a guerra. Ainda não havia se formado a Força Aérea Brasileira (FAB). No cenário marítimo, os alemães lançavam ao mar os seus submarinos do tipo U-Boat com apoio de reabastecimento no mar, consagrando o conceito de longo raio de ação, o que superava os submarinos de curta autonomia existentes.

A Segunda Guerra Mundial (II GM) entre 1939 e 1945, iniciada 22 anos após o término da "guerra das trincheiras", foi o maior conflito armado de toda a história da humanidade e, ao seu final, deu novos contornos e rumos à geopolítica mundial, resultando na bipolaridade, na guerra fria, na cortina de ferro, no muro de Berlim, na espionagem "espetacular" e em outros conceitos que remontam até nossos tempos. O desenvolvimento tecnológico foi uma característica dessa guerra, com a introdução do radar, dos mísseis balísticos, dos fuzis de tiro rápido e da bomba nuclear.

Um novo conceito, o do bombardeio estratégico, fez o seu *debut.* O desenvolvimento do avião com desempenhos especiais para caça, bombardeio estratégico, transporte logístico e antissubmarino,

atendia ao preconizado por Seversky[1], na sua lição de número oito: "Os tipos de aviões devem ser especializados de acordo, não só com a estratégia geral, mas também com os problemas táticos de uma campanha específica."

Com relação à participação brasileira na II GM, houve dois Teatros de Operações principais onde a recém-criada Força Aérea Brasileira (FAB) operou: a Campanha do Atlântico Sul, onde cumpriu missões de patrulhamento no mar e combate a submarinos do Eixo, e a Campanha da Itália, onde cumpriu missões de ataque a objetivos terrestres na interdição de instalações inimigas em território italiano.

Este trabalho tem por objetivo apontar algumas circunstâncias que fazem com que as duas Campanha, na historiografia brasileira, são diferentemente mostradas, mas têm episódios heroicos e consagrados, com heróis, tradições e exemplos de dedicação à Pátria.

As Guerras chegam ao Brasil

É necessário considerar que a guerra chegou ao Brasil pelo mar nas duas Guerras Mundiais. Na primeira, com o afundamento do cargueiro Macau na costa espanhola, em 23 de outubro de 1917, houve grande pressão popular liderada por Rui Barbosa, levando o Presidente Wenceslau Brás a propor e o Congresso Nacional aprovou, em 26 de outubro de 1917, a declaração de guerra contra o Império Alemão.

E, na II GM, ao final de 1939, o afundamento de navios aliados no Atlântico e a incursão do navio corsário alemão *Admiral Graff Spee* em águas litorâneas do Uruguai. Segundo Gastaldoni[2], "configurava-se uma ameaça potencial do Eixo ao bem-estar, à segurança e à paz das Américas."

---

1 SEVERSKY, A. P. A vitória pela Força Aérea. Tradução de Asdrubal Mendes Gonçalves. Rio de Janeiro: INCAER, 1988. (Coleção Aeronáutica, Série Arte Militar e Poder Aeroespacial, v. 1, p. 137).

2 GASTALDONI, I. Memórias de um Piloto de Patrulha. 2. ed. Rio de Janeiro: Botafogo e Markgraf, 1997.

Como escreveu Pereira da Costa[3]: "A perspectiva de envolvimento do Brasil no conflito teve uma consequência imediata que foi a criação do Ministério da Aeronáutica em 20 de janeiro de 1941, para aglutinar os escassos meios aéreos no patrulhamento do litoral brasileiro que já se afigurava como necessário."

Em 28 de janeiro de 1942, o Brasil rompe relações diplomáticas com o Eixo e a resposta foi o afundamento de vários navios brasileiros com a perda de 627 vidas em três dias. Diante do clamor popular, o Presidente Vargas assinou e o Congresso aprovou a Declaração de Guerra aos governos do Eixo, em 31 de agosto de 1942.

O cenário estratégico

Em águas do Atlântico, havia a ameaça na interrupção das linhas de comunicação marítimas que levavam suprimento do Brasil ao hemisfério norte, e havia o trânsito de navios mercantes procedentes da Ásia pela rota do Cabo, para apoio aos regimes alemão e italiano.

No noroeste da África, havia a ameaça de expansão das posições do Eixo, no sentido de cruzar o Atlântico Sul, pelo estreito Dakar/Natal e estabelecer posições no nordeste do Brasil, de onde poderia avançar para a tomada do Canal do Panamá.

Foram feitos acordos com os Estados Unidos para o esforço de guerra: o fornecimento de aeronaves modernas para o patrulhamento do litoral; a criação do Comando da Força do Atlântico Sul, com sede em Recife (PE); a realização de curso para equipagens de patrulha; a formação de um Esquadrão brasileiro com aeronaves de última geração; e o estabelecimento de uma zona de segurança no mar.

A estratégia desenvolvida foi a formação de comboios com proteção naval e aérea e o desenvolvimento e uso de Bases Aéreas, ao longo do litoral brasileiro, para apoiar uma ponte-aérea, que levaria soldados e armamentos aliados, para a conquista aliada do norte da África.

---

3 COSTA, Octávio Pereira da. Trinta anos depois da volta. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1977.

A campanha antissubmarino teve três momentos distintos: o primeiro, quando foram empregados todos os meios aéreos disponíveis da recém-criada FAB, a maioria de treinamento e de transporte de pequeno porte; em um segundo momento, quando houve aeronaves modernas especializadas trazidas pelos Estados Unidos, as quais foram empregadas com tripulações mistas; e no terceiro momento, a partir do segundo semestre de 1943, quando aeronaves modernas foram incorporadas aos esquadrões brasileiros. Embora os números sejam diferentes nas diversas fontes, há registro de que os torpedeamentos de navios brasileiros ocasionaram a morte de 1.081 pessoas.

A Campanha da Itália

Ao final do ano de 1943, o Brasil decide enviar ao Mediterrâneo, em território italiano, uma Força Expedicionária, uma Esquadrilha de Ligação e Observação (1ª ELO, como integrante da Artilharia Divisionária) e um Grupo de Caça.

As missões do 1º Grupo de Aviação de Caça (1º GAC) na Itália, com emprego de aeronaves modernas e novas, eram feitas à média e baixa altitudes, o que expunha as aeronaves aos canhões antiaéreos de 20 e 40 milímetros da defesa aérea inimiga. Isso acarretou um alto custo em material aéreo e vidas perdidas naquele Teatro de Operações.

O 1º GAC, conhecido internacionalmente pelo seu símbolo, o avestruz guerreiro, e pelo seu grito de guerra "Senta a Pua!", iniciou as operações em 31 de outubro de 1944 e encerrou-as em 2 de maio de 1945, com 2.546 missões realizadas. Ocorreram cinco baixas de pilotos por mortes em combate, quatro mortes por acidente em treinamento e treze baixas com resgate do sobrevivente.

Considerações sobre as campanhas

Como verificamos, na Segunda Guerra Mundial, o Brasil teve participação importante em dois cenários: o primeiro no Atlântico Sul, no combate aos submarinos alemães e italianos que vieram para interceptação e destruição de navios que levavam suprimento aos aliados via Atlântico Norte e, em um segundo momento, quando a

FEB, a Primeira ELO e o 1º GAC realizaram a interdição de objetivos terrestres na Itália, no Vale do Pó.

No livro de Gastaldoni, Memórias de um Piloto de Patrulha, embora abundante em episódios e detalhes sobre a guerra antissubmarino, não há dados totalizadores sobre o esforço aéreo da Campanha do Atlântico Sul. Na busca desses dados, verifica-se que os mesmos não estão consolidados em fontes bibliográficas ou mesmo em portais da internet, da mesma forma e detalhamento que existe para a atuação do 1º GAC e da 1ª ELO na Itália.

Quanto aos resultados sobre as operações na guerra antissubmarino, Gastaldoni apresenta os seguintes dados: a - 71 navios de diversas bandeiras foram afundados em águas brasileiras entre 1942-1944; b - 31 navios brasileiros foram afundados em águas brasileiras e internacionais, o que representam 20% da tonelagem instalada; c - 41 submarinos alemães e 8 submarinos italianos operaram em águas brasileiras; e d - 11 submarinos inimigos foram afundados em águas brasileiras, em 1943.

As tripulações que realizaram missões de guerra no litoral brasileiro foram agraciadas com as seguintes condecorações:

a) Medalha da Campanha do Atlântico Sul: 8.373;

b) Cruz de Aviação Fita B: 1.595; e

c) Distinguished Flying Cross (Cruz de Bravura americana): Tripulantes do PBY que afundou o submarino U-199.

No que se refere à Campanha do Atlântico Sul, há dificuldade em conseguir dados consolidados sobre a atividade aérea, tendo em vista que ela foi exercida por pilotos e aeronaves de diversas Bases Aéreas ao longo do litoral, desde o Amapá até o Rio Grande do Sul. Agravando esse aspecto, havia também unidades aéreas americanas e brasileiras operando simultaneamente em cooperação. Assim, os registros de voo em missões de patrulhamento do Atlântico Sul não foram concentrados em documentos ou publicações que facilitassem a contabilização.

No que se refere à atuação do 1º GAC, segundo o XXII Comando Aerotático, entre 6 e 29 de abril de 1945, seus pilotos voaram 5% das missões do Comando Aerotático, mas lhes foram atribuídos

15% dos veículos motorizados abatidos, 28% das pontes destruídas, 36% dos depósitos de combustível e 85% dos depósitos de munições danificados. Essa "marca" e o seu desempenho total na guerra fizeram com que o 1º GAC tenha sido reconhecido pelo "extraordinário heroísmo de seus homens", o que lhe valeu receber a *Presidential Unit Citation*" assinada pelo presidente Ronald Reagan. O 1º GAC sediado na Ala 12, antiga Base Aérea de Santa Cruz, está em atividade até nossos dias.

Sobre o 1º GAC, devem-se registrar os seguintes pontos: o Esquadrão manteve-se unido desde a sua formação; os riscos nas missões desenvolveram um "*esprit de corps*" até os dias de hoje; e os integrantes do 1º GAC foram considerados "libertadores da Itália" por seu papel importante e por terem tido intensa interação com o sofrido povo italiano.

Um aspecto importante para a história é o fato de que o Grupo ficou concentrado em uma região na Itália o que facilitou os registros operacionais e logísticos, facilitando os dados para os pesquisadores. A continuidade do funcionamento do 1º GAC, até os dias de hoje, é um fator essencial para a divulgação dos seus feitos históricos e sagração dos seus heróis.

Segundo Meira[4], houve 5 pilotos falecidos em combate; 2 falecidos em treinamento; 2 falecidos em acidente aéreo; 5 prisioneiros de guerra, sendo 3 abatidos pela Artilharia Antiaérea inimiga; 3 pilotos atingidos, saltando de paraquedas e ficaram escondidos; e outros 3 atingidos pela artilharia inimiga, mas saltando em território amigo; e 7 pilotos ficaram indisponíveis por saúde. Nos últimos meses, perto do final da guerra, a perda em efetivo causou um maior esforço individual a cada um dos que estavam disponíveis para o voo.

Após a guerra e antes do regresso, houve entrega das condecorações americanas *Air Medal* e a *Distinguished Flying Cross*, tanto pelos números de missão cumpridas como pelos destaques em combate.

---

4 VASCONCELOS, José Rebelo Meira de. Asas do Brasil nos Céus da Itália. Rio de Janeiro: Luzes, 2019.

Considerações finais

O Brasil teve papel de destaque para a Vitória Final na II Guerra Mundial, pois além da atuação da Aviação de Patrulha, cedeu Bases Aéreas, especialmente Natal, para o "Trampolim da Vitória".

Ao longo de quatro anos, em coordenação com a Marinha do Brasil e o Comando da 4ª Esquadra da Marinha americana, a ação da recém-criada Força Aérea Brasileira garantiu a soberania nacional nas águas jurisdicionais brasileiras, contra um desafio que veio de longe sob a forma de ameaça submarina, com longo raio de ação e armamento certeiro e mortal.

Em um segundo momento, ao final de 1944, houve a participação do 1º GAC, da 1ª ELO e da FEB na Campanha da Itália, e teve início a operação do "Senta a Pua" na Campanha da Itália, operando caças de primeira linha em missões de interdição em solo inimigo. Naquelas operações, havia intensa oposição antiaérea por parte das forças terrestres alemãs e italianas, o que causou alto índice de baixas no 1º GAC, mas que não afetou a vontade de lutar e a eficiência dos caçadores.

No pós-guerra, a consagração dos aviadores - pilotos e tripulantes - deu-se de maneira diferente: enquanto as equipagens de patrulha, ao longo de bases no litoral, eram dispersas em diversas unidades de aviação, ocorria a aplaudida chegada dos pilotos de caça e suas aeronaves que continuaram voando em sua própria Unidade Aérea, por muito tempo no Brasil. Era a continuação da História com a consagração dos seus heróis.

Embora não há suficientes detalhes e dados consolidados sobre a FAB na Campanha do Atlântico Sul, ela durou três anos e ceifou um milhar de vidas entre tripulantes e passageiros no mar. Foi uma história que durou três anos, na qual ocorreu a primeira missão de combate da FAB com o afundamento de um submarino italiano em *22 de maio de 1942*, data que foi consagrada ao *Dia da Aviação de Patrulha.*

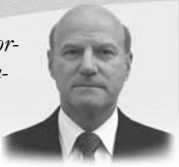
Da mesma forma, em terras europeias, pilotos brasileiros deram amostras de arrojo e perícia enfrentando diretamente o inimigo, em território desconhecido, contra armamento mortal e certeiro, consagrando a coragem do piloto combatente de uma Força Aérea nova,

mas aguerrida. No dia *22 de abril de 1945*, com o mínimo de pilotos, o 1º Grupo de Caça cumpriu um recorde de missões na campanha, dia que ficou consagrado como o *Dia da Aviação de Caça*.

Assim, por feliz coincidência, e graças aos seus pilotos e tripulantes, longevos no tempo, mas ídolos por seus exemplos de coragem, o Dia 22, une os pilotos de Patrulha e de Caça, herdeiros de glórias e exemplos de vida e de doação dela se, à Pátria, for necessário.

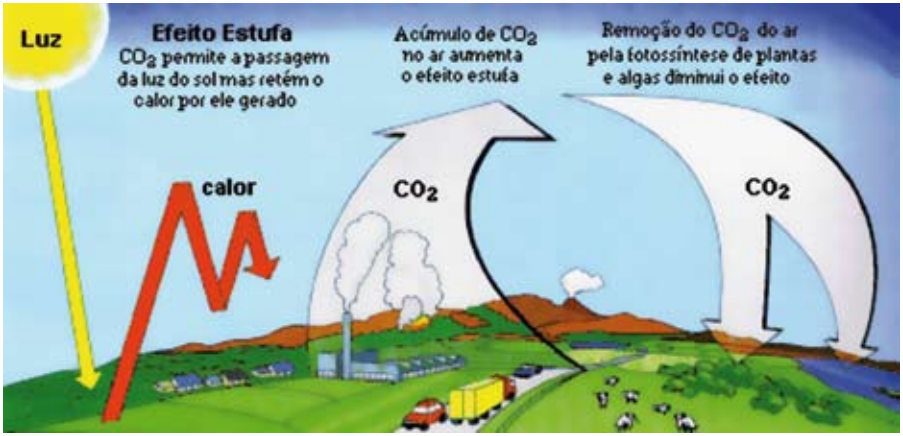
São datas que contam duas histórias e duas vitórias nas asas da recém-criada Força Aérea Brasileira.

Wilmar Terroso Freitas é Major-Brigadeiro do Ar Reformado e Presidente da Associação Brasileira de Equipagens da Aviação de Patrulha (ABRA-PAT).



Crises ecológicas – realidade e mito

Guilherme Antônio Dias Pereira



De vez em quando, gosto de garimpar a internet atrás de alguns dados estatísticos, uma Doença Profissional de longa data, afinal, sou um Gestor de Riscos, que se especializou em Modelagem e Simulação Matemática e no planejamento e implementação de Pesquisas Estatísticas Comportamentais, setores em que atuei por mais de 40 anos e nos quais acabei obtendo Notória Especialidade a partir de 1997.

Continuamente, somos bombardeados pelos meios de comunicação e pelas redes sociais por notícias bombásticas sobre o fim dos combustíveis fósseis, sobre o aumento sistemático do CO2 na atmosfera, nos conduzindo a um inexorável aumento da temperatura global (*com a consequente liquefação das calotas polares, que farão o nível dos oceanos subir de 30 a 100 metros, tragando nossas metrópoles*), sobre o fim de nossos mananciais de água potável e outros acontecimentos cabalísticos que, tudo indica, nos precipitarão, em futuro próximo, nas chamas do Armagedon ou no Gelo Eterno do Ragnarok!

Esta síndrome de catastrofismo é algo que sempre me despertou a curiosidade. Ela acompanha a marcha da evolução humana desde

seus primórdios. Nós a encontramos na Bíblia Hebraica, na Epopeia de Gilgamesh Sumeriana, nos textos Védicos como o Ramayana, o Mahabharata e os Puramas, nas mitologias Grega, Celta e Germânica entre outras, parecendo indicar, de forma plausível, que, em algum momento de nossa memória atávica, de nossa Proto-história, algo traumático pode ter acontecido que nos tornou imensamente pessimistas quanto ao nosso futuro!

O grande problema é que uma determinada mídia de fundo falsamente ecológico resolveu espalhar o terror como, aparentemente, a única forma de refrear o crescimento descontrolado de nossa população e de sua predação aos recursos naturais do planeta (*faturando muito com isso, diga-se de passagem*), não atentando para a realidade científica dos fatos. Consequentemente, a cada catástrofe anunciada desmentida à luz da ciência (*vide quantas vezes o FIM do MUNDO foi anunciado só no Século XX e no atual*), o descrédito gerado pune injustamente os cientistas responsáveis, que estudam seriamente estes fenômenos, e dificultam o apoio de que os mesmos necessitam para darem prosseguimento a seus estudos e pesquisas.

Um caso clássico foi o do "Inverno Nuclear" que, apregoado como a catástrofe definitiva nos idos de 1984, teve o mérito de frear momentaneamente a corrida armamentista, mas não tardou muito para que modelos matemáticos mais aperfeiçoados demonstrassem que o "INVERNO" estava mais para um "OUTONO" Nuclear, ainda mais se a temida Guerra NBC fosse desencadeada no INVERNO do hemisfério norte.

Isso acabou relaxando os "Falcões", que rapidamente voltaram à produção em massa de armas termonucleares, o que, por sua vez, estimulou a "Corrida Nuclear dos NANICOS", resultado; hoje temos acumulados mais de 20 mil vetores de lançamento com mais de 6 mil para uso imediato, quando não precisamos de mais de 3 mil megatons, para arrasar nossa atual civilização tecnológica.

Outro caso foi o FIM do Calendário Maia em 21/12/2012 (*engraçado que o Calendário exibido nos programas de TV era, sempre, o Calendário Asteca, bem mais assustador do que o Maia*), sem falar no FIM dos 1º e 2º Milênios, que levaram a ondas sem precedentes de suicídios coletivos!

Com tantos “Fins do Mundo” anunciados, é um verdadeiro “milagre” que ainda estejamos aqui...

O grande risco no qual incorremos na propagação dessas especulações sensacionalistas é a perda do FOCO sobre problemas mais urgentes como o descontrole populacional, este sim, capaz de nos levar ao desabastecimento e ao caos (*Basta ver o que uma simples GREVE de caminhoneiros foi capaz de provocar em uma semana. Mais uma semana e não teríamos Água, Gás e Luz e, “por tabelinha” teríamos a paralisação de todos os serviços essenciais. Acho que tal experiência deixou, bem claro, as consequências de uma catástrofe global, seja nuclear, seja vulcânica, seja a provocada por um asteroide como o que eliminou os dinossauros ou por um novo Vírus. Não é necessária muita imaginação!*). Hoje, o risco representado pela proliferação desenfreada dos arsenais NBC, em especial nucleares, é mais do que suficiente para nos reconduzir à Idade da Pedra, talvez, quem sabe, nos levar à extinção!

Como Gestor de Riscos, minha obrigação profissional sempre foi analisar, cética, fria e cientificamente o PIOR CENÁRIO, com o objetivo de propor alternativas de solução a quem tem o poder de decidir. Isso não me faz um pessimista, mas não me dá o direito irresponsável de ser um otimista. Na minha profissão a análise REALISTA dos Fatos é indispensável.

Para isso, digo e repito, é preciso pesquisar para conhecer, conhecer para compreender, compreender para buscar solucionar, estudando os fenômenos com FOCO no que é provável, no que é possível e no que é plausível. Fora disso, tudo não passa de especulação, em sua maioria com pouca ou nenhuma base científica... Pura perda de esforço e de tempo!

Assim, busquei escrever o presente texto, apoiado em pesquisas científicas sérias, sem alarmismo, trazendo ao público em geral alguns fatos que falam por si.

Vamos examinar, então, três grandes preocupações da “onda ecológica do momento”, o esgotamento dos combustíveis fósseis, o esgotamento dos mananciais de água potável e o grande vilão, o CO2.

Volta e meia consulto um Site muito interessante, de razoável confiabilidade, denominado Worldometers: http://www.worldometers.info/pt/.

A parte que mais me interessa, refere-se às fontes de energia, em especial, Petróleo, Gás e Carvão que são as fontes de hidrocarbonetos finitas, não renováveis, sem as quais nossa sociedade tecnológica não seria capaz de se manter.

Num último levantamento, constatei que, grosseiramente, temos (*ao nível de consumo atual*):

45 anos de Petróleo

160 anos de Gás Natural

410 anos de Carvão Mineral

Este levantamento não leva em conta as reservas prospectadas, exploráveis, de Óleo de Xisto e de Gás de Xisto (*mais uma vez, a um nível de consumo atual*):

3040 anos de Óleo de Xisto

4540 anos de Gás de Xisto

Estas estimativas são de estudos sérios. Notar que as reservas de Xisto betuminoso e pirobetuminoso eram, até pouco tempo, consideradas antieconômicas em termos de exploração. Sua utilização só se tornava viável após o preço do barril de Petróleo ultrapassar US$ 130.00 *(Já chegou a US$ 142.00 - época em que fui convidado a integrar um grupo de especialistas para estudar a aplicação do processo Petrosix da Petrobras às minas de White River no estado do Utah, EUA).* Hoje, os modernos métodos de extração, ainda que muito poluentes, tornaram esta operação viável a partir de US$ 30.00 o barril. Ou seja, a "famosa" Crise do Petróleo, na realidade, não existe mais.

Notar que, em termos químicos, os mesmos produtos que são extraídos do Petróleo podem ser extraídos do Gás Natural, do Carvão (*Os Alemães fizeram isso na 2ª Guerra, chegando a produzir "margarina" de carvão, além de Diesel e Gasolina. Eu mesmo fiz*

isso em laboratório no início da Faculdade, do Óleo e do Gás de Xisto. *Um parêntese, apenas para deixar claro como a mídia a soldo do grande capital manipula as informações e se serve da "ignorância científica" do público em comum; há anos se vende que a margarina, que os alemães inventaram como já descrito acima, faz menos mal que a manteiga por ser poli-insaturada. Acontece que qualquer estudante de química sabe que a principal característica de um poli-insaturado é ser LÍQUIDO. Realmente, se fabrica margarina a partir de qualquer óleo poli-insaturado, de óleo vegetal a óleo de caminhão. Como? hidrogenando, artificialmente, sua cadeia de carbono, SATURANDO-A, tornado-a POLI-SATURADA (Como a MANTEIGA). O produto resultante é PASTOSO, na maioria dos casos, INCOLOR. É só colocar sal a gosto, anilina para ficar amarelinha e ácido butírico para ficar com gosto e cheirinho de manteiga. Êta química braba! Não esqueçam, eu fiz isso no primeiro semestre de Química! ... Notar que a margarina, mesmo congelada, é mais "pastosa" do que a manteiga. COMAM MANTEIGA, é "natural" seu risco de câncer a longo prazo será bem menor! Como já sabiam os "Boticários" do tempo da vovó, o que mata é o excesso. Qualquer remédio em dose excessiva é veneno!*)

Nossa atual "civilização" tem pouco mais de **5 mil anos** comprovados (*o resto, para trás, é especulação com maior ou menor base científica*). Nossa "Civilização Tecnológica" mal tem **200 anos** utilizando sistematicamente Petróleo e Carvão.

Uma expectativa de, pelo menos, **3 mil anos** à frente (*Graças ao Óleo e ao Gás de Xisto*) torna todas as "neuras" sobre o fim da energia a partir de combustíveis fósseis, no mínimo, ridículas.

Temos, como já citado acima, o espectro da Guerra NBC com nossos mais de 20 mil artefatos nucleares estocados *(e só precisamos de 3 mil megatons para fazer uma enorme lambança!)* e da fome por descontrole populacional, muito mais ali na esquina, talvez nos próximos 100 anos, para nos preocuparmos.

Outro recurso que se debate muito é a **água potável**. Realmente, seus mananciais são finitos, em que pesem as novas descobertas de aquíferos subterrâneos. Não nos esqueçamos, porém, que **70%** da superfície terrestre é coberta por água (*Não potável, salina com uma*

média de 3 mil metros de profundidade oceânica) e que a dessalinização sistemática já existe há décadas. Ainda é cara, mas totalmente utilizável (*Vide Israel*). O problema é a poluição e distribuição destes recursos hídricos, mas, mais uma vez, a solução do problema é MAIS uma questão de Vontade *(ou seria de interesse)*?

Note-se que a água, H2O, é uma molécula formada por hidrogênio e oxigênio, respectivamente o **melhor Combustível** e o **melhor Comburente** disponíveis. Sua dissociação ainda não é economicamente viável (*além de contrariar os interesses da poderosa indústria petrolífera*), mas é uma fonte de energia NÃO POLUENTE praticamente inesgotável.

Por fim, o GRANDE VILÃO, o **Gás Carbônico, CO2**. Primeiro; o que foi acumulado percentualmente desde a Revolução Industrial é insignificante a um nível de percentual atmosférico. O problema é a concentração em **ppm** (*partes por milhão*) sobre as grandes cidades e centros industriais, não sobre o planeta como um todo. Além disso, um grupo de pesquisadores Alemães (*sempre eles*) desenvolveu um método eficiente de transformar o CO2 do Ar em combustível *(Gasolina e Diesel...).* O processo já começa a ser patenteado para exploração comercial. Daqui a pouco vai ser necessário GERAR CO2 para a atmosfera ou corremos o risco não de aquecimento, mas de esfriamento Global (*Que de qualquer forma VAI OCORRER após um primeiro ciclo de aumento global de temperatura nos próximos 100 a 300 anos, faz parte do ciclo NATURAL do planeta. Não podemos impedir. Apenas apressar ou retardar um pouquinho*)! Vivemos, nos últimos 10 mil anos, um período de clima ameno após uma grande Idade do Gelo, ISSO É CÍCLICO!

Nota: A atmosfera da Terra já passou por períodos de intenso vulcanismo quando o CO2 no ar alcançou níveis inimagináveis. Resultado? Houve um crescimento exponencial das florestas por todo o planeta, do qual se originou a maior parte de nossos combustíveis fósseis. Em vista disso, o percentual de oxigênio disponível no ar

chegou a atingir a casa dos **30%** no lugar dos **21%** atuais, dando origem à evolução de insetos e artrópodes gigantes, que foram extintos ou diminuíram de tamanho quando a quantidade de oxigênio no ar principiou a cair... A nossa "velha amiga" BARATA já teve 30 centímetros, vixe!

Em resumo, como vários cientistas vêm alertando, é preciso se acabar com esse **TERRORISMO ECOLÓGICO** que não resolve nada!

A Terra é um planeta que existe com seu mecanismo autorregulador **há aproximadamente 4,5 bilhões de anos**. Permanecerá com suas atuais condições de preservação da vida (*Com ondas de Frio e Calor se revezando ao longo de milhares de anos, fora eventuais pancadas de asteroides e fases de vulcanismo descontrolado, que são naturais nos ciclos planetários*) por estimados **1 Bilhão de anos**. A partir daí, ou nos mudamos dentro do sistema solar ou viraremos CHURRASCO. Nosso sol está crescendo, faz parte do processo de evolução estelar. Teremos, depois disso, pelo menos, **mais um Bilhão de anos** para acharmos outra "casinha" fora do Sistema Solar ou seremos calcinados quando nosso sol, após tornar-se uma estrela gigante vermelha, explodir, gerar uma nebulosa planetária e terminar seus dias como uma Anã Branca (*e por fim, uma Anã Negra morta*). Isso é ciência, isso sim é ARMAGEDON, não tem jeito, **mas é muito tempo**. Se olharmos o que conseguimos fazer **nos últimos 5 mil anos**, só não sobreviveremos se não quisermos. Precisamos compreender que conquistar o espaço é nossa única chance de sobrevivência como espécie.

Então, está na hora de nos perguntarmos quem está LUCRANDO com todo esse alarmismo inconsequente, não acham?

É... Ciência Séria, em via de regra, é um tremendo desmancha prazeres...

RESUMINDO:

Reservas de Hidrocarbonetos disponíveis para exploração e uso ao Nível de Consumo Atual:

	03/05/2017	**25/03/2019**
Petróleo	45 anos	44 anos
Gás Natural	160 anos	159 anos
Carvão Mineral	410 anos (*)	384 anos (**)
Óleo de Xisto	3040 anos (1)	
Gás de Xisto	4540 anos (2)	

- Equivalente a Petróleo para obtenção de todos os derivados combustíveis e de uso industrial (*polímeros, ácidos graxos, etc.*)
- Equivalente a Gás Natural em todas as suas aplicações

(*) A partir dele, todos os componentes combustíveis e de uso industrial obtidos do Petróleo podem ser sintetizados. Idem para o Gás Natural

(**) Houve, nos últimos anos, uma aceleração do consumo de parte da República Popular da China, patente nos altos índices de poluição atmosférica em suas grandes cidades e centros industriais.

Somando os recursos já prospectados de Óleo e Gás de Xisto em condições exploráveis, temos reservas para algo em torno de **6** a **7 mil anos** a nível de consumo atual.

Nossa atual civilização não tem **6 mil anos**, desde o Egito.

Nossa **Civilização Tecnológica** começa no **Século-XVIII**, nosso uso extensivo de Petróleo começa nos meados do **Século-XIX**, **não tem 200 anos**.

Ainda não prospectamos tudo o que temos em termos de recursos em hidrocarbonetos (Petróleo, Carvão, Gás Natural, Óleo e Gás de Xisto).

Se, um dia, pararmos de nos matar por disputas mesquinhas e imbecis e conquistarmos nosso espaço planetário, as reservas de hidrocarbonetos existentes, por exemplo, em TITAN (Lua de Saturno) são suficientes para prover nossa civilização tecnológica por dezenas (talvez centenas) de milhares de anos!

Resumindo, não há falta de hidrocarbonetos acessíveis a preços de mercado a partir do desenvolvimento do processo Shale e não há, num horizonte de curto prazo, qualquer problema de que tais recursos se tornem escassos. Em médio e em longo prazo; depende de nós...

Outras formas de energia não poluente devem continuar a ser pesquisadas e implementadas; como energia solar, energia das marés, eólica e outras, mas sem neuras! Sem desespero!

No que se refere à água potável, é um recurso mais finito, mas reciclável. Usar água do mar para produzir água potável já é um processo dominado, mas ainda é caro. Não esquecer que **70%** do planeta é recoberto por água com uma profundidade média de 3000 metros a partir da superfície.

Também da água é possível extrair-se, por dissociação eletroquímica, Hidrogênio (*o melhor combustível*) e Oxigênio (*o melhor comburente*), então...

Já existem processos eletroquímicos para obtenção de combustíveis fósseis a partir do CO2 do ar (*já testados e em estudo para desenvolvimento em escala industrial*). Ou seja, temos um processo industrial para remoção do excesso de CO2 do ar.

Então... **Chega de ALARMISMO eco-politicamente-correto!**

Bibliografia e Referências

Livros de Divulgação Científica:

Rare Earth (Sós no Universo?)

Das Unerforschte (A Ciência Perante o Desconhecido)

Caos – Making a New Science (Caos – A descoberta de uma nova ciência)

Universe Origins (A Origem do Universo)

The Last 3 Minutes (Os últimos 3 minutos)

The Beginning and the End (O Início e o Fim)

Artigos e Ensaios do Autor:

Gestão de Riscos

http://www.ighmb.org.br/GestãodeRiscos.pdf

Contato – Onde Começa a Verdade e termina a Ficção

http://www.ighmb.org.br/10-Contato.pdf

Universos em Expansão

http://www.ighmb.org.br/12-Universos.pdf

A Guerra Nuclear (NBC/QBR) (Revisão 2017)

http://www.ighmb.org.br/13-GNPALTXT.pdf

Trinta Minutos...

http://www.ighmb.org.br/14-GNPAL30.pdf

A Guerra Nuclear (NBC/QBR) e as Mudanças Climáticas

http://www.ighmb.org.br/18-GNPALClima.pdf

Referências (Páginas) na Internet sobre o tema:

http://revistagalileu.globo.com/Revista/Common/0,,EMI117700-17579,00-O+CO+NAO+E+O+VILAO+DO+AQUECIMENTO+GLOBAL.html

http://blog.waycarbon.com/2017/05/emissao-de-gases-mitos-verdades/

https://hypescience.com/10-mitos-sobre-a-mudanca-climatica/

https://www.coletividade-evolutiva.com.br/2018/01/o-mito-do-CO2-quebrado.html

http://maisfloresta.com.br/artigos/meio-ambiente/o-poder-do-mito-e-a-mentira-cientifica-25.html

https://istoe.com.br/32395_MITO+OU+VERDADE+/

http://www.pucrs.br/edipucrs/XSalaoIC/Ciencias_Exatas_e_da_Terra/GeoCiencias/71470-CAMILADEQUADROSPIRES.pdf

https://pt.wikipedia.org/wiki/Xisto_betuminoso

http://www.opeu.org.br/2013/06/12/eia-estima-reservas-mundiais-de-gas-e-petroleo-de-xisto/

https://pt.wikipedia.org/wiki/Extra%C3%A7%C3%A3o_de_petr%C3%B3leo_de_xisto

https://pt.wikipedia.org/wiki/G%C3%A1s_de_xisto

https://www.juntospelaagua.com.br/2015/08/21/os-8-maiores-aquiferos-do-mundo/

https://www.tecmundo.com.br/tecnologia-verde/31570-cientistas-conseguem-produzir-gasolina-usando-ar-da-atmosfera.htm

https://www.noticiasautomotivas.com.br/gasolina-sintetica-alemaes-e-finlandeses-ja-produziram-200-litros-do-combustivel-ecologico/

Vídeos no Youtube sobre o tema:

https://www.youtube.com/watch?v=9n35BcGny30

https://www.youtube.com/watch?v=DorvG5-6VcU

https://www.youtube.com/watch?v=y4vU7w8t25A

Guilherme Antônio Dias Pereira é Gestor de Riscos por Modelagem de Sistemas, Pesquisador do Centro de Estudos e Pesquisas de História Militar do Exército (CEPHiMEx), Colaborador Emérito do Exército e Sócio Titular do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil (IGHMB).

Os custos da descarbonização

Leonam dos Santos Guimarães

Desde 2012, a Agência de Energia Nuclear da Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OECD-NEA, sigla em inglês) produziu relatórios muito úteis sobre o custo da geração de eletricidade, com o objetivo de encontrar as formas mais eficientes e menos onerosas de descarbonizar o sistema elétrico. A organização, com sede em Paris, apresentou recentemente as conclusões do seu último relatório, *Os Custos da Descarbonização - Custos do Sistema com Grandes Participações de Nucleares e Renováveis*, publicado em 25 de janeiro de 2018.

Em seu relatório de 2015, *Custos Projetados de Geração de Eletricidade,* a OECD-NEA forneceu evidências sobre dois pontos-chave. Primeiro, que apesar dos recentes projetos de alto custo em países ocidentais, a maioria das novas usinas nucleares apresentou um Custo de Eletricidade Nivelado (LCOE, sigla em inglês) comparável a qualquer outra fonte de geração, incluindo a maioria das Energias Renováveis Variáveis (VRE, sigla em inglês). O LCOE reúne todos os custos, incluindo CAPEX e OPEX, até a conexão de uma nova usina à rede. Segundo, que o LCOE para as VRE não levou em consideração os custos do sistema que os consumidores seriam obrigados a pagar, tais como melhorias na rede para acomodar uma geração distante dos centros de consumo; balanceamento devido à baixa previsibilidade de VRE e controle de frequência e backup e/ou armazenamento de eletricidade para compensar essa variabilidade. Conclui que quanto maior a participação de VRE, maior seria o custo do sistema.

Destinado aos tomadores de decisão política, o novo relatório apresenta as principais considerações ao avaliar escolhas que efetivamente alcançariam uma descarbonização profunda, ou seja, menor que 50gCO_2/kWh, de um sistema elétrico do futuro. São elas:

- Qual é a combinação mais econômica para atingir uma meta de descarbonização com uma determinada parcela de VRE?

- Quais tecnologias estão disponíveis, quais são seus custos razoavelmente esperados e quais são seus efeitos sobre a confiabilidade geral do sistema elétrico?

- Quais políticas levarão aos investimentos de longo prazo que uma descarbonização profunda requer?

O estudo compara sistemas diferentes que atingem os mesmos 50gCO_2 / kWh, o que é mais ou menos a meta do Acordo de Paris, para até 2050, alcançar o cenário de mudança climática de 2 graus celsius. Ele considera uma abordagem "*greenfield*", ou seja, definindo do zero todo um sistema que seria capaz de gerar 540 GWh em um ano, a fim de evitar muitas premissas provenientes de tecnologias ou sistemas já existentes.

O cenário de base compreende algumas hidrelétricas, nucleares e algumas térmicas a gás. É o menos caro em custos LCOE, de rede e de sistema; não possui nenhuma VRE (seu LCOE permanece superior ao da nuclear para atingir uma determinada geração em MWh) ou armazenamento dedicado a VRE, e possui uma rede robusta, estabelecendo uma referência para os custos do sistema. Assume ainda, que tem uma restrição de preço de carbono de US $35/tonelada de $CO_{2,}$ o que praticamente elimina qualquer geração termelétrica a carvão.

Este cenário tem algumas semelhanças com o sistema francês, que ainda fornece a eletricidade mais barata para os consumidores finais na Europa, mesmo com todos os subsídios e impostos incluídos.

Quatro cenários exploram uma participação crescente de VRE na combinação de geração, respectivamente, 10%, 30%, 50% e 75%, e analisam a capacidade de geração necessária junto com seu LCOE mais todos os custos adicionais do sistema em comparação ao cenário de base. Além dos custos do sistema que foram apresentados no relatório de 2015, o novo estudo enfatiza o papel do custo de "perfil" ou de "utilização", que reflete o custo de fornecer a geração complementar, quando a participação de VRE aumenta. Quanto mais VRE houver no sistema, mais cara é essa geração.

Não é de surpreender que, ao aumentar a participação de VRE na eletricidade gerada, a capacidade necessária cresça para mais de

três vezes do que o cenário de base. A nuclear diminui significativamente e a capacidade de gás mais que dobra. A diminuição na nuclear deve-se às altas exigências de variação de carga que as VREs impõem ao sistema. A nuclear pode acomodar isso, mas, acima de um certo nível, afeta o fator de carga de tal forma que a energia nuclear se torna antieconômica. O armazenamento por baterias tem um papel muito limitado em qualquer um dos cenários do estudo. O custo de armazenamento é acessível para o controle de frequência ou para um equilíbrio de curto prazo, mas em nenhum caso o armazenamento de baterias pode desempenhar um papel no armazenamento a médio e longo prazo, devido ao seu custo dentro do período do estudo. Portanto, o equilíbrio de eletricidade, quando não há VRE e a nuclear é insuficiente, tem que vir do gás.

O custo da eletricidade, LCOE mais custos do sistema, aumenta de US$ 65/MWh no cenário base para US$ 130/MWh, quando 75% é de VRE. Além do LCOE, os custos do sistema aumentam quase exponencialmente com a participação de VRE, subindo de um mínimo de US$ 8/MWh no cenário de 10% de VRE para US$ 50/MWh no cenário de 75%. Os custos de rede, balanceamento e conexão são responsáveis por um terço e os custos de perfil por dois terços. A maior parte dos custos do perfil vem da desotimização do sistema devido à variabilidade das VREs devido à correlação nas horas de produção de renováveis que é vista nos grandes sistemas existentes. Quanto mais VRE for implantado, mais cara será a carga complementar e, com uma participação de VRE maior que 50%, o excesso de capacidade, quando todos os tipos de VRE forem gerados, levará a uma restrição cada vez maior das fontes de VRE.

O estudo observa a alta volatilidade dos preços da eletricidade no mercado. Os mercados existentes baseiam-se, principalmente, na ordem de mérito do custo marginal de geração de eletricidade, mas as VREs têm um custo marginal nulo. Isso significa que quando a participação de VRE aumenta, para o nível da capacidade de demanda, a VRE pode, ocasionalmente, atender a toda a demanda e levar a um preço de eletricidade no mercado de US$ 0/MWh, juntamente com a restrição de algumas VRE. De 10% VRE a 75% VRE, o número de horas a um preço de US$ 0/MWh cresce de poucas horas para quase 4000 por ano. Em compensação, o número de horas em que os preços estão acima de US$100/MWh aumenta. Isso leva a

uma alta volatilidade nos preços da eletricidade e a uma grande imprevisibilidade nos preços.

O relatório faz cinco recomendações principais:

- *reconhecer e alocar de maneira justa os custos do sistema para as tecnologias que os causam; promover mercados competitivos de curto prazo para o despacho econômico de tecnologias disponíveis;*

- *incentivar novos investimentos em tecnologias de baixo carbono, proporcionando estabilidade aos investidores;*

- *assegurar níveis adequados de capacidade e flexibilidade, bem como infraestrutura de transmissão e distribuição;*

- *implementar a precificação de carbono, como a abordagem mais eficiente para descarbonizar o fornecimento de eletricidade;*

- *produzir políticas adequadas para a rápida implantação de todas as tecnologias de baixo carbono disponíveis, com o melhor custo-benefício possível, a fim de descarbonizar com sucesso o setor de eletricidade.*

A seguir apresentaremos uma visão pessoal sobre os resultados desse estudo.

Precificação de carbono. *Definir um preço do carbono parece óbvio. O estudo mostra que US$ 35/tonelada de CO_2 é considerado suficiente para erradicar o carvão de todos os seus cenários, e não tão distante dos US$ 20 já considerados em alguns países. Quanto mais cedo isso for alcançado, melhor, já que todos concordam que há uma necessidade urgente de descarbonizar o sistema energético.*

Custos de Sistema. Idealmente, as políticas devem ser desenvolvidas para garantir que os custos do sistema sejam bem analisados e alocados à fonte que os gera. No Reino Unido, foi proposto o conceito de *Equivalent Firm Power*, segundo o qual qualquer fonte de VRE deveria garantir sua produção com algum armazenamento pelo qual seria responsável. Praticamente, em qualquer sistema, isso seria muito difícil de implementar.

Benefícios de um mercado competitivo de curto prazo. Pode-se questionar a adequação da maioria dos mercados de eletricidade

existentes: a ordem de mérito poderia ter sido justificada no passado, quando todas as fontes tinham LCOEs comparáveis e estavam totalmente expostas ao mercado. Os mercados de eletricidade produzem situações em que ocorrem preços em zero e não dão mais sinais econômicos consistentes com uma parcela crescente de VRE.

Incentivar novos investimentos em tecnologias de baixo carbono. Em um mercado em que toda e qualquer forma de geração de eletricidade é tratada de acordo com seus próprios méritos, sem quaisquer subsídios ou direitos prioritários, haverá a necessidade de novas regulamentações muito claras. Com uma alta participação de VRE, os mercados existentes serão muito voláteis e apresentarão altos riscos para qualquer investimento de longo prazo e seu financiamento. Como as políticas podem ser projetadas para atrair investimentos nessa situação?

Capacidade, flexibilidade e infraestrutura. Há evidência clara de que, além da hidrelétrica, a nuclear é a única tecnologia de baixo carbono despachável, sendo essencial, juntamente com as VREs, para que seja obtido um sistema elétrico descarbonizado. A relação custo-benefício para o consumidor leva a um sistema equilibrado, onde o valor da energia nuclear e o valor das próprias VRE não sejam ambos destruídos por uma excessiva participação de VRE. Ao invés de desenvolver políticas públicas que estabeleçam metas para a participação de VRE, o que exigirá capacidade, flexibilidade e infraestrutura de rede, não seria preferível definir primeiramente metas para geração de carbono e, então, identificar qual sistema elétrico propiciaria o melhor custo-benefício?

Ao considerar os fatos sobre os tipos de tecnologia, seus custos, incluindo custos do sistema, e aceitação pública e avaliação do potencial de preços mais altos da eletricidade, os tomadores de decisão sobre políticas poderiam criar as condições e regras de mercado, para encontrar um caminho apropriado.

Há assuntos que estão fora do escopo do estudo da OECD-NEA, mas que são importantes para os tomadores de decisão. Uma é que, para acomodar uma alta participação de VRE, o sistema deve desenvolver não apenas redes de transmissão e distribuição, mas também incorporar novas tecnologias que ainda não existem, para

acomodar as flutuações que a geração de VRE acarreta. Esses custos podem ter sido levados em conta no estudo, mas e os riscos associados a essas tecnologias futuras? E a confiabilidade de tal sistema e sua resiliência?

O estudo não examinou os recursos materiais necessários em nenhum cenário, mas esse é um tema a ser considerado. Em essência, a VRE tem na maioria das áreas um fator de carga limitado: para alcançar a mesma geração em GWh, a VRE precisa de três vezes mais capacidade do que qualquer fonte despachável e exigiria muita capacidade de armazenamento com, novamente, um fator de carga limitado. Esta é a maneira mais eficiente de usar os recursos que o planeta pode oferecer?

Outro tema a considerar é a aceitabilidade de um determinado cenário. Embora a geração de energia nuclear existente seja geralmente bem aceita, a nova energia nuclear pode ser um desafio; mas e quanto a uma implantação comparativamente grande de VRE e seu impacto? E quanto à aceitabilidade e viabilidade dos requisitos de distribuição/conexão?

Durante a web-conferência, ocorrida quando do lançamento do estudo, foi dito que "*Um sistema ideal e com melhor custo-benefício deve incluir um terço de VRE, um terço de energia nuclear e o restante de energia hidrelétrica, quando disponível, e gás, quando acessível, se possível com captura de carbono, para garantir a flexibilidade da demanda*".

A energia nuclear terá um papel fundamental nos futuros sistemas descarbonizados. Embora produza de forma confiável grandes quantidades de energia despachável e de baixo carbono, ela enfrenta questões sobre aceitação pública em muitos países. No entanto, este estudo mostra como a energia nuclear continua a ser uma opção economicamente viável para satisfazer restrições severas de carbono, apesar dos desafios econômicos para alguns reatores de nova geração.

A vantagem de custo da energia nuclear não está em seus custos no nível da usina, apesar deles serem bastante competitivos. Ela reside, de fato, em seus benefícios gerais para o sistema elétrico. Os

custos no nível de usina da VRE caíram de forma impressionante, mas seus custos gerais para o sistema não são contabilizados, pois sua produção é agregada durante um número limitado de horas. Todos esses fatores deverão entrar em jogo nas decisões de cada país. Essa talvez seja a principal mensagem do estudo "*Os Custos da Descarbonização*" da OECD/NEA.

Dr. Leonam dos Santos Guimarães é diretor de Planejamento, Gestão e Meio Ambiente da Eletronuclear.

Os principais pensadores do mundo ocidental

Roy Reis Friede

Os principais pensadores do Mundo Ocidental foram: SÓCRATES, PLATÃO, ARISTÓTELES, SANTO AGOSTINHO, SÃO TOMÁS DE AQUINO, MAQUIAVEL, BODIN, HOBBES, LOCKE, MONTESQUIEU, ROUSSEAU, HEGEL, MARX, ALEXIS DE TOCQUEVILLE, MAX WEBER e ROBERT MICHELS.

1. Sócrates

SÓCRATES (470- 399 a.C.) é reconhecido por ter inaugurado uma visão crítica a respeito das instituições sociais, cabendo registrar, no entanto, que seu pensamento não restou materializado em nenhuma obra escrita por ele. Seu legado nos foi transmitido por PLATÃO, seu discípulo.

Refletindo sobre a política ateniense, SÓCRATES afirmava que esta se encontrava em profunda incongruência com o valor *justiça*. A dialética era o método por ele empregado, para efeito de transmissão de conhecimento.

SÓCRATES, ao defender ideias contrárias ao *status quo* vigente na sociedade grega de então, não foi bem aceito pela aristocracia da época, chegando, inclusive, a ser acusado de negligenciar quanto à adoração das divindades e de corromper a juventude, sendo, por isto, condenado a cometer suicídio, o que se deu através da ingestão de *cicuta*, uma erva venenosa.

2. Platão

É a partir de PLATÃO (427-347 a.C.) que se começa a elaborar, sistematicamente, uma filosofia política, através da qual o grande filósofo "descreve e avalia os modos de organização política então existentes, mas, acima de tudo, constrói, à luz da razão, um projeto político", cujo objetivo é, em última análise, conduzir os homens à verdade e ao bem (MARCELO DA COSTA MACIEL; *A Contribuição do Pensamento Antigo e Medieval para o Desenvolvimento*

da Ciência Política. *Curso de Ciência Política: Grandes Autores do Pensamento Político Moderno e Contemporâneo*, 3ª ed., Rio de Janeiro, Elsevier, 2013, p. 7).

Para PLATÃO, conforme explica MARCELO DA COSTA MACIEL (ob. cit., ps. 7-8), a ideia do *bem* consistiria no ápice do conhecimento, razão pela qual aquele que conseguisse contemplá-la estaria "apto a conduzir os outros homens no caminho da verdade e a organizar a cidade segundo leis e instituições essencialmente boas e justas". Com efeito, PLATÃO entendia que o poder deveria "ser exercido como missão decorrente da aquisição da sabedoria e não por ambição ou desejo do poder pelo próprio poder", razão pela qual "apenas uma aristocracia intelectual, feita de homens que se tornaram perfeitos, à medida que se tornaram sábios", teria condições de "assegurar um governo estável e essencialmente justo, já que a justiça é uma virtude e, como tal, consequência do bem, que nada mais é que a outra face da verdade".

No Livro VIII de *A República*, PLATÃO trata da denominada *teoria cíclica das formas de governo*, concebida como "uma das primeiras tentativas de análise sistemática dos modos de organização e exercício do poder político na história do pensamento ocidental" (MARCELO DA COSTA MACIEL, ob. cit, p. 8).

3. Aristóteles

Consoante assevera MARCELO DA COSTA MACIEL (ob. cit., ps. 10-11), malgrado o pioneirismo de SÓCRATES (e dos Sofistas), no que se refere à introdução das questões éticas e políticas no seio do debate filosófico, e da importância da contribuição de PLATÃO, mormente quando afirma que "o saber deve conduzir o poder e que a perfeita organização da cidade é uma consequência da busca pela verdade", cumpre salientar que o desenvolvimento da Política como ciência autônoma coube a ARISTÓTELES, autor de *A Política*, considerado o primeiro grande tratado sobre política na história do pensamento ocidental.

Tal fato decorre, sobretudo, do entendimento de SÓCRATES a respeito da pouca importância da *escrita*, vista, por este, como uma forma associada à *"burrice"* e à *"preguiça"*, considerando que desprestigiava a importância do desenvolvimento do *intelecto* e da

memória, na exata medida em que permitia a consulta a registros de ideias, impedindo, por consequência, sua evolução crítica e seu consequente desenvolvimento analítico. SÓCRATES não somente se negava a escrever, como seus alunos eram, igualmente, proibidos de registrar, de forma escrita, seus ensinamentos. De igual modo, PLATÃO, seu discípulo, não era um grande adepto da escrita (e, consequentemente, não participou da grande revolução que esta ensejou); mas, ao reverso de SÓCRATES, permitia que seus alunos, dentre os quais ARISTÓTELES, transcrevessem suas lições, possibilitando que estes se apropriassem da *revolução da escrita*, o que acabou por tornar, na prática, ARISTÓTELES o maior filósofo grego, não somente pelo fato de ter registrado as ideias de seus dois antecessores, mas, sobretudo, de ter logrado excepcional êxito em sistematizá-las. Por esta razão, coube a ARISTÓTELES, e não a seus antecessores, a consagração quanto ao estudo da política e de seu livro clássico *A Política.*

Na mencionada obra, ARISTÓTELES aborda, entre outras, a questão inerente à origem do Estado, que a seu ver remontaria a um processo natural, uma vez que o homem, naturalmente, teria uma tendência à vida em sociedade, dando origem aos primeiros agrupamentos sociais e, em um momento posterior, à formação e organização da *pólis,* caracterizada pela necessidade de um governo, responsável pela elaboração de regras que permitam a convivência social.

Cabe registrar, em tom de síntese, que os aludidos pensadores também discutiram, formularam e reformularam respostas acerca da indagação do alcance do *mal* e da dificuldade de se fazer triunfar o *bem*. Em *A República* de PLATÃO, a ideia do *bem* surge ligada estreitamente à noção de *justiça*. Para ARISTÓTELES, a ideia ou forma do *bem* não supõe univocidade, pois não existe uma única forma do *bem* para todos e para tudo. Já para os Sofistas, o *bem* (e o seu duplo, o *mal*) era uma questão de ponto de vista, pois cada homem tem um modo próprio de ver e de conhecer as coisas, do que resultava a tese de que não pode existir uma verdadeira ideia de *bem*, ou uma ciência objetiva e universalmente válida. Donde se extrai a célebre frase de PROTÁGORAS: “o homem é a medida de todas as coisas”.

SÓCRATES defendia que o *justo* era a obediência incondicional às leis da *pólis*. Afirmava que um cidadão de *bem* deveria obedecer também às *leis más*, para não encorajar o cidadão perverso a violar as *boas*, o que desagradava profundamente os Sofistas, que afirmavam que o *bem*, para os homens livres, era o *mal* para os escravos. Como se sabe, a opulência de Atenas, no século V a.C. (o chamado século de PÉRICLES, quando floresceram a filosofia, a arte e o que viria a ser a ciência), foi conseguida por uma força de trabalho composta basicamente por escravos.

4. Santo Agostinho

No que se refere ao período medieval, cabe destacar, de início, o pensamento político de SANTO AGOSTINHO (354-430), para quem a função do Estado seria controlar o povo, impedindo, portanto, que este caísse em tentações e pecados. Na obra *A Cidade de Deus*, AGOSTINHO vislumbra uma cidade absolutamente regida de acordo com as leis divinas, livre do pecado. Nota-se, nitidamente, a primazia conferida ao poder espiritual sobre o poder humano, pensamento político que certamente ensejou conflitos entre Papas e Reis. Segundo a concepção acima, a Igreja, por ser obra de Deus, teria condições de alcançar a perfeição em matéria de governo.

Segundo afirma ANTONIO CARLOS WOLKMER (Revista Crítica Jurídica, nº 19, 2001), SANTO AGOSTINHO é, possivelmente, o mais destacado pensador cristão de toda a primeira fase da Idade Média, sendo que sua obra permite extrair preciosos elementos para a exegese da relação entre Estado e Igreja, dos fundamentos do Direito Natural e do Direito Positivo e da questão pertinente à legitimidade dos governantes.

5. São Tomás de Aquino

No século XIII, o pensamento político (cristão) de SANTO AGOSTINHO encontra a sua consolidação em SÃO TOMÁS DE AQUINO, o qual entende que "o Ser Supremo, além de Criador, é também o Legislador de todo o cosmos por ele criado, o qual governa segundo sua lei eterna", sendo que o Estado e o poder político, na ótica de TOMÁS DE AQUINO, "decorrem da agência criadora de

Deus", que "criou os homens para viverem em sociedade, pois só a vida em sociedade é uma vida plena ou feliz, digna da condição do homem na escala das criaturas", razão pela qual, "é necessário haver um governo terrestre, que regule a multidão, levando-a a alcançar o bem coletivo" (MARCELO DA COSTA MACIEL, ob. cit., ps. 17-18).

6. Nicolau Maquiavel

Na Idade Moderna (1453-1789), destaca-se o pensamento político de NICOLAU MAQUIAVEL (1469-1527), notadamente o contido em *O Príncipe,* obra escrita em 1513, e publicada em 1532, e que sintetiza a sua teoria política. Segundo MAQUIAVEL, o *príncipe* (termo empregado genericamente, a designar todos os governantes) deveria prover estabilidade à cidade, o que deveria ser conseguido a qualquer custo. Em suma, para o pensador florentino, a política podia ser traduzida através da *conquista*, *consolidação* e *manutenção* do *poder* e, para tanto, MAQUIAVEL discorre sobre os meios necessários, afirmando, inclusive, que a obediência a princípios morais seriam irrelevantes nessa empreitada. Afinal, segundo ele, "*os fins justificariam os meios*".

Nesse diapasão, conforme assevera LAIRTON MOACIR WINTER:

> "O que determina se uma atitude é ética é a sua finalidade política. Neste sentido, os valores morais só podem ser compreendidos a partir da vida social. Assim, sublinha MAQUIAVEL, existem virtudes que podem arruinar o Estado e vícios que, inversamente, podem salvá-lo. O que do ponto de vista da moral tradicional é plenamente condenável, na ética política maquiaveliana é perfeitamente aceitável." (LAIRTON MOACIR WINTER; Revista Tempo de Ciência, nº 13, 2006, p. 119).

Como se pode concluir, MAQUIAVEL propõe uma ruptura entre *política* e *moral*, afastando-se, ademais, da *religião*. Para a teoria maquiaveliana, a política não se caracterizaria por qualquer ideal cristão, mas, sim, pela incessante luta pelo poder, onde tudo seria válido.

7. Jean Bodin

O jurista JEAN BODIN (1530-1596) é reconhecido como um dos teóricos do Absolutismo. De um modo geral, os autores que se dedicaram a analisar suas concepções atribuem a construção do arcabouço teórico pertinente ao tema *soberania* ao referido pensador francês. QUENTIN SKINNER, por exemplo, afirma que:

> "Abandonando a posição constitucionalista que adotara ao escrever seu *Método para a fácil compreensão da história*, BODIN revela-se, nos Seis livros, um defensor praticamente irredutível do absolutismo, exigindo que sejam proscritas todas as teorias que defendiam a resistência e se aceite, como único meio para restaurar a unidade e a paz política, uma monarquia forte." (QUENTIN SKINNER; *As Fundações do Pensamento Político Moderno*, São Paulo, Companhia das Letras, 1996, p. 556).

Segundo SYLVIA EWEL LENZ (*Jean Bodin: As Premissas de um Estado Soberano*, Mediações, Revista de Ciências Sociais, vol. 9, nº 1, 2004, p. 124), *Os Seis Livros da República* (1576) é a sua principal obra, cuja essência gira em "torno da definição jurídica de Soberania, cujos alicerces, baseados na justiça, respaldavam-se no direito natural e divino do rei", texto assim sintetizado:

> "BODIN considerava que a economia francesa estava sendo prejudicada por guerras religiosas e querelas confessionais, levando o país à instabilidade. A conjuntura complexa de sua época reflete-se no texto, detalhado, denso, prolixo e longo, destacando os temas básicos tratados pelo autor, que vão da organização social da família à estrutura estatal: a) a base da sociedade é a *família*, cujo patriarca concentra o poder no âmbito do privado; a partir dela se reflete toda a condução da sociedade; b) um Estado monárquico baseado no poder absoluto do soberano, que estaria acima do Papado e do Império, assim como de quaisquer religiões. O soberano se atém à ética cristã, posto que presta contas a Deus, único Senhor acima dele; também devia seguir os princípios legais do direito natu-

> ral: a liberdade de viver e de possuir, ou seja, à vida e à propriedade privada; c) seguindo os passos de MAQUIAVEL, BODIN enfatiza o poder soberano e absoluto do Príncipe; não obstante este só pode ser hereditário, legal, oriundo de uma dada linhagem aristocrática; d) em decorrência desta premissa, o autor enfatiza o dever da obediência dos súditos, independentemente de serem nobres, clérigos, magistrados, burgueses, ou ainda, arraia-miúda; e) todos estes requisitos visam manter a ordem e a paz, possibilitando o pleno desenvolvimento da economia do Estado, de modo que este também tenha como arrecadar, manter a corte e, principalmente, garantir os custos com a manutenção de um exército permanente; f) neste sentido, BODIN inova ao destacar o papel da economia e, portanto, da coleta fiscal, e não só da força militar, para a sustentação da forma de governo entendida como uma monarquia absoluta; g) em decorrência desses argumentos, ele ressalta o papel do *direito natural* de cada indivíduo, isto é, o direito de viver e haver, e do *direito divino*, cuja ética cristã parece-nos retirada do Antigo Testamento, com um Deus pai que pune quem o desobedece." (SYLVIA EWEL LENZ, ob. cit., ps. 124-125).

Na mesma obra, BODIN desenvolve a teoria da soberania do Estado, aduzindo que o governo do que é comum ao conjunto de famílias que habitam o território estatal cabe à República. O Estado, na concepção de BODIN, deve ser caracteristicamente forte, no qual o monarca monopoliza o poder soberano (perpétuo e absoluto), sendo o detentor da responsabilidade de organizar politicamente a República.

8. Thomas Hobbes

THOMAS HOBBES (1588-1679), pensador inglês e integrante da corrente *contratualista*, afirmava que a condição humana seria, por natureza, agressiva e egoísta, asseverando, ainda, que o homem, sem um poder forte o suficiente para lhe impor limites, atuaria como *"lobo do próprio homem"*, prevalecendo, neste estado de guerra, a insegurança. Os mais fortes, por sua vez, tenderiam a subjugar os

mais fracos. Para evitar que isto ocorresse, haveria a necessidade da figura de um soberano, a quem se conferiria um poder ilimitado.

HOBBES, então, concebe o denominado *pacto social* como a única alternativa que permitiria que os indivíduos saíssem do estado de guerra (de todos contra todos) no qual, segundo a visão hobbesiana, naturalmente se encontram. Através de tal pacto, haveria a transferência do direito de agir ao soberano, possibilitando, na visão de HOBBES, a preservação do homem.

Diante desse quadro, a função do soberano seria justamente assegurar o cumprimento do pacto social, garantindo paz e segurança aos indivíduos. Para tanto, HOBBES defende que o mesmo não deve estar subordinado a quem quer que seja, pois só assim seria capaz de conter os interesses particulares em prol do interesse geral.

Conforme assevera REINALDO DIAS (*Ciência Política*, São Paulo, Atlas, 2010, p. 68), "a submissão absoluta é o preço que devem pagar os súditos ao soberano por lhes haver salvado de seu destrutivo estado em que se encontravam".

O pensamento político de THOMAS HOBBES, como se observa nitidamente, buscava fundamentar o poder absoluto do rei. Vale dizer, o resultado institucional do aludido pacto social seria o Estado Absolutista.

9. John Locke

O inglês JOHN LOCKE (1632-1704), juntamente com HOBBES e ROUSSEAU, foi um dos principais representantes do *Jusnaturalismo* (Escola dos Direitos Naturais). O pensamento político de LOCKE, da mesma forma, deve ser analisado e compreendido dentro do contexto histórico da época, quando a Inglaterra encontrava-se em grande instabilidade devido à Revolução Gloriosa (1688-1689), movimento através do qual se operou *o colapso da monarquia absolutista naquele país e sua consequente substituição pela monarquia parlamentar constitucional*, além de ter possibilitado a ascensão da burguesia ao poder, aspecto fundamental para a ocorrência da futura *Revolução Industrial* (séculos XVIII e XIX).

Discorrendo sobre tal quadra, JOSÉ ANTÔNIO FERNANDES MAGALHÃES (*Ciência Política*, Brasília, Vestcon, 2001, p. 58) explica que:

> "No século XVIII, a burguesia ascendente já estava suficientemente fortalecida e poderia prescindir de governos fortes para solidificar seu domínio sobre a nação. Os monarcas ingleses da Dinastia STUART pretendiam fundamentar a autoridade real no poder divino, ficando o século XVII marcado pelos constantes conflitos entre a autoridade real, supostamente inata porquanto oriunda da vontade divina, e a autoridade do Parlamento baseada no princípio racionalista de representação dos interesses dos proprietários burgueses."

As obras mais conhecidas do pensador inglês são *Dois Tratados sobre o Governo Civil* e *Ensaio sobre o Entendimento Humano*.

No *Primeiro Tratado*, LOCKE opõe-se, rigorosamente, às ideias defendidas por ROBERT FILMER (1588-1653), um pastor anglicano, no livro *Patriarca*, obra esta na qual FILMER, em síntese, aponta e admite a existência de uma natural dominação entre os homens. FILMER assevera, ainda, que tal relação (de dominação, de subordinação) seria oriunda da própria Criação; vale dizer, ostentaria natureza sagrada. De sua parte, LOCKE rejeitava a teoria do *direito divino dos reis* (poder absoluto dos reis), procurando, ainda, criar uma doutrina que conjugasse a liberdade dos indivíduos e a manutenção da ordem política. JOHN LOCKE entendia que a soberania não estaria enfeixada nas mãos do Estado, mas, sim, nas do povo.

As principais concepções apresentadas nos *Dois Tratados sobre o Governo Civil* são: os homens nascem livres e iguais; o poder do governante funda-se nos poderes pertencentes aos indivíduos, os quais são transferidos àquele; o estado de natureza não é necessariamente um estado belicoso (de todos contra todos); o exercício tirânico do poder transferido ao governante anula a legitimidade da autoridade, razão pela qual LOCKE reconhece, no seu *Segundo Tratado*, a possibilidade de derrubada do governante pelos indivíduos, notadamente a partir do argumento de que tal medida, a bem da verdade, representa a tutela dos direitos naturais, os quais não se subor-

dinam à ordem política, ou seja, não foram conferidos pelo Estado. Ao sinalizar que o fundamento legal da autoridade governamental reside justamente na legitimidade, o notável pensador inglês acaba por fornecer uma justificativa para as ações revolucionárias.

Como dito, para LOCKE, pensador da corrente contratualista, as pessoas, na sua essência natural, são livres e iguais. Nada obstante, são caracterizadas por serem egoístas. A transição do estado da natureza para a sociedade civil é assim explicada por REINALDO DIAS:

> "Para este filósofo os homens em estado de natureza têm certos direitos que são fundamentais: a vida, a liberdade e a propriedade. Dado que esses direitos individuais estão em constante risco e sem nenhuma segurança, é necessário um poder capaz de definir os direitos de cada um e sancioná-los mediante a autoridade. Essa autoridade surge do contrato por meio do qual o homem natural transfere à comunidade seus direitos como condição essencial ao bem comum." (ob. cit., p. 70).

Segundo LOCKE, os homens, no estado da natureza, viviam em conformidade com a lei natural, sendo detentores, entre outros, do direito de propriedade. Portanto, na visão de LOCKE, a propriedade, sendo um direito natural do indivíduo, é anterior à própria sociedade civil, motivo pelo qual não pode ser violado nem mesmo pelo poder político. No que se refere à compreensão acerca dos direitos naturais, LOCKE, novamente, afasta-se de HOBBES. Para este, somente através do soberano é que o direito existe como realidade. LOCKE, por sua vez, concebe a lei natural como lei, revestindo-se de todos os atributos daquela editada pelo Estado (a lei positiva). Por esta razão, LOCKE afirma que o direito de propriedade, por se tratar de um direito natural, independe de qualquer ato de positivação a ser editado pelo ente estatal.

WEFFORT (*Os Clássicos da Política*, São Paulo, Ática, 1989, p. 88) assevera que LOCKE, além de ter fundado os alicerces do individualismo liberal, apresentou uma justificação moral, política e ideológica para a Revolução Gloriosa e para a monarquia parlamentar de GUILHERME DE ORANGE, tendo, ainda, participado ativamente da luta pela ascensão da burguesia ao poder político na

Inglaterra. Para tanto, opôs-se à concepção absolutista do poder monárquico e seu respectivo fundamento divino.

10. Montesquieu

CHARLES-LOUIS DE SECONDAT (1689-1755), o Barão de MONTESQUIEU, é outro grande pensador político. Na obra *O Espírito das Leis*, publicada em 1748, MONTESQUIEU, entre outras abordagens, formula princípios básicos para evitar governos despóticos, cunhando a denominada tripartição das funções dos Poderes do Estado, teoria que restou conhecida como sistema de freios e contrapesos (*checks and balances*), verdadeira condição, segundo o pensador, para a liberdade:

> "Quando numa só pessoa, ou num mesmo corpo de magistratura, o poder legislativo se acha reunido ao poder executivo, não poderá existir a liberdade, porque se poderá temer que o mesmo monarca ou o mesmo senado criem leis tirânicas para executá-las tiranicamente.
>
> Não existirá também liberdade quando o poder de julgar não se achar separado do poder legislativo e do executivo. Se o poder executivo estiver unido ao poder legislativo, o poder sobre a vida e a liberdade dos cidadãos seria arbitrário, porque o juiz seria o legislador. E, se estiver unido ao poder executivo, o juiz poderá ter a força de um opressor.
>
> Tudo então pereceria, se o mesmo homem, ou o mesmo corpo dos principais, o dos nobres, ou o do povo, exercesse estes três poderes: o de criar leis, o de executar as resoluções públicas e o de julgar os crimes e as questões dos particulares." (MONTESQUIEU; *O Espírito das Leis*, 1748, p. 133).

11. Rousseau

JEAN-JACQUES ROUSSEAU (1712-1778), outro pensador contratualista, na sua mais famosa obra (*Do Contrato Social*), afirma que os indivíduos, a fim de criar uma sociedade, celebram um autêntico contrato social. Segundo o pensador, o aludido contrato social seria uma livre associação de seres humanos inteligentes, que

deliberam e decidem formar uma sociedade, à qual devem obedecer por força da chamada *vontade geral.*

Diferentemente de HOBBES, ROUSSEAU acreditava que o homem seria naturalmente bom (estado da natureza), sendo que a vida em sociedade (estado civil) é que tenderia a transformá-lo em uma pessoa má. ROUSSEAU, portanto, atribui tal tendência para o mal à vida humana em sociedade.

Dizia ROUSSEAU, então, que a vida na sociedade civil é que corromperia o homem, cuja essência, no estado natural, seria boa e pura, isto é, desprovida de qualquer depravação e/ou corrupção. Neste aspecto, nota-se que a concepção política de ROUSSEAU difere da de THOMAS HOBBES, uma vez que o denominado *"estado de guerra",* categoria idealizada por HOBBES, estaria presente, na visão rousseauniana, não na natureza, mas na sociedade civil.

ROUSSEAU desenha o estado de natureza com tons de absoluta felicidade humana, no qual não haveria desigualdade. Tendo em vista o convívio social, o homem, acreditava ROUSSEAU, adquiriria novas demandas (necessidades) e, por conseguinte, a vontade de satisfazê-las, dando margem ao surgimento do fenômeno da desigualdade, problema que inviabilizaria o alcance do valor *liberdade*, uma vez que esta não existiria sem *igualdade*, e tendo em vista que aquele que se encontra em uma condição superior em relação ao outro ostentaria mais poder e, por conseguinte, limitaria o indivíduo que estivesse na posição de inferioridade. A instituição pública (decorrente da celebração do pacto social) seria a única maneira de se garantir a liberdade humana.

ROUSSEAU, no *Do Contrato Social*, afirmava que seria o povo (e não mais o monarca absoluto) a origem legítima do poder soberano. Em síntese, ROUSSEAU empreende uma análise acerca da origem, formação e manutenção da sociedade humana, tida por ele como fruto de um acordo (ou contrato) entre os indivíduos. Outrossim, na mencionada obra, aduz que o fundamento do Estado dependeria de um elemento fundamental, a chamada *vontade geral,* que não se confundiria com a *vontade de todos* (a soma dos interesses particulares). Aquela, a *vontade geral*, atenderia ao interesse comum, enquanto esta (a *vontade de todos*) teria como foco os inte-

resses privados, os quais, por serem conflitantes, deveriam ser eliminados, construindo-se, assim, o caminho para o interesse comum.

Com efeito, o Estado, na ótica de ROUSSEAU, seria o objeto de um contrato, sendo criado para proteger e preservar os direitos naturais dos indivíduos, devendo eliminar as vontades particulares e expressar a vontade geral, esta destinada a assegurar *liberdade, igualdade* e *justiça*.

A respeito de tal pacto social, afirma ROUSSEAU (*Do Contrato Social*, 1997, p. 85) que "só a vontade geral pode dirigir as forças do Estado de acordo com a finalidade de sua instituição, que é o bem comum, porque, se a oposição dos interesses particulares tornou necessário o estabelecimento das sociedades, foi o acordo desses mesmos interesses que o possibilitou."

Não é de se estranhar que os princípios de liberdade e igualdade defendidos por ROUSSEAU tenham inspirado a Revolução Francesa (1789) e, anteriormente a esta, o mais importante movimento liberal democrático do mundo: a Revolução Americana (1775-1783), que foi a responsável, em última análise, pela irradiação dos mencionados princípios para todo o continente europeu. Nitidamente, encontramos no pensamento político de ROUSSEAU a noção daquilo que hoje conhecemos como Estado Democrático de Direito, no qual a vontade geral é expressa por meio da lei.

12. Hegel

GEORG WILHELM FRIEDRICH HEGEL (1770-1831) certamente integra o rol dos grandes pensadores que o mundo já conheceu. A sua obra *Princípios da Filosofia do Direito,* sem sombra de dúvida, e sem qualquer tom comparativo, ocupa o mesmo espaço de outras obras notáveis, tais como *A República* (PLATÃO), *Política* (ARISTÓTELES), *O Príncipe* (MAQUIAVEL), *Leviatã* (HOBBES), *Os Dois Tratados sobre o Governo Civil* (LOCKE), *O Espírito das Leis* (MONTESQUIEU) e *Do Contrato Social* (ROUSSEAU). HEGEL, em *Princípios da Filosofia do Direito* empreende uma crítica ao Estado e ao liberalismo, tratando, ainda, da complexa relação existente entre o Direito, a Moral e a Política.

Assevera que o Estado deve representar a totalidade político-social, de modo a conter o mundo público e o mundo privado. Para o grande filósofo alemão, o Estado é, ao mesmo tempo, tanto poder como função. No último caso, função política, cujo objetivo é o trato da coisa pública, voltada que está para a satisfação do indivíduo, socialmente considerado (WELLINGTON TROTTA; *O Pensamento Político de Hegel à Luz de sua Filosofia do Direito*, Revista de Sociologia e Política, vol. 17, nº 32, 2009, p. 17).

HEGEL, na obra *Princípios da Filosofia do Direito*, analisa a questão da realização da liberdade através do Estado. Para o pensador alemão, o Direito efetiva, institucionalmente, a da liberdade. Conforme explica RIBEIRO:

> "Para HEGEL, a liberdade verdadeira só se efetiva pela construção de um mundo positivo, de instituições. Contudo, não é mais possível, após a Revolução Francesa, reconstruir o modelo da antiga *polis* grega. Daí a superação da concepção individualista da liberdade, – no resgate da dimensão institucional –, ser enfrentada por HEGEL como a grande tarefa de seu tempo." (FERNANDO J. ARMANDO RIBEIRO; *A Constituição do Estado no Pensamento de Hegel,* Revista da Faculdade de Direito da UFMG, Belo Horizonte, nº 55, 2009, p. 19).

HEGEL discorda da concepção defendida pelos pensadores contratualistas, notadamente quando tal corrente defende que a edificação do Estado seria fruto do denominado *contrato social.* Para JOAQUIM CARLOS SALGADO (*A Ideia de Justiça em Hegel*, São Paulo, Loyola, 1996, p. 346), "o contrato social, ainda que concebido logicamente (ROUSSEAU e KANT) e não historicamente, faz do Estado um resultado do arbítrio individual, isto é, privatiza a origem do Estado".

ALYSSON LEANDRO MASCARO (*Filosofia do Direito,* São Paulo, Atlas, 2013, p. 262), no mesmo sentido, explica que o Estado, na visão hegeliana, é o elemento processual de organização da própria vida do povo, sendo mesmo uma individualidade com seus próprios interesses e necessidades históricas, não sendo, portanto, fruto de um acordo de vontades individuais, como pretendem os autores

contratualistas antes visitados. Em suma, a concepção hegeliana de Estado supera definitivamente a filosofia política do Jusnaturalismo, segundo BOVERO BOBBIO:

> "Com HEGEL, o modelo jusnaturalista chegou à sua conclusão. Mas a filosofia de Hegel é não apenas uma antítese, mas também uma síntese. Tudo o que a filosofia política do jusnaturalismo criou não é expulso do seu sistema, mas incluído e superado." (BOVERO BOBBIO; *Sociedade e Estado na Filosofia Política Moderna*, São Paulo, Brasiliense, 1991, ps. 96-97).

13. Karl Marx

Segundo KARL MARX (1818-1883), pensador alemão, o desenvolvimento da sociedade dá-se por meio da denominada *luta de classes*, marcada por um conflito envolvendo a classe detentora dos chamados *meios de produção* (classe dominante) e a que fornece a *mão de obra* indispensável para tal sistema (classe trabalhadora). Assim, para MARX, é justamente através da sociedade que seria possível compreender o aparecimento do Estado. Este, sendo criação daquela, atuaria como uma ferramenta destinada a assegurar as bases nas quais a sociedade civil encontra-se fundada. No *Manifesto Comunista* (1848), escrita por MARX e FRIEDERICH ENGELS, está dito: "Em sentido próprio, o poder político é poder organizado de uma classe para opressão de outra".

Com efeito, segundo tal visão, o denominado Estado Burguês teria a função de assegurar o domínio do capital sobre o trabalho. Assim, na concepção marxista, o Estado seria, simultaneamente, parte integrante das relações capitalistas de produção e seu respectivo mecanismo de tutela.

Para MARX, o Estado integra a (por ele) denominada *superestrutura* destinada a regular a sociedade, sendo ele mesmo (o Estado) fruto da luta de classes, quando, na verdade, deveria estar acima de tal conflito. MARX afirma, ainda, que o Estado, enquanto instrumento da classe dirigente, cumpriria o propósito de garantir a hegemonia desta sobre as demais.

A respeito de tal característica conferida por MARX ao Estado, discorre TERRY EAGLETON:

> "MARX nem sempre adotou um ponto de vista tão vigorosamente instrumentalista do Estado em suas análises detalhadas de conflitos de classe; mas estava convencido de que sua verdade, por assim dizer, está fora de si mesma, e além do mais o vê por si só uma forma de alienação. Cada cidadão individual alienou ao Estado parte de seus poderes individuais, que assumem então uma força determinante sobre a existência social e econômica cotidiana, que MARX chama 'sociedade civil'. A genuína democracia socialista, em contraste, reuniria estas partes gerais e individuais de nós mesmos, permitindo-nos participar de processos políticos gerais como indivíduos concretamente particulares, no local de trabalho, assim como na comunidade local, por exemplo, em vez de cidadãos abstratos da democracia representativa liberal. A visão final de MARX parece assim algo anarquista: a de uma comunidade cooperativa formada pelo que denomina 'associações livres' de trabalhadores, que estenderiam a democracia à esfera econômica enquanto fazem dela uma realidade na esfera política." (TERRY EAGLETON; *Marx e a Liberdade,* São Paulo, UNESP, 1999, p. 52).

Nota-se que MARX confere ao Estado um viés instrumental, arquitetando-o como uma ferramenta à disposição da classe dominante, da qual esta se serviria para a concretização de seus próprios interesses (e não do interesse público). A título de comparação com o pensamento de HOBBES, o advento do Estado, na concepção de MARX, não pôs fim ao estado de guerra (luta de todos contra todos) característico da sociedade natural daquele pensador inglês.

É importante assinalar que MARX e ENGELS foram também os predecessores do *totalitarismo*, ao escreverem, em 1849 e 1851, após a chamada *Primavera dos Povos* (1848), suas teses sobre a necessidade de extermínio das sociedades primitivas (bascos, bretões, escoceses, sérvios etc.) que, por encontrarem-se dois períodos

atrasados na luta histórica pela revolução, constituíam-se, na ótica de MARX, no *"lixo racial"* europeu.

A propósito, segundo MARX, "as *classes* e as *raças*, muito fracas para enfrentar as novas condições sociais, devem *retirar-se*" (KARL MARX; *Marx People's Paper*, 16 abr. 1851), razão pela qual "elas devem perecer no Holocausto Revolucionário" (cf. *Journal of The History of Ideas*, vol. 42, nº 1, 1981).

A partir das doutrinas de MARX e ENGELS, LÊNIN estabeleceu as bases ideológicas do primeiro país comunista do mundo, premissas que, de certo modo, também inspiraram outro famoso ditador: HITLER, cuja comparação com LÊNIN foi feita pelo próprio Ministro da Propaganda do III Reich, JOSEPH GOEBBELS, que teria afirmado que LÊNIN seria o mais ilustre dos homens, atrás apenas de HITLER.

KARL POPPER (*A Sociedade Aberta e Seus Inimigos*, Belo Horizonte, Itatiaia, 1987, ps. 69-88) afirma que STALIN teria sido "gerado" por MARX. Na quadra atual, tal afirmação encontra eco em PIERRE RIGOULOT, Diretor do Instituto de História Social, Paris, França, o qual, em artigo (*O Totalitarismo Estava em Germe na Obra de MARX*) publicado no *Le Figaro*, edição de 14 de janeiro de 2016, afirma que o pensamento de MARX pode ser entendido como a *gênese* do *totalitarismo*. Para tanto, RIGOULOT analisa o livro de ANDRÉ SENIK, cujo título é *O Manifesto do Partido Comunista aos Olhos da História*. Em síntese, no aludido artigo, RIGOULOT anota que:

> "A obra de MARX, de fato, preconiza conceder o monopólio do poder político ao Partido Comunista, detentor de um conhecimento absoluto sobre a história e conferir ao Estado todos os meios coercitivos necessários para fazer triunfar suas ideias e controlar todas as atividades econômicas, aspectos que SENIK entende como sendo 'os elementos necessários para o estabelecimento de um Estado totalitário'".

Dentro desse contexto, interessante registrar a perfeita sintonia existente entre *nazismo* e *comunismo*, formas irrefutáveis de *tota-*

litarismo, assim retratadas por JOSÉ JOÃO NEVES BARBOSA VICENTE (*Totalitarismo, Educação e Justiça: uma Abordagem Filosófica*, Bahia, UFRB Editora, 2012):

> "Nazismo e comunismo são classificados em *Origens do Totalitarismo* como as duas versões de um mesmo fenômeno: o totalitarismo. [...]."
>
> [...] o Comunismo não foi diferente do Nazismo que, logo de início, fez questão de tirar a máscara. Os dois regimes compartilharam, com efeito, o mesmo modo de funcionamento totalitário: sozinhos, dominaram o Estado, a sociedade civil, as igrejas, o sistema econômico, a vida social, e tomaram o cidadão como indivíduo fundido na massa que comunga coletivamente no culto ao Chefe e na obediência e sem reservas ao partido. [...].
>
> O Comunismo não escravizava, não deportava e nem executava em nome da força e da raça, mas, escravizava, deportava e executava em nome do conceito e da classe. Portanto, [...], não havia diferença entre esse regime e o regime nazista. Repousou sobre uma necessidade: arrancar todas as raízes da ordem existente destruir-lhes os fundamentos. Para o comunismo era necessário arrasar todos os sustentáculos do mundo antigo, para construir o novo. A morte rondava na revolução marxista a partir do momento em que sua filosofia da vida transferiu toda a energia e toda a astúcia da razão para o lado da destruição a fim de chegar ao seu objetivo supremo: uma humanidade reconciliada abstratamente consigo mesma sobre os cadáveres dos homens reais carregados com indiferença pelo curso da História."

A identidade acima pode ser corroborada a partir de outros dados, tais como: forte propaganda estatal, implacável perseguição aos opositores do regime, extermínio em massa, detenção em campos de concentração, xenofobia. Além disto, tanto o *marxismo* quanto o *nazismo* pretendiam criar o *homem perfeito*, conforme explica a professora de História Contemporânea da Universidade de Paris-Sorbonne, FRANÇOISE THOM, para quem ambas as ideologias pretenderam criar um *novo homem*, travando, para tanto, uma guer-

ra com a própria natureza humana: "os nazistas têm uma ideologia baseada numa *falsa biologia*, e o comunismo é baseado numa *falsa sociologia*, mas ambos os sistemas têm a ambição de serem científicos, apoiados em bases científicas".

STALIN, fruto do *marxismo* e um dos vencedores da Segunda Guerra Mundial, é sabidamente um dos maiores criminosos da história. Entre tantas atrocidades cometidas por ele, cabe mencionar o evento que ficou conhecido como *Holodomor* (*Fome na Ucrânia*), ocorrido em 1932-1933, quando cerca de 7 milhões de pessoas (correspondentes a 25% da população local) morreram em decorrência de fome, fuzilamento, tortura, imigração forçada, entre outros eficientes e macabros métodos de extermínio (JANE SPRINGER; *Genocide: a Groundwork Guides,* Toronto, Berkeley, 2006, ps. 120-125).

Tal dado nos permite afirmar que o *Holodomor* foi um dos maiores programas de extermínio em massa da história mundial, embora o elenco de barbáries cometidas por STALIN (e reveladas por NIKITA KHRUSHCHOV, no famoso *Discurso Secreto*, realizado no XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética, em 1956) seja repleto de outras atrocidades, tais como o *Grande Expurgo* (1937-1938), extermínio em massa que causou a morte de milhões de vítimas (criminosos, membros de comunidades religiosas, kulaks, opositores do regime etc.). Em *A Verdade sobre* STALIN (2013), JO PIRES-O'BRIEN traça o seguinte panorama a respeito do *totalitarismo stalinista*:

> "STALIN introduziu um regime de repressão sem precedência, caracterizado pela proibição religiosa, prisões arbitrárias, julgamentos de fachada, execuções em massa e campos de trabalhos forçados. O exílio de TROTSKY, em 1929, foi o primeiro sinal que os ocidentais receberam de que as coisas na União Soviética não estavam indo conforme o esperado. Refugiados russos que chegavam às dezenas na França trouxeram informações frescas sobre as atrocidades de STALIN. Alguns intelectuais resolveram ir à União Soviética para checar por si próprios a situação, como o francês ANDRE GIDE e o americano EDMUND WILSON. Quando retornaram,

> GIDE informou que STALIN havia violado todas as regras da revolução socialista e WILSON admitiu que, em termos de democracia, a situação na União Soviética era pior do que na época do Czar."

Nota-se, portanto, que o *nacional-socialismo* e o *socialismo soviético* possuem muito em comum, mormente quanto à base ideológica (o *marxismo*), além de terem, ambos, sucumbido (enquanto modelo) e deixado milhões de vítimas nos anais da história mundial.

14. Alexis de Tocqueville

As concepções liberais foram forjadas no contexto da luta contra o Estado Absolutista, cujo poder político supremo era exercido exclusivamente por um monarca e seus associados, a aristocracia, a Igreja e as facções superiores da burguesia emergente.

A expansão constante do desenvolvimento capitalista levou à necessidade de dilatação dos espaços da atuação política de novos atores. Assim, teóricos da época deram respostas às necessidades geradas pelos contextos histórico-sociais em processo de formação e desenvolvimento. O *liberalismo* nasceu, portanto, como a doutrina do Estado limitado tanto no que diz respeito aos seus poderes quanto às suas funções (FABRÍCIO JESUS TEIXEIRA NEVES; TOCQUEVILLE e STUART MILL: *Reflexões Sobre o Liberalismo e a Democracia*, Revista Achegas, 2014).

O Estado liberal, único modelo compatível com o regime político democrático, constituiu-se em uma efetiva realidade no século XIX e, em particular, no início do século XX. Os mais importantes autores em todo o mundo celebraram o que se imaginou ser a derradeira maturidade política da sociedade organizada.

ALEXIS DE TOCQUEVILLE (1805-1859), teórico celebrado em razão de sua clássica obra *Da Democracia na América* (1835), supunha ser esse modelo de Estado o apogeu da democracia: "Democracia é como a maré alta; recua apenas para retornar com mais vigor e logo se torna evidente que, apesar de todas as flutuações, a maré sempre ganha terreno" (ALEXIS DE TOCQUEVILLE *apud*

REIS FRIEDE; *Curso de Ciências Políticas e Teoria Geral do Estado: Teoria Constitucional e Relações Internacionais,* 5ª ed., Rio de Janeiro, Freitas Bastos Editora, 2013).

A imagem evocada por TOCQUEVILLE nos leva a pensar que a democracia, apesar de percalços autoritários, tocaria os indivíduos organizados em um Estado, na medida em que o ideário da liberdade, como na analogia aludida no texto em destaque, espalhar-se-ia, sem pedir licença, atraída por uma espécie de ponto gravitacional alcançando a todos os que estão cingidos ao seu raio. Neste sentido, sua conclusão de que a democracia, assim como a maré, apesar das flutuações, ganha sempre terreno.

RAYMOND ARON (*Les Étapes de La Pensée Sociologique,* Paris, Gallimard, 1967, p. 18), a propósito do pensamento liberal de TOCQUEVILLE, consignou expressamente que o estudioso "não foi cooptado nem pela direita, nem pela esquerda", permanecendo imparcial. A democracia, conforme já mencionado, apresentava-se para ele como algo irreversível, em razão da igualdade, sobretudo, de condições materiais.

Todavia, para TOCQUEVILLE, essa tendência igualitária pode levar à fragmentação social, à perda de consciência cívica e ao despotismo. E o modo de impedir a transformação da democracia em despotismo é fortalecer as liberdades formais, os direitos privados e desenvolver o associativismo nos moldes em que ele o via na sociedade norte-americana de seu tempo, já que o associativismo impediria a emergência do poder despótico (CARLOS NELSON COUTINHO; *Democracia: um Conceito em Disputa,* 2008).

Os estudos de TOCQUEVILLE diferem da obra de KARL MARX, fundamentalmente por privilegiar o fator político (democracia) sobre os de natureza econômica e social. Sua grande conclusão, fruto de suas constantes indagações, resumiu-se em afirmar (e tentar explicar) porque é que na América a sociedade democrática é de cunho liberal e porque, ao reverso, a França, outro bastião da democracia, tem tanta dificuldade em manter um regime político de liberdade.

Porém, o relativo insucesso econômico do Estado liberal em prover, em contraposição, de forma mais imediata, os consideráveis

e urgentes anseios das classes menos favorecidas, acabou por tornar sensivelmente sedutoras as esdrúxulas teses político-totalitárias que, no contexto econômico, sinalizavam no sentido de permitir um rápido e utópico desenvolvimento social, com vigorosa ampliação das bases econômicas por meio de um rígido controle estatal de cunho *participativo* (Comunismo) ou *intervencionista* (Nazifascismo).

Sob esse viés, as mais sedutoras teses políticas foram concebidas, permitindo a implantação das mais brutais ditaduras políticas no início do século XX, ao final da Primeira Grande Guerra (1914-1918), na Rússia Soviética (1917) e, posteriormente, na Itália e na Alemanha (respectivamente nos inícios das décadas de 20 e 30), ensejando, em grande parte, o desencadeamento da Segunda Grande Guerra (1939-1945).

Embora o segundo grande conflito mundial tenha, ao final e em grande medida, consagrado a vitória da concepção de *Estado liberal*, ainda que com uma nova feição *Keynesiana* (ou Neoliberal), capitaneada pelas forças anglo-americanas, a concepção ideológico-totalitária de matiz comunista foi, em grande parte, reafirmada como *potência* pelo próprio desastre econômico ensejado pelo mais importante conflito bélico mundial. Tal conflito, - o mais importante acontecimento global da história da humanidade - , ceifou a vida de aproximadamente 70 milhões de pessoas e atingiu, direta ou indiretamente, mais de 200 milhões de indivíduos, envolvendo mais de 30 países, sendo que os principais contendores colocaram toda sua capacidade científica, econômica e industrial voltada para o esforço de guerra, apagando as diferenças entre recursos civis e militares.

Não obstante a relativa monopolaridade estadunidense, nascida das cinzas da Segunda Grande Guerra, - em que os EUA despontaram com 53% do PIB mundial e o monopólio dos arsenais nucleares -, um despreparado presidente, HARRY S. TRUMAN (1945-1953), permitiu, em grande medida, o surgimento de um novo conflito global, de nova natureza, conhecido como *Guerra Fria*, que representou, no campo político, uma nova confrontação, com feições de diferentes espectros bipolares, entre o *Estado liberal* (ou neoliberal) e o *Estado totalitário* de feição *comunista*, que muito contribuíram para o ressurgimento de contrapontos autoritários de feição direitista, muitas vezes incentivada e patrocinada pelo

Estado liberal democrático norte-americano, como uma forma mais imediata (e variável) de reação.

Nesse período posterior à Segunda Guerra Mundial, não mais surgiram no mundo Estados *totalitários* de direita, a exemplo da Alemanha Nazista e da Itália Fascista, mas, sim, Estados *autoritários* de direita, por questões de conveniência e oportunidade histórica, sendo implantados e/ou apoiados pelos interesses liberais norte-americanos, que, paradoxalmente, repudiam toda e qualquer concepção político-ideológica de feição *totalitária*, ou seja, *não liberal*.

15. Max Weber

MAX WEBER (1864-1920) defendia uma *visão aristocrática da democracia*, concebida, neste sentido, apenas e tão somente como um *sistema de escolha da classe política dirigente*, sem qualquer viés participativo nos rumos do Estado. Contextualizando o momento em que WEBER desenvolveu tal arcabouço teórico, RICARDO BORGES GAMA NETO (*Minimalismo Schumpeteriano, Teoria Econômica da Democracia e Escolha Racional*, Revista Sociologia Política, 2011) aduz que:

> "A partir da I Guerra Mundial instalou-se um forte ceticismo em relação à política democrática. MAX WEBER foi o pensador social cuja obra melhor identificou esse sentimento, tornando-se o principal referencial das teorias que *criticam a ideia da democracia como forma de deliberação da vontade popular*."

Nesse diapasão analítico, segundo a ótica do pensador alemão, a participação popular deveria se restringir ao sufrágio universal (a eleição do governante), sendo que este, uma vez eleito, não estaria obrigado a permitir qualquer participação popular na condução da coisa pública.

O processo eleitoral, nas palavras de PATRÍCIA CASTRO MATTOS (*Direito e Política: As Visões de* WEBER *e* HABERMAS, 2000, p. 84), nada mais seria do que uma forma de "aclamação periódica que confirma o *carisma do líder escolhido*", ou seja, "a participação das massas é importante na escolha dos líderes enquanto mais um *fator de seleção de homens hábeis para conduzir*

a nação". Com efeito, do *modelo elitista de democracia* concebido por WEBER é possível extrair a seguinte característica fundamental: o conceito de soberania popular encontra-se limitado ao momento do pleito eleitoral.

Conforme explica RAYMOND ARON (*As Etapas do Pensamento Sociológico*, São Paulo, Martins Fontes, 2000, p. 501), MAX WEBER "foi um nacional-liberal, mas não um liberal no sentido norte-americano". Para WEBER, segundo ARON, acima de tudo estavam *a grandeza da nação e o poder do Estado*.

Consoante anota MANOEL ADAM LACAYO VALENTE (*Democracia em Max Weber*, 2004, p. 150):

> "A perspectiva *weberiana* de democracia contemplava a valorização do parlamento como o celeiro natural de lideranças políticas e a necessidade da existência de um *líder governamental carismático* que, contrapondo-se ao poder da burocracia estatal, controlando-a, seria o condutor das aspirações nacionais".

É nítida a relação existente entre as premissas elitistas/carismáticas de WEBER e a influência por ele exercida sobre HITLER e as bases do Nazismo. Segundo afirma IAN KERSHAW (HITLER*, um Perfil do Poder*, 1993, p. 18), "uma chave para a compreensão da expansão gradativa do poder de Hitler pode ser encontrada em outro conceito de MAX WEBER: o de *'dominação carismática'*". E prossegue KERSHAW, aduzindo que "embora MAX WEBER tenha escrito antes do aparecimento de HITLER no cenário político", tal conceito "tem implicações relativas às origens e ao exercício do poder de HITLER".

16. Robert Michels

Oportuno registrar, ainda, uma síntese do pensamento de ROBERT MICHELS (1876-1936), um brilhante discípulo e amigo pessoal de MAX WEBER. Na obra *Sociologia dos Partidos Políticos*, editada pela primeira vez em 1911, o sociólogo alemão, a partir do estudo do Partido Social Democrata Alemão, analisa a relação existente entre democracia e organização partidária. MICHELS concebe a denominada *Lei de Ferro da Oligarquia*, nela defendendo que os

partidos políticos, da mesma forma como acontece com outras organizações, possuem uma tendência inevitável para a oligarquia, a burocracia e o autoritarismo.

Com efeito, quanto mais determinada organização desenvolve-se e burocratiza-se, maior é a concentração de poder nas mãos de um reduzido número de pessoas dotadas de posição de destaque (os dirigentes). Em suma, na concepção de MICHELS, os partidos políticos, mesmo os de feição democrática, acabam por se transformar em organizações oligárquicas, nas quais se observa o monopólio das decisões por um pequeno grupo de pessoas, ou seja, o poder decisório deixa de estar nas mãos das massas, passando a ficar cada vez mais concentrado nas dos dirigentes.

Tal fenômeno é explicado da seguinte forma por PEDRO FLORIANO RIBEIRO:

> "Uma reduzida elite dirigente tende a concentrar os poderes dentro da organização, confiscando a iniciativa e a participação dos militantes e autonomizando-se em relação ao restante do organismo partidário. Essa autonomia será tanto maior quanto mais os chefes consigam desenvolver aquele que é o maior recurso do poder elitista: a centralização burocrática, ou seja, a concentração da estrutura decisória nas mãos de poucos funcionários e dirigentes remunerados pela máquina. A remuneração de dirigentes e funcionários com dedicação exclusiva é a principal estratégia para essa centralização burocrática, e a elite terá mais força e autonomia internas quanto mais a máquina partidária se expanda e se complexifique." (ROBERT MICHELS *e a Oligarquia do Partido dos Trabalhadores*, 2009, p. 124).

A partir das características gerais apresentadas por MICHELS quanto à *Lei de Ferro da Oligarquia*, extrai-se que os partidos políticos, uma vez alcançado o poder, focam-se no crescimento do próprio aparelho partidário, de modo que a organização passa a ser um fim em si mesmo.

Por conseguinte, segundo MARIA DO SOCORRO SOUSA BRAGA, Professora da Universidade de São Paulo:

> "De acordo com as reflexões de MICHELS acerca dos partidos políticos iniciais, emergentes na virada do século XX, a ausência de democracia interna nesses organismos teria sérias implicações sobre a própria existência do regime democrático." (*Democracia e Organização nos Partidos Políticos: Revisitando os Microfundamentos de* MICHELS, Revista de Sociologia e Política, 2012, p. 94).

PEDRO FLORIANO RIBEIRO (*Realismo e Utopia em* ROBERT MICHELS, Revista Sociologia Política, 2012, p. 45) explica como o pensador alemão acabou, com suas concepções, legitimando o *Fascismo* e, de certa forma, o próprio *Nazismo*:

> "A conclusão central de *Sociologia dos Partidos Políticos* é bastante pessimista: a *democracia*, enquanto capacidade de concretização efetiva da vontade popular nas decisões coletivas é um fenômeno *irrealizável*. Além de ROUSSEAU, MICHELS [...] evoca, nas páginas finais do livro, MOSCA e PARETO para afirmar que, em última instância, continua válido o princípio segundo o qual *a maioria é sempre governada por uma minoria reduzida*. No entanto, centelhas de otimismo também despontam ali, quando afirma (a partir de ROUSSEAU e CONSIDÉRANT) que a educação política das massas pode aliviar as tendências à oligarquização, ao fornecer instrumentos para um controle mais efetivo sobre os representantes [...], e quando sustenta que, *ainda que impossível, a democracia deve ser incessantemente buscada*: 'A tarefa de cada indivíduo terá que ser então a do homem que escava a procura de um tesouro que o pai, no leito de morte, lhe indicou. O tesouro, na verdade, não pode ser achado, mas o trabalho que o filho coloca na busca torna o terreno mais fértil. São apenas esses os frutos que dará a busca da democracia. [...] Não se podem iludir as desvantagens imanentes da democracia. E, contudo, no plano formal, a democracia é o mal menor' [...]. Em sua busca pessoal pelo tesouro democrático, no entanto, *MICHELS escolheria tomar um atalho, que o levaria ao totalitarismo fascista*."

A relação de MICHELS com o Fascismo de MUSSOLINI é bem resumida por ANTÓNIO DE ARAÚJO (MICHELS *revisitado: a Propósito de Dois Livros Recentes*, Análise Social, 2003, ps. 1275-1276):

> Ao contrário do que sucede com outros intelectuais (HEIDEGGER, SCHMITT, PARETO), não existe propriamente um «caso MICHELS»: *o seu compromisso com o fascismo é de tal forma profundo* que ninguém se atreve a negar a sua existência. ROBERT MICHELS aderiu ao Partido Nacional Fascista em 1923 e, cinco anos mais tarde, aceitou o cargo de professor de Ciência Política na Universidade de Perugia, uma das três universidades criadas por MUSSOLINI para combater a falta de estudos políticos em Itália (mas que, na realidade, se destinavam à formação de quadros fascistas). Exaltou o fascismo em diversos escritos e viu no *duce a encarnação do modelo weberiano do líder carismático*. É indubitável que a sua teoria das elites contribuiu para legitimar o domínio de MUSSOLINI.

Vale, por fim, registrar que ROBERT MICHELS foi um dos principais expoentes do movimento político denominado de *"Elitistas"* que, em relativo contraponto a um certo "pessimismo" de WEBER, - mas, ao mesmo tempo, complementando, em determinada medida, as concepções ideológicas weberianas - consagrou a tese da viabilidade prática de um suposto regime democrático, através da eleição popular de um verdadeiro *líder carismático*, o que permitiu, - na concepção *hitleriana* (até mesmo mais do que no regime de MUSSOLINI, ao qual efetivamente o autor serviu) - a pretensa ideia de se tratar de uma autêntica forma democrática de regime político.

17. Síntese de Referência do Pensamento Político e Filosófico

Sobre os principais *pensadores* da *Ciência Política*, vale descrever a síntese de suas respectivas percepções sobre o *homem*, o *Estado*, o *governo*, a *lei* e o *direito*, considerando, especialmente, que a visão contemplativa e científica dos filósofos, durante o transcurso da história humana, muito contribuiu para a caracterização da Ciência Política na atualidade.

Diagrama 1
Síntese de referência do Pensamento
Político e Filosófico

Pensadores	Homem por Natureza	Estado	Forma de Governo	Lei	Direito
ARISTÓTELES (385-322 a.C.)	"Animal comunitário."	Condições para ordem perfeita (*nomos*).	Monarquia, aristocracia, democracia, conforme condição do grupo.	Racionalização do *nomos* (ordem perfeita).	De acordo com *filia* (interação), costumes (penal), norma (contratual), regula relações entre desiguais (distributivo).
HOBBES (1588-1679)	Agressivo (*homo homini lupus*).	Leviatã (constituído por pactos sociais).	Despotismo (força impositiva).	Normas ditadas pela comunidade distinguindo o bem do mal.	Nas mãos do Estado: proteger os cidadãos contra Inimigos externos e discórdias internas.
SPINOZA (1632-1677)	"Paixões" e ignorância. Intuição.	Fazer o jogo das paixões.	República: liberalismo dos povos e despotismo dos chefes.	Manifestação diversa dos modos divinos. São moralmente boas se os chefes conseguem impô-las.	Pelo jogo das paixões proporciona o equilíbrio favorável à paz.

MONTESQUIEU (1689-1775)	Vida em grupo.	Sujeito que estabelece normas.	Monarquia (honra), república (virtude), despotismo (medo).	"Razão humana à medida que governa todos os povos da terra."	Instituições particulares: estabelecidas pelo legislador.
ROUSSEAU (1712-1778)	Bom (bom selvagem).	Contrato social: meio para voltar ao estado de natureza.	Democrático (força representativa).	A vontade geral aponta a tendência dos indivíduos: obedecer à lei e continuar livre.	Conciliar vontade individual e o bem coletivo.
HEGEL (1770-1831)	–	Projeção da realidade da ideia ética.	–	Forma de subordinação de direitos e deveres.	Projeção estatal.
KARL MARX (1818-1883)	–	Superestrutura a serviço da classe dominante. Deverá se extinguir na fase comunística.	Da imposição classista à ditadura do proletariado.	Imposição classista. Instrumento de perpetuação de uma classe no poder.	Superestrutura levantada em uma base econômica.
H. LÉVY-BRUHL (1857-1939)	–	Instituição.	–	Não é essencialmente diferente do costume. A lei e o costume são expressões da vontade do grupo. Emana de órgão especializado.	Normas obrigatórias, impostas pelo grupo a que pertencemos, mas passiva de mudanças.

DURKHEIM (1858-1917)	–	Instituição.	Evolui com a sociedade.	Depende da forma de solidariedade predominante.	Conexão com a coação organizada.
MAX WEBER (1864-1920)	–	Instituição.	Base: mágico-religiosa, carismática, secularizada (burocracia).	Crença na autoridade de normas estabelecidas racionalmente cria condições para fortalecimento do poder e garantia de obediência.	Ordem e dispositivo de coerção. Bases: costume, carisma e lei. Construído pelo jurista.
R. POUND (1870-1964)	–	Instituição.	–	Especialistas a elaboram. Os tribunais devem atentar para a realidade social.	Realidade impregnada de valores ideais. Processo de reconhecer e satisfazer às necessidades humanas, por meio do controle.
ALESSANDRO GROPPALI (1874-1959)	–	Entidade dotada de poder contrastável (soberania) e responsável hegemônica pelo monopólio da criação das normas jurídicas.	–	Formalização estatal da ordem jurídica.	Ordem jurídica projetada pelo Estado.

HANS KELSEN (1881-1973)	–	Instituição (*Rechtsstaat*) geradora do direito (*Staatsrecht*).	–	*Constrangimento organizado*	Ordem jurídica projetada pelo Estado.
GURVITCH (1894-1966)	–	Superestrutura organizada (instituição).	–	Sistemas de normas ou princípios em vigor.	Varia conforme as formas de sociabilidade. Massa (direito objetivo), comunhão (objetivo). Comunidade (equilíbrio entre objetivo e subjetivo).

Fonte: CELSO ANTÔNIO PINHEIRO DE CASTRO, *in Sociologia e Direito*, São Paulo, Atlas, ps. 154-155.

Roy Reis Friede é doutor em Direito Público pela UFRJ, Desembargador Federal e presidente do Tribunal Regional Federal da 2ª região.

Biblioteca Ten Brig Moreira Lima

Nair de Laia

DOAÇÕES RECEBIDAS PELO INCAER

Continuamos a receber diversas doações de amigos da Força Aérea, que nos ajudam a completar e enriquecer nosso acervo.

Medicina Aeroespacial

Waldo Temporal

A Medicina Aeroespacial é a especialidade que estuda o ambiente das atividades aéreas envolvendo tripulantes e passageiros, analisando as principais agressões, riscos e doenças decorrentes do ambiente alterado da altitude e do voo. O seu objetivo primordial é a Segurança de voo, a prevenção de acidentes e a Saúde daqueles que utilizam o meio aéreo como ambiente de trabalho ou eventualmente como passageiros.

Voando Além do Tempo: o pensar de Gastão Madeira

Cesar Rodrigues

Este livro tem por objetivo valorizar, resgatar, aglutinar e registrar os estudos e as ações realizadas por Gastão Madeira, no tocante à navegação aérea, desde 1890, quando elaborou uma teoria a respeito da dirigibilidade de aeróstato, com base nos princípios do voo dos pássaros. Assim, 150 anos após seu nascimento, presta-se um tributo à memória desse dedicado inventor.

A Mais Breve História da Europa
John Hirst

Em um momento histórico em que os europeus questionam seu legado político e os fundamentos de sua identidade coletiva milenar, o autor oferece uma valiosa ferramenta para compreender como a civilização que se formou no velho continente revolucionou o destino de todos os outros povos do mundo.

21 Lições para o Século 21
Yuval Noah Harari

Em um mundo repleto de informações irrelevantes, clareza é poder. Neste livro o autor se concentra nos grandes dilemas e escolhas do presente. Destrincha questões políticas, tecnológicas, sociais e existenciais, e aponta como elas impactam a vida cotidiana dos humanos de todo o mundo.

Clube do Livro

O Clube do Livro é responsável por vender e distribuir obras de autores civis e militares publicadas pelo INCAER, ou com a sua chancela, sob o título de "Coleção Aeronáutica".

A Coleção Aeronáutica nasceu para registrar os fatos e personagens mais significativos no meio aeronáutico, ampliar o conhecimento sobre o Poder Aeroespacial, pela leitura de autores clássicos e especializados, e estimular o surgimento de escritores civis e militares especializados em História da Aviação.

A venda de livros é feita por preço de custo na sede do INCAER:
Praça Marechal Âncora, 15-A - Centro
Rio de Janeiro - RJ - CEP 20021-200

pelos telefones:
(21) 2101-6125 / 2101-6559

ou pelo correio eletrônico:
clubedolivro.incaer@fab.mil.br

Nair de Laia é Bibliotecária, Chefe da Biblioteca Ten Brig Moreira Lima do INCAER.

Coleção Aeronáutica

SÉRIE

HISTÓRIA GERAL DA AERONÁUTICA BRASILEIRA

VOL. 1 – Dos Primórdios até 1920.

VOL. 2 – De 1921 às Vésperas da Criação do Ministério da Aeronáutica.

VOL. 3 – Da Criação do Ministério da Aeronáutica ao Final da Segunda Guerra Mundial.

VOL. 4 – Janeiro de 1946 a janeiro de 1956 – Após o Término da Segunda Guerra Mundial até a Posse do Dr. Juscelino Kubitschek como Presidente da República.

VOL. 5 – Janeiro de 1956 a dezembro de 1966 – Da Posse do Presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira até às vésperas da reforma administrativa.

SÉRIE

HISTÓRIA SETORIAL DA AERONÁUTICA BRASILEIRA

1 – Santos-Dumont e a Conquista do Ar - Aluízio Napoleão

2 – Santos-Dumont and the Conquest of the Air - Aluízio Napoleão

3 – Senta a Pua! - Rui Moreira Lima

4 – Santos-Dumont – História e Iconografia - Fernando Hippólyto da Costa

5 – Com a 1ª ELO na Itália - Fausto Vasques Villanova

6 – Força Aérea Brasileira 1941-1961 – Como eu a vi - J. E. Magalhães Motta

7 – A Última Guerra Romântica – Memórias de um Piloto de Patrulha - Ivo Gastaldoni (ESGOTADO)

8 – Asas ao Vento - Newton Braga

9 – Os Bombardeiros A-20 no Brasil - Gustavo Wetsch

10 – História do Instituto Histórico-Cultural da Aeronáutica - Flávio José Martins

11 – Ministros da Aeronáutica 1941-1985 - João Vieira de Sousa

12 – P-47 B4 – O Avião do Dorneles - J. E. Magalhães Motta

13 – Os Primeiros Anos do 1º/14 GAv - Marion de Oliveira Peixoto

14 – Alberto Santos-Dumont - Oscar Fernández Brital (ESGOTADO)

15 – Translado de Aeronaves Militares - J. E. Magalhães Motta

16 – Lockheed PV-1 “Ventura” - J. E. Magalhães Motta

17 – O Esquadrão Pelicano em Cumbica – 2º/10º GAv - Adéele Migon

18 – Base Aérea do Recife – Primórdios e Envolvimento na 2ª Guerra Mundial - Fernando Hippólyto da Costa

19 – Gaviões de Penacho - Lysias Rodrigues
20 – CESSNA AT-17 - J. E. Magalhães Motta
21 – A Pata-Choca - José de Carvalho
22 - Os Primórdios da Atividade Espacial na Aeronáutica - Ivan Janvrot Miranda
23 – Aviação Embarcada – José de Carvalho
24 - O P-16 Tracker e a Aviação Embarcada – Laércio Becker
25 - Tempos de Gloster e Catalina – Marion de Oliveira Peixoto
26 - Geniais Inventores: Brasileiros à frente do tempo – Rodrigo Moura Visoni

SÉRIE

ARTE MILITAR E PODER AEROESPACIAL

1 – A Vitória pela Força Aérea - A. P. Seversky
2 – O Domínio do Ar - Giulio Douhet
3 – A Evolução do Poder Aéreo - Murillo Santos
4 – Aeroportos e Desenvolvimento - Adyr da Silva (ESGOTADO)
5 – O Caminho da Profissionalização das Forças Armadas - Murillo Santos
6 – A Psicologia e um novo Conceito de Guerra - Nelson de Abreu O' de Almeida
7 – Emprego Estratégico do Poder Aéreo - J. E. Magalhães Motta
8 – Da Estratégia – O Patamar do Triunfo - Ivan Zanoni Hausen

SÉRIE

CULTURA GERAL E TEMAS DO INTERESSE DA AERONÁUTICA

1 – A Linha, de Mermoz, Guillaumet, Saint-Exupéry e dos seus companheiros de Epopéia - Jean-Gérard Fleury
2 – Memórias de um Piloto de Linha - Coriolano Luiz Tenan
3 – Ases ou Loucos? - Geraldo Guimarães Guerra
4 – De Vôos e de Sonhos - Marina Frazão
5 – Anesia - Augusto Lima Neto
6 – Aviação de Outrora - Coriolano Luiz Tenan
7 – O Vermelhinho – O Pequeno Avião que Desbravou o Brasil -Ricardo Nicoll
8 – Eu vi, vivi ou me contaram - Carlos P. Aché Assumpção
9 – Síntese Cronológica da Aeronáutica Brasileira (1685-1941) - Fernando Hippólyto da Costa
10 – O Roteiro do Tocantins - Lysias A. Rodrigues
11 – Crônicas... no Topo - João Soares Nunes
12 – Piloto de Jato - L. S. Pinto e Geraldo Souza Pinto
13 – Vôos da Alma - Ivan Reis Guimarães
14 – Voando com o Destino - Ronald Eduardo Jaeckel (no prelo)

Opúsculos publicados pelo INCAER

1 – Eduardo Gomes - Patrono da Força Aérea Brasileira. 1987 / 2 / Ed: 2007
2 – Nelson Freire Lavenère-Wanderley. 1987 / 2ª ed: 2015
3 – Antonio Guedes Muniz - Pioneiro da Indústria Aeronáutica Brasileira. 1988
4 – Armando Figueira Trompowsky de Almeida - Consolidador do Ministério da Aeronáutica. 1988
5 – Augusto Severo de Albuquerque Maranhão – Mártir da Tecnologia Aeronáutica. 1988
6 – Henrique Raymundo Dyott Fontenelle - O Grande Comandante da Escola dos Afonsos.
1988
7 – Santos Dumont - O Pai da Aviação. 1988
8 – Ruben Martin Berta. 1988
9 – Bartolomeu Lourenço de Gusmão – Precursor da Aeronáutica. 1988 / 2ª ed: 2009
10 – Eduardo Pacheco Chaves - Pioneiro da Aviação Brasileira. 1988 / 2ª ed: 2014
11 – Joaquim Pedro Salgado Filho - Primeiro Ministro da Aeronáutica. 1988 / 2ª ed: 2009
12 – Lysias Augusto Rodrigues - Preconizador do Ministério da Aeronáutica. 1988 / 2ª ed: 2008
13 – Hélio Smidt – Pioneiro da Aviação Comercial Brasileira. 1990
14 – Henrique Fleiuss. 1990
15 – Paulo de Oliveira Sampaio. 1992
16 – Brig do Ar Nero Moura. 1995 / 2ª ed: 2010 / 3ª ed: 2015
17 – Ten Brig Araripe Macedo. 1995
18 – História do Instituto Histórico-Cultural da Aeronáutica, Flávio José Martins - 1986 a 1996
10 Anos - Edição Comemorativa. 1996 / 2ª Ed: 1998
19 – A Primeira Travessia Aérea do Atlântico Sul. 2008
20 – A Saga do Correio Aéreo Nacional. 2008
21 – O Emprego do Avião na Revolução Constitucionalista de 1932. 2008
22 – Marechal-do-Ar Casimiro Montenegro Filho. 2008
23 – A participação da Força Aérea Brasileira na II Guerra Mundial. 2009 / 2ª ed: 2015
24 – La Fuerza Aérea Brasileña durante La II Guerra Mundial. 2009
25 – Ten Brig do Ar Deoclécio Lima de Siqueira – Sua Vida e Sua Obra. 2009
26 – Ten Brig do Ar João Camarão Telles Ribeiro. 2009

27 – Discurso proferido pelo Cel Av Manuel Cambeses Júnior ao assumir a Cadeira
nº 9 do Conselho Superior do INCAER. 2009
28 – Marechal-do-Ar Márcio de Souza e Mello - Um Notável Cidadão Brasileiro. 2010
29 – Maj Brig Ar Dionísio Cerqueira de Taunay – Patrono da Aviação de Patrulha. 2013
30 – Dimitri Sensaud de Lavaud - O Primeiro Voo no Brasil e na América Latina. 2013
31 – Centro de Formação de Pilotos Militares – 1970-1973. 2013
32 – Ten Brig do Ar Moreira Lima – O Ministro Conciliador. 2014
33 – Escola Brasileira de Aviação – A Primeira Experiência da Aviação Militar no Brasil (1914) . 2014
34 – The Participation of the Brazilian Air Force in World War II. 2015
35 – Charlos Astor – Pioneiro do Paraquedismo e da Ginástica Acrobática no Brasil. 2015
36 – O Catalina no Brasil. 2015
37 – Sou o Hoje, o Amanhã: a Intendência da FAB e o seu Patrono. 2015
38 – A Saga dos Guerreiros Polivalentes. 2015
39 – Disciplina, Amor e Coragem é o Lema do Nosso Sucesso! (EEAR). 2016
40 – "Olho Nele" – Esquadrilhas de Ligação e Observação – Vigília Constante em Defesa da Pátria. (ELOS). 2016
41 – Linces: Olhando Além do Horizonte. 2016.
42 – Construção Aeronáutica no Brasil. 2017
43 – Os Balões de Observação na Guerra do Paraguai. 2017
44 – Defendendo na Terra o Domínio do Ar (INFANTARIA). 2017
45 – Dó, Ré, Mi, FAB nas Asas do Universo Musical. 2017
46 – Projeto RONDON – A Força Aérea Brasileira integrando o Brasil. 2017
47 – O Céu É Nosso! A Defesa Aérea Brasileira. 2018
48 – RADAM e DINCART: a Importância da FAB na Cartografia Nacional. 2018
49 – Ada Rogato. 2019
50 – Estação de Hidroaviões do Aeroporto Santos Dumont: 80 anos. 2018
51 – A Mulher na FAB. 2019
52 – Senta a Púa! Brasil: Aviação de caça na FAB. 2019

Projeto Memória (DVD)

1 – Ten Brig Ar Rodolfo Becker Reifschneider; Maj Brig Ar Tércio Pacitti; Ten Brig Ar Octávio Júlio Moreira Lima; Ten Brig Ar Sócrates da Costa Monteiro; Maj Brig Ar Oswaldo Terra de Faria.

2 – Ten Brig Ar Paulo Roberto Coutinho Camarinha; Ten Brig Ar Humberto Zignago Fiuza; Ten Brig Ar Mauro José Miranda Gandra; Maj Brig Ar Lauro Ney Menezes; Ten Brig Ar Ivan Moacyr da Frota.

3 – Ten Brig Ar Pedro Ivo Seixas; Maj Brig Ar Jorge Brandão de Souza Filho; Ten Brig Ar Cherubim Rosa Filho; Ten Brig Ar Walter Werner Bräuer; Maj Brig Ar Mário Bretanha Galvão.

4 – Maj Brig Ar Rui Barbosa Moreira Lima; Maj Brig Ar José Rebello Meira de Vasconcelos.

5 – Ten Brig Ar Sérgio Xavier Ferolla; Ten Brig Ar Carlos de Almeida Baptista; Maj Brig Ar Silas Rodrigues; Brig Araguaryno Cabrero dos Reis.

6 – Ten Brig Ar João Soares Nunes; Maj Brig Ar Enio Russo; Brig Clovis de Athayde Bohrer.

7 – Ten Brig Ar Alfredo Henrique de Berenguer César; Ten Brig Ar Henrique Marini e Souza; Brig Marion de Oliveira Peixoto.

8 – Ten Brig Ar Fernando de Almeida Vasconcellos; Maj Brig Ar Luiz Antonio Cruz; Brig Tarso Magnus da Cunha Frota.

9 – Ten Brig Ar João Felippe Sampaio de Lacerda Junior; Maj Brig Ar Umberto de Campos Carvalho Netto; Maj Brig Ar Emilio José Fonseca.

10 – Ten Brig Ar Hugo de Miranda e Silva; Ten Brig Ar Cleonilson Nicácio Silva; Maj Brig Ar José Elias Matieli.

11 – Ten Brig Ar Reginaldo dos Santos; Maj Brig Ar Hugo de Oliveira Piva.

12 – Eng Ozires Silva.

13 – Ten Brig Ar José Américo dos Santos; Ten Brig Ar William de Oliveira Barros.

14 – Ten Brig Ar Rodopiano de Azevedo Barbalho; Maj Brig Ar Cezar Ney Britto de Mello; Maj Brig Ar Carlos Alberto Martins Cavalheiro.

15 – Ten Brig Ar Ronald Eduardo Jaeckel; Ten Brig Ar Nelson de Souza Taveira.

16 – Maj Brig Ar Manoel Carlos Pereira; Maj Brig Ar Adalberto de Rezende Rocha.

17 – Ten Brig Ar Paulo Roberto Borges Bastos; Maj Brig Ar Marcus Vinicius Pinto Costa.

18 – Brig Wilson Antunes Pereira; Maj Brig Ar Walacir Cheriegate.

19 – Maj Brig Ar Eliseu Mendes Barbosa; Maj Brig Ar Wilson Freitas do Valle.

20 – Brig Luiz Carlos Baginski Filho.

21 – Maj Brig Ar Paulo Jorge Botelho Sarmento; Brig Zilson Luiz Pereira Cunha.
22 – Brig João Evangelista Fontes; Brig Lucilo Correa de Araújo.
23 – Maj Brig Ar Washington Carlos de Campos Machado.
24 – Gustavo Eugênio de Oliveira Borges – Os Primórdios do Sistema de Proteção ao Voo.
25 – Ten Brig Ar Rodolfo Becker Reifschneider – Os Primeiros Dias na Escola de Aeronáutica.
26 – Maj Brig Ar Normando Araújo de Medeiros.
27 – Maj Brig Ar Venâncio Grossi.
28 – O Treinamento Simulado de Voo na Escola de Aeronáutica – SO Qat Lt Arcílio Parizi.
29 – Os Primeiros Anos da Aviação Embarcada – Brig Ar Refm Paulo Coutinho de Assis.
30 – Maj Brig Int Refm Nebar Guillem Baltoré.
31 – Maj Brig Int Refm Denizart Lustosa Ribeiro.
32 – Cel Av Refm Ivan Trompowsky Douat Taulois – A Implantação do Mirage III no Brasil.
33 – Maj Brig Ar José Maria Custódio de Mendonça – A Evolução do Transporte Aéreo Militar na FAB.
34 – Cel Av Refm Ivan Janvrot Miranda – As Raízes do Programa Espacial Brasileiro na FAB.
35 – Cel Av Refm Ajax Augusto Mendes Corrêa – Reminiscência sobre a Carreira e a Aviação de Transporte da FAB.
36 – Cel Av Refm Irineu Rodrigues Neto – Reminiscência sobre a Escola de Aeronáutica, a DEPV e a DIRMA.
37 – Cel Av Refm Renato Paiva Lamounier.
38 – Cel Av Refm João Fares Neto.
39 – Maj Brig Med Refm Ricardo Luiz de Guimarães Germano.
40 – Maj Brig Ar Refm Mayron dos Santos Pereira, Cel Av Refm Paulo Sérgio Barbosa Esteves e SO BCO Refm Mardem Lúcio Matos – Primórdios da Inspeção em Voo.

Pedidos ao:

INSTITUTO HISTÓRICO-CULTURAL DA AERONÁUTICA
Praça Marechal Âncora, 15-A, Centro - Rio de Janeiro - RJ
Cep: 20021-200 - Tel: (21) 2101-6125
Internet: www.incaer.aer.mil.br e-mail: incaer@fab.mil.br